



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**EXAMINANDO A SEMÂNTICA DE ‘QUALQUER’**

Bruno de Souza Medeiros

Rio de Janeiro

2024

BRUNO DE SOUZA MEDEIROS

**EXAMINANDO A SEMÂNTICA DE ‘QUALQUER’**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Quadros Gomes

RIO DE JANEIRO

2024

## EXAMINANDO A SEMÂNTICA DE 'QUALQUER'

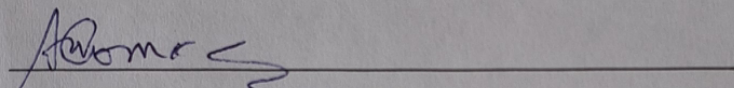
Bruno de Souza Medeiros

Orientadora: Ana Paula Quadros Gomes

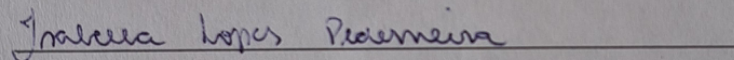
Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação:

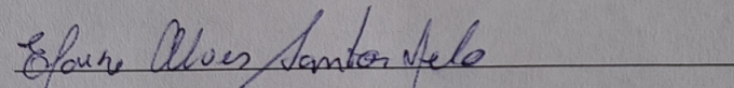
Aprovada por:



Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Quadros Gomes – Presidente da Banca Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.<sup>a</sup> Dra. Isabella Lopes Pederneira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.<sup>a</sup> Dra. Elaine Alves Santos Melo  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Leitão Martins (suplente)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (suplente)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
Março de 2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

M488e      Medeiros, Bruno  
              Examinando a semântica de 'qualquer' / Bruno  
              Medeiros. -- Rio de Janeiro, 2024.  
              121 f.

              Orientador: Ana Paula Gomes.  
              Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, 2024.

              1. Indefinitude. 2. Livre escolha. 3. Polaridade  
negativa. 4. Semântica Formal. 5. Português do  
Brasil. I. Gomes, Ana Paula, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Ana Paula Quadros Gomes pela supervisão e contribuição do progresso do meu trabalho desde a iniciação científica até o mestrado.

Agradeço às professoras Isabella Lopes Pederneira, Elaine Alves Santos Melo, Adriana Leitão Martins e Silvia Regina de Oliveira Cavalcante por aceitarem fazer parte da banca, pela disponibilidade em ler, comentar e debater meu trabalho.

Agradeço às professoras e aos professores do Programa de Linguística da UFRJ que contribuíram tanto para a minha formação. Destaco o professor Gean Nunes Damulakis, que para além das aulas, foi um coordenador atento e disposto a ajudar o corpo discente.

Agradeço também àqueles que tiveram que aguentar meu mau humor e minha indisponibilidade por um tanto tempo: em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Leila Gomes, que, com todo seu esforço, dedicação e sacrifício, me fez conquistar o título de mestre. Agradeço também ao meu irmão, Luan de Souza, às minhas amigas e aos meus amigos — Jade Hodara, Juliana Cavalcante, Belovend (Amanda Sant’Anna), Giovanna Abranches, Thales Oliveira, Thauã Oliveira, Grazi Mayara, Rebeca Lima, Dan Bruno e Fernanda Scaldaferrri — pelos julgamentos de gramaticalidade, aceitabilidade e felicidade, pela companhia, incentivo e suporte.

Agradeço imensamente ao meu analista, Matheus Carvalho, por acolher minhas preocupações e inseguranças.

Agradeço, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela concessão da bolsa de Mestrado Nota 10, que foi essencial para que eu pudesse desenvolver essa pesquisa e ter uma experiência integral do mestrado.

*Estrella de plata*  
*La que más reluce*  
*¿Por qué me llevas por este calvario llenito de*  
*cruces?*

*Tú va' a caballo*  
*Por el firmamento*  
*Yo ciegucecita*  
*Sobre las tinieblas*  
*A pasito lento*

*El barco de vela*  
*De tu poderío*  
*Me trajo a este puerto*  
*Donde me se ahogan*  
*Los cinco sentidos*

*El día que nací yo*  
*¿Qué planeta reinaría?*  
*Por donde quiera que voy*  
*¿Qué mala estrella me guía?*

(Imperio Argentina, em “El Día Que Nací Yo”)

## RESUMO

Medeiros, B. de S. **Examinando a semântica de ‘qualquer’**. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

Apesar dos avanços nos estudos da semântica formal e do grande destaque que itens *Free Choice* (“livre escolha”) (FC) têm recebido na literatura internacional, o português brasileiro ainda é uma língua que tem seu nível semântico pouco descrito. O caso de ‘qualquer’ exemplifica isso. Apesar da grande diversidade de leitura que esse item pode receber, não temos ainda um mapeamento completo de suas condições de licenciamento. O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a descrição do português a nível semântico. O objetivo específico é descrever e analisar o licenciamento de ‘qualquer’. Parte-se da hipótese de que o ambiente sintático interfere na leitura ‘qualquer’. Por isso, mesmo se tratando de um item lexical, diversas leituras estão associadas a ele. Para verificar essa hipótese, os seguintes contextos são analisados: (i) o contraste de sentenças genéricas e episódicas; (ii) o contraste entre as posições de sujeito e complemento sentencial; (iii) o licenciamento de ‘qualquer’ como adjunto sentencial; e, por fim, (iv) a combinação de ‘qualquer’ às preposições ‘com’ e ‘sem’. A metodologia desta pesquisa baseia-se na utilização de testes de gramaticalidade, aceitabilidade e adequação aos contextos das sentenças utilizadas nesse estudo. Os julgamentos obtidos são provenientes da introspecção do autor. Argumentou-se que, nas formas ‘qualquer’ + nome e ‘qualquer um’, ‘qualquer’ é um quantificador FC do português, enquanto, na forma ‘um’ + nome + ‘qualquer’, ‘qualquer’ é um modificador nominal. Com este trabalho, contribui-se para o levantamento de dados sobre ‘qualquer’ no português de acordo com suas condições de licenciamento, o que pode beneficiar estudos futuros sobre o fenômeno FC em uma perspectiva universal.

Palavras-chave: indefinitude, livre escolha, polaridade negativa, Semântica Formal, português brasileiro.

## ABSTRACT

Medeiros, B. de S. **Examining the semantics of 'qualquer'**. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

Despite the advances in formal semantic studies and the prominence Free Choice items have received in international literature, Brazilian Portuguese is still a language whose semantic level is underdescribed. The case of 'qualquer' exemplifies this. Despite the great diversity of readings that 'qualquer' can receive, we still don't have a complete mapping of its licensing conditions. The general aim of this research is to contribute to the description of Portuguese at the semantic level. The specific objective is to describe and analyze the licensing of 'any'. The hypothesis is that the syntactic environment interferes with the reading of 'any'. Therefore, despite being a lexical item, several readings are associated with it. To verify this hypothesis, we analyzed the following contexts: (i) the contrast between generic and episodic sentences; (ii) the contrast between the positions of subject and sentential complement; (iii) the licensing of 'any' as a sentential adjunct; and, finally, (iv) the combination of 'any' with the prepositions 'with' and 'without'. The methodology of this research is based on the use of tests of grammaticality, acceptability and appropriateness to the contexts of the sentences used in this study. The judgments obtained come from the author's introspection. We argued that in the forms 'qualquer' + nome and 'qualquer um', 'qualquer' is a Brazilian Portuguese FC quantifier, while in the form 'um' + nome + 'qualquer', 'qualquer' is a nominal modifier. This work contributes to a data set on 'any' in Portuguese according to its licensing conditions, which may benefit future studies on the Free Choice phenomenon from a universal perspective.

**Keywords:** indefiniteness, free choice, negative polarity, Formal Semantics, Brazilian Portuguese.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES:

### FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Estrutura tripartite .....	13
--	----

### QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Distribuição do $\forall$ FCI ‘any’ .....	49
<b>Quadro 2</b> – Resumo das leituras de ‘qualquer’ em posição de sujeito .....	67
<b>Quadro 3</b> – Resumo das leituras de ‘qualquer’ em posição de complemento .....	68
<b>Quadro 4</b> – Resumo do licenciamento de ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’ .....	111
<b>Quadro 5</b> - Resumo das leituras de ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’ .....	112

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1	A (IN)DEFINITUDE.....	19
1.2	ESTUDOS SOBRE INDEFINIDOS DE LIVRE ESCOLHA: O CASO DO ‘ANY’ NO INGLÊS .	34
1.3	ESTUDOS SOBRE ‘QUALQUER’ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	61
1.4	RETOMANDO O CAPÍTULO .....	72
<b>2</b>	<b>‘QUALQUER’ (PORTUGUÊS) E A INDEFINITUDE .....</b>	<b>74</b>
<b>3</b>	<b>FATOS SOBRE O SINTAGMA COM ‘QUALQUER’ EM PORTUGUÊS .....</b>	<b>84</b>
3.1	RETOMANDO A DISCUSSÃO SOBRE A COMBINAÇÃO DE ‘QUALQUER’ COM A NEGAÇÃO .....	84
3.2	‘QUALQUER’ COMO ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO E MODO E COMPLEMENTO DE PREPOSIÇÃO .....	102
3.3	COMPLETANDO OS CONTEXTOS DE LICENCIAMENTO DE ‘QUALQUER UM’ .....	109
3.4	RETOMANDO O CAPÍTULO .....	111
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>116</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a colaborar para o entendimento da semântica de ‘qualquer’ e adota como arcabouço teórico a Semântica Formal. O determinante<sup>1</sup> ‘qualquer’ apresenta uma aparente polissemia, pois pode receber diferentes leituras a depender do contexto sintático e da configuração sintática que possui.

- 1) Qualquer coruja caça rato.
- 2) Pegue qualquer carta.
- 3) Um louco qualquer invadiu o palco na hora do festival.
- 4) Meu nome está sujo no SPC, mas ainda tenho qualquer credibilidade na praça.
- 5) João não comprou qualquer jornal.
  - a) João não comprou qualquer jornal, pois, quando chegou à banca, todos aqueles de que o jornaleiro dispunha já tinham sido vendidos.
  - b) João não comprou qualquer jornal, ele comprou o A Verdade.

Em (1), o sintagma ‘qualquer coruja’ tem leitura não-específica, universal; ou seja, refere-se a todas os indivíduos da espécie “CORUJA”. Em (2), há a leitura de *Free Choice* (“Livre Escolha”)<sup>2</sup> (FC). Isso porque, além de afirmar que o ouvinte tem que pegar uma carta, o sintagma ‘qualquer carta’ também informa ao interlocutor que cada uma das cartas do conjunto presente naquela situação é uma opção permitida. Em (3), o sintagma ‘um louco qualquer’ tem leitura específica e ‘qualquer’ pós-nominal parece contribuir para a não-identificação da pessoa em questão, que pode ser um ou ser outro, marcando também certa indiferenciação entre o invasor e outros indivíduos loucos; ou seja, nenhuma característica especial destaca esse invasor dos demais componentes do grupo de loucos a que o tal invasor pertence. Em (4), o sintagma ‘qualquer credibilidade’ informa que, na situação relevante, a propriedade de ter credibilidade está presente, mas em um grau baixo. Para (5), há duas interpretações possíveis. O sintagma ‘qualquer jornal’, sob escopo da negação, pode ser

---

<sup>1</sup> Estou usando determinante como um termo geral para tudo o que em português precede o nome na projeção estendida do sintagma nominal (*cf.* Cunha; Cintra, 2017), para não me comprometer ainda, neste momento do trabalho, com uma classificação que implique uma análise mais profunda, como quantificador universal, Item de Livre Escolha ou Item de Polaridade Negativa.

<sup>2</sup> O conceito de livre escolha será mais bem desenvolvido adiante. No momento, podemos tomar como definição provisória a conceituação de Degano e Aloni (2021). De acordo com os autores, ao utilizar um indefinido de livre escolha em uma sentença, o falante informa a seu interlocutor que ele pode escolher alguma coisa e que todas as opções são alternativas permitidas. A sentença (2) deixa claro esse efeito, pois, por mais que apenas uma carta venha a ser escolhida, todas as cartas disponíveis são opções igualmente boas para essa escolha.

interpretado como “nenhum jornal”, como em (5a), o que configura uma leitura universal negativa, ou como “um jornal especial”, se houver uma entonação especial ou uma continuação da sentença, como em (5b), o que configura uma leitura adjetival para ‘qualquer’. Semelhantemente, quando dizemos ‘João não é um grande escritor’, podemos manter que João seja um escritor, eliminando pela negação sentencial apenas a grandeza de seus escritos.

As múltiplas interpretações que ‘qualquer’ apresenta levantam a questão de como explicar essa diversidade de significados. Uma possibilidade seria assumir que haveria mais de uma entrada lexical para ‘qualquer’. Na ausência de evidências contundentes da existência de dois itens ‘qualquer’, essa hipótese se torna menos atrativa. Uma segunda opção seria considerar que haveria apenas uma operação realizada por ‘qualquer’, que pode ser aplicada a sintagmas muito diversos, em ambientes sentenciais muito distintos, resultando nessas variadas leituras. Este trabalho seguirá nesta linha de pensamento. Modelos formais de estudos de gramática se propõem não só a descrever o licenciamento, a distribuição e a contribuição do item para o significado global da sentença, mas também a prever como ele poderá se comportar e ser interpretado em outras sentenças das línguas naturais. Por isso, ainda é necessário pensar sobre como prever o significado de ‘qualquer’ em novas sentenças que venham a empregar esse determinante. Isso torna “qualquer” um desafio interessante para os estudos formais.

Apesar de ser um objeto de estudo interessante para modelos formais de estudo de gramática, poucos trabalhos formais se dedicaram ao significado de ‘qualquer’ em português. Levantamentos no Google Acadêmico mostram apenas os trabalhos “Sobre o comportamento semântico de ‘qualquer’”, de Márcio Renato Guimarães (1995), “‘Todo’, ‘cada’ e ‘qualquer’: exigências sobre a denotação nominal e a verbal”, de Ana Paula Quadros Gomes (2004), “Qualquer e o conceito de livre-escolha”, de Roberta Pires de Oliveira (2005), e “Refletindo sobre a escolha livre”, também de Roberta Pires de Oliveira (2011). O tema não é revisitado, ao menos dentro do nosso conhecimento, há mais de uma década. As questões levantadas por ‘qualquer’ ainda não foram esgotadas, de modo que não foram descritos completamente nem explicados os sentidos ilustrados de (1) a (5).

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a descrição do português<sup>3</sup> a nível semântico. O objetivo específico é descrever e analisar o licenciamento de ‘qualquer’. A hipótese formulada para este trabalho é a de que o ambiente sintático interfere na leitura produzida por ‘qualquer’. Para isso, refletiremos sobre como os seguintes fatores interferem na

---

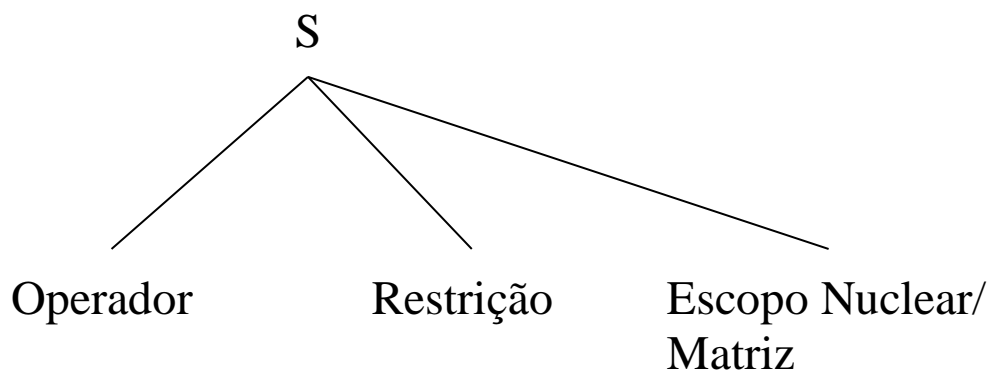
<sup>3</sup> As menções feitas ao português ao longo do texto referem-se exclusivamente ao português brasileiro. Caso haja necessidade de citar o português de Portugal, este estará devidamente especificado.

semântica de ‘qualquer’: (i) o fato de a sentença ser genérica ou episódica<sup>4</sup>; (ii) ‘qualquer’ estar em posição de sujeito ou em posição de complemento sentencial; (iii) se a ocorrência de ‘qualquer’ está em um sintagma nominal (NP) argumental, em contraste com sua ocorrência como adjunto; e, por fim, (iv) a combinação de ‘qualquer’ às preposições ‘com’ e ‘sem’.

A semântica formal tem como um de seus fundamentos o princípio da composicionalidade (Partee, 2008; 2012). Segundo esse princípio, “o significado de uma expressão complexa é a função dos significados de suas partes e das regras sintáticas pelas quais são combinadas.”<sup>5</sup> (Partee, 2012, p. 318, tradução minha). Sendo assim, faz parte do trabalho do semanticista observar não só o significado de uma expressão linguística, mas também as condições sintáticas e a combinação com outros componentes do sintagma e da sentença que permitem que tal significado emerja.

A divisão entre sujeito e predicado é refletida na semântica pela análise de sentenças quantificadas em uma estrutura tripartite. De acordo com Bach *et al.* (1987), a figura abaixo ilustra “a ‘clássica’ estrutura argumental para a interpretação de NPs como quantificadores generalizados, com o determinante (D) atuando como uma função que parte dos significados de nomes comuns (conjuntos) para as famílias dos conjuntos (ou conjuntos de propriedades).”<sup>6</sup> (Bach *et al.*, 1987, p. 9).

**Figura 1** – Estrutura tripartite



Fonte: Elaboração própria

<sup>4</sup> A distinção dos tipos de sentença será feita mais adiante ainda nesta seção.

<sup>5</sup> No original: “The meaning of a complex expression is a function of the meanings of its parts and of the syntactic rules by which they are combined”.

<sup>6</sup> No original: “[...] the ‘classical’ argument structure of the interpretation of NP’s as generalized quantifiers, with the determiner (D) acting as a function from common noun meanings (sets) to families of sets (or sets of properties)”.

O que os autores dizem é que sentenças com quantificadores podem ser divididas em três partes: o quantificador, o nome que restringe o domínio de quantificação, e o sintagma verbal, que representa o predicador que se aplicará aos elementos do domínio nominal na restrição, chamado de escopo nuclear ou matriz. Seguindo a linha de Barwise e Cooper (1981), esses elementos têm que ser combinados em uma ordem específica. Em primeiro lugar, o quantificador toma o nome. Do ponto de vista da sintaxe, essa combinação resulta na formação de um NP, enquanto do ponto de vista semântico, há a formação de um quantificador generalizado. Após isso, o quantificador generalizado é combinado ao predicado sentencial. A representação estrutural em (6) ilustra essa operação, capturando a ordem de concatenação.

6) [ [ [Operador] Restrição] [Escopo Nuclear] ]

- a) [[[operador Qualquer [restrição coruja]] [escopo nuclear caça rato]]. (= 1)
- b) [[[operador Qualquer [restrição carta]] [escopo nuclear (você) pegue]]. (= 2)
- c) [[[operador Qualquer [restrição credibilidade]] [escopo nuclear (eu) tenho]]. (= 4)
- d) [[[operador Qualquer [restrição jornal]] [escopo nuclear (João) não-comprou]]. (= 5)

A união do conjunto representado pela restrição e do conjunto representado pelo escopo nuclear cria uma interseção, que informa o número de indivíduos que possuem uma determinada propriedade. Discutir o comportamento da interseção de ‘qualquer’ é parte da tarefa desta pesquisa. A observação do contraste das posições de sujeito e de complemento no licenciamento de ‘qualquer’ é fundamental para jogar luz sobre essa questão. Em (6a), representamos a sentença (1), com ‘qualquer’ colocando cada um dos indivíduos de sua restrição, o domínio nominal que contém os membros da espécie coruja, como argumentos que satisfazem o predicador “caçar-ratos”. Em (6b), representamos a sentença (2), com ‘qualquer’ colocando cada uma das cartas presentes na situação relevante (aquela em que (2) é enunciada, ou seja, o conjunto de cartas apontado pelo falante), ou seja, todos os indivíduos de sua restrição, como um indivíduo que o ouvinte esteja autorizado a escolher; em outras palavras, cada uma das cartas do grupo pode ser pega, atuando como um argumento (interno) do predicador “pegar”. Semanticamente, o rearranjo semântico resultante do tratamento de ‘qualquer’ como um quantificador generalizado aproxima as interpretações de (1) e (2). Porém, obviamente, não podemos tratar da mesma forma (3), em que o quantificador generalizado é ‘um’. No caso de (6c), que deveria representar a sentença (4) assim como (6b) representou a sentença (2), visto que em ambas as sentenças ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento verbal, temos uma estranheza. A “forma” de (6c) leva a pensar que, como para

(6b) a totalidade dos indivíduos na restrição será tomada como argumento do predicado verbal, mas não é essa a interpretação que damos à sentença (4). Ainda que levemos em conta que ‘credibilidade’ é um nome massivo, e não contável, e, na falta de tipos de credibilidade, pensemos em graus de credibilidade, podendo pensar que o domínio está dividido em graus de credibilidade: credibilidade baixa, média, alta etc., o que (6c) diria é que cada um desses graus é tido por mim, o que resultaria em afirmar que eu tenho ao mesmo tempo credibilidade baixa, média e alta, o que não faria sentido. Interpretamos (4) como afirmando que me resta alguma credibilidade, ou seja, um tanto definido e pequeno. A única credibilidade que o sujeito de (4) tem é a baixa, ele não goza de alta credibilidade. Então (6c) não corresponde à interpretação de (4), mostrando que também não podemos tratar (4) como fizemos com (1) e (2), com o modelo em (6). Para a interpretação (5a), (6d) funciona, pois, para cada jornal existente no mercado, existe a negativa de compra deste jornal por João. Mas a interpretação (5b) não é contemplada por (6d). Vemos que (6) não funciona para as sentenças em que ‘qualquer’ + nome tem interpretação específica, com referente que é um único indivíduo no domínio; para as sentenças em que ‘qualquer’ + nome coloca o máximo de indivíduos do domínio nominal como argumentos da predicação, (6) é uma representação de acordo. O modelo em (6) então é adequado para a leitura universal de ‘qualquer’, mas vimos que ‘qualquer’ tem ainda outras leituras. Nossa tarefa é mapear em que ambientes sintáticos ‘qualquer’ é lido como universal, e em que condições é lido como um indivíduo apenas. Descrevendo o licenciamento e a interpretação de ‘qualquer’, poderemos inferir quais são suas exigências (sua seleção semântica) e que operação ‘qualquer’ faz, e como essa contribuição interage com os diferentes ambientes sintáticos.

Até o momento discutimos como a proposta da quantificação feita por determinantes (quantificadores-D) se aplica a ‘qualquer’, mas há outra maneira de quantificar, que é por meios aspectuais e adverbiais (chamados de quantificadores-A). Seguindo Lewis (2002[1975]), Rooth (2022, p. 295-296) afirma que “advérbios de quantificação às vezes têm paráfrases ou quase-paráfrases envolvendo determinantes de quantificação”<sup>7</sup>. Ou seja, advérbios de quantificação têm a forma morfológica de advérbios, mas funcionam sintaticamente como quantificadores. A quantificação desse tipo de advérbios recai na contagem de episódios de um evento. Além disso, são considerados quantificadores irrestritos, pois não fazem seleção categorial podem prender livremente distintas variáveis tanto em sua restrição quanto em seu escopo nuclear.<sup>8</sup> No

<sup>7</sup> No original: “[...] adverbs of quantification sometimes have paraphrases or near-paraphrases involving quantificational determiners.”

<sup>8</sup> As variáveis livres serão discutidas na próxima seção.

português, alguns advérbios de quantificação são: ‘sempre’, ‘geralmente’, ‘habitualmente’, ‘frequentemente’, ‘raramente’, ‘nunca’ e ‘jamais’. A análise de quantificadores baseada na estrutura tripartite é válida também para quantificadores-A. Observe os exemplos a seguir, retirados de Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2018, p. 184).

7)

- a) Um galo sempre canta ao raiar do dia.
- b) [QUANTIFICADOR *sempre* [ESCOPO NUCLEAR *galo*] RESTRIÇÃO *canta ao raiar do dia*]

8)

- a) Todo galo canta ao raiar do dia.
- b) [QUANTIFICADOR *todo* [ESCOPO NUCLEAR *galo*] RESTRIÇÃO *canta ao raiar do dia*]

Tanto (7) quanto (8) podem ser parafraseadas como “se for galo, então canta ao raiar do dia”. A paráfrase indica que ambas as sentenças têm força universal, mas, como podemos ver pela construção das sentenças, esse significado é alcançado por meios diferentes. Em (7), o advérbio ‘sempre’ quantifica universalmente os eventos de cantar ao amanhecer em que há um galo como participante. Já em (8), a quantificação de ‘todo’ recai sobre ‘galo’, de modo que, para todos os indivíduos pertencentes à categoria ‘galo’, é possível afirmar que esses indivíduos cantam ao amanhecer. Dito isso, vale lembrar que ‘qualquer’ é um D-quantificador, e não um A-quantificador; no entanto, como visto, o mecanismo de tratamento para quantificação nominal, com a divisão tripartite dada em (6) e (7), só se aplica a algumas das sentenças com ‘qualquer’.

A natureza da sentença também impacta o licenciamento de determinantes. Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2018) mostram com os exemplos (9a) e (9b) e (9c), respectivamente, que o nome próprio e o determinante ‘um’ são licenciados com o predicado “me mordeu”, mas o nome nu “cachorro” é agramatical nesse contexto. No entanto, o uso do nome nu “Cachorros” em (10) é perfeitamente aceitável no português. Isso indica que há algo na semântica do singular nu que impede seu licenciamento no tipo de sentença em questão.

9)

- a) **Totó** me mordeu.
- b) **Um cachorro** me mordeu.
- c) \***Cachorro** me mordeu.



10) **Cachorros** perseguem gatos.

Semanticamente, as sentenças podem ser classificadas em genéricas ou episódicas. As sentenças em (9) são exemplos de sentenças episódicas, enquanto a sentença (10) é exemplo de sentença genérica. Muitos fenômenos linguísticos, além do licenciamento de nomes nos singulares (sem morfema de plural) em posição de sujeito, ilustrado nos exemplos (9) e (10), são sensíveis a essa oposição. As sentenças episódicas descrevem um episódio, um acontecimento, um evento ocorrido em um local determinado, em certo momento, com participantes específicos. Já as sentenças genéricas descrevem propriedades que se aplicam, de modo geral, caracteristicamente, a todos os representantes de uma espécie ou classe de objetos. Do ponto de vista gramatical, as sentenças episódicas tendem a trazer o verbo no pretérito perfeito, enquanto as genéricas tendem a trazer o verbo no presente simples.

De acordo com Müller (2000), as línguas naturais possuem duas estratégias para expressar genericidade: expressões nominais que denotam espécie, que, segundo Müller (2000, p. 134) “denotam toda uma classe de entidades e não a cada uma delas concretamente”, e sentenças genericamente quantificadas, que “são generalizações sobre entidades, estados ou eventos” (Müller, 2000, p. 134). É importante ressaltar que, na última estratégia, a da sentença genericamente quantificada, a genericidade é uma característica de toda a sentença e não de certo sintagma nominal. A quantificação genérica é realizada por um operador semântico (GEN) que toma como domínio a sentença inteira. Esse operador não é pronunciado, ou seja, não pode ser visto, mas seus efeitos se fazem sentir, na interpretação de que as propriedades do predicador sentencial se aplicam a todo e qualquer indivíduo da espécie ou classe relacionada ao sintagma nominal em posição de sujeito. Já as sentenças episódicas “descrevem situações únicas, que não se repetem, estão ancoradas no tempo e no espaço, e envolvem participantes particulares” (Quadros-Gomes; Sanchez-Mendes, 2018, p. 59).

Como vimos, ‘qualquer’ pode participar de sentenças genericamente quantificadas (como em (1) e (2)) episódicas (como em (3), (4) e (5)), mas com interpretações universais apenas nas sentenças genericamente quantificadas; nas sentenças episódicas, como vimos, ‘qualquer’ não é interpretado como um quantificador generalizado com força universal. Daí a importância de colocar na análise o tipo de sentença. Por isso, vamos continuar a empregar o rótulo ‘determinante’ para falar de ‘qualquer’, até termos mais dados analisados.

Por fim, vale lembrar que os determinantes do português são pré-nominais; ‘qualquer’ é um determinante nos exemplos (1), (2), (3) e (5)), mas não no exemplo (4). Em (4), ‘um’

ocupa a posição típica de determinante, e ‘qualquer’ está na posição default para os modificadores em português. Prevemos que tal diferença estrutural deva ter efeitos semânticos. (Apesar disso, manteremos provisoriamente o rótulo de determinante, ao nos referirmos a ‘qualquer’.) Um outro fator estrutural que investigaremos como fonte das diferenças interpretativas é se ‘qualquer’ + nome está em posição de sujeito (as sentenças (1) e (3), por exemplo) ou de complemento (as sentenças (2), (4), e (5), por exemplo), ou seja, atuando como argumento externo ou interno.

A metodologia desta pesquisa sobre o comportamento de ‘qualquer’ é de cunho qualitativo. Esta dissertação está inserida no quadro teórico da semântica formal, que trabalha com a gramática internalizada do falante. Isso significa dizer que assumimos que toda pessoa que seja falante de uma língua natural tem intuições sobre sua própria língua, e são essas intuições que o linguista busca acessar por meio dos julgamentos. Os julgamentos dos dados passaram pela introspecção do autor, que tem o português brasileiro como língua nativa, mais especificamente a variedade da cidade do Rio de Janeiro, e são tomados como exemplares desta variedade.

Para a análise de dados, verificou-se a boa formação sintática (julgamento de gramaticalidade) e a aceitabilidade das sentenças no português. Além de ver se a sentença é ou não bem formada e se é ou não aceita em português, foi necessário confirmar se as sentenças trabalhadas serviam para descrever cenários e contextos particulares. Primeiramente, utiliza-se o teste do julgamento de valor de verdade, que parecia sentenças a situações fora da língua. Tanto a sentença “Está chovendo hoje” quanto a sentença “Não está chovendo hoje” são bem formadas e aceitas em português, mas só uma delas será verdadeira de uma situação particular; por exemplo, só a segunda descreve um dia em que cai água das nuvens, logo, nesse cenário, a segunda é falsa e a primeira é verdadeira. Além desses testes, há os testes de adequação ou felicidade. Tanto “O gato miou” quanto “Um gato miou” são sentenças bem-formadas e aceitáveis em português, e ambas servem para descrever uma mesma cena, em que um indivíduo da espécie dos gato emite um miado; mas a primeira será escolhida espontaneamente pelo falante num cenário em que ele e o ouvinte saibam qual é o referente do sintagma nominal, ou seja, em que ambos partilhem o conhecimento da identidade do gato que miou, enquanto a segunda será a escolha espontânea em cenários em que o falante esteja introduzindo a existência do gato no conhecimento do ouvinte. Ou seja, dita quando o gato for um desconhecido para o ouvinte, e não tiver sido mencionado no discurso anteriormente, a sentença “O gato miou” será infeliz/ inadequada e a sentença “Um gato miou” será feliz/ adequada. Todos esses julgamentos são realizados por falantes nativos acessando a própria intuição, e assume-se que a intuição se

ampara na gramática internalizada, sendo comum a todos os falantes nativos de uma mesma língua natural.

Para descrever o significado das sentenças, utilizou-se o método da paráfrase, que consiste em reelaborar o que a sentença significa em novos termos, para que fique clara a sua interpretação. Por exemplo, a sentença (6) é ambígua, e cada uma das interpretações foi parafraseada, uma em (6a) e outra em (6b). Para clarificar o significado da sentença, utilizou-se ainda o método de não-contradição, que consiste em continuar a sentença com mais conteúdo, para ver se a versão mais longa é admissível logicamente ou não. Por exemplo “Hoje está chovendo e hoje não está chovendo” é um exemplo típico de contradição. Apenas uma das partes coordenadas pode ser verdadeira num dado cenário, mas as duas juntas não. Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos a partir de buscas no Google.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: na subseção 1.1, introduz-se a noção de (in)definitude e os testes usados na literatura para identificar essa noção; na subseção 1.2, apresenta-se o que já foi dito na literatura sobre a semântica de correlatos de ‘qualquer’ em outras línguas naturais, como ‘*any*’; na subseção 1.3, discute-se o que foi escrito sobre a semântica do operador do português ‘qualquer’; na subseção 1.4, fecha-se a seção com uma síntese dos pontos mais importantes da discussão. Na seção 2, aplica-se os testes resenhados na subseção 1.2 às formas de ‘qualquer’ para discutir seu status enquanto indefinido. Na seção 3, analisam-se os dados compilados neste trabalho como exemplares das interpretações e do comportamento sintático de ‘qualquer’: na subseção 3.1, exploram-se os dados de ‘qualquer’ com a negação em diálogo com a literatura; na subseção 3.2, examinam-se os dados de ‘qualquer’ como em posição de adjunto adverbial de tempo e de modo e como complemento das preposições ‘com’ e ‘sem’; na subseção 3.3, exploram-se os contextos de licenciamento da forma ‘qualquer um’; na subseção 3.4, conclui-se a seção com uma síntese dos pontos mais importantes da discussão. Por fim, apresentam-se considerações finais do trabalho, com a aferição daquilo que foi alcançado com o presente trabalho e daquilo que ainda permanece sem resposta.

## **1.1 A (in)definitude**

Quantificadores generalizados são entendidos como conjuntos de conjuntos (quantificadores de segunda ordem). Enquanto o nome próprio denota um único indivíduo com referência fixa, e nomes comuns denotam conjuntos de indivíduos, os quantificadores generalizados denotam a função que toma a interseção do conjunto denotado pelo nome

concatenado sintaticamente ao quantificador com o conjunto denotado pelo predicado sentencial (geralmente verbal). Quantificadores generalizados têm como característica fundamental a conservatividade. A relação de conservatividade é definida por Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2018) da seguinte maneira: “[u]ma relação R, entre dois conjuntos quaisquer, que chamaremos de A e B, será uma relação conservativa caso, sendo essa relação R mantida entre A e B, então essa mesma relação R seja mantida também entre A e sua intersecção com B ( $A \cap B$ ).” (Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018, p. 88). Observe o exemplo a seguir.

11) Todo homem é mortal.

A relação entre o conjunto dos homens e o dos mortais expressa pela sentença (11) é conservativa, pois dela entendemos que, se todo homem é mortal, então todo homem é um homem que é mortal. Essa paráfrase vai ao encontro da definição proposta anteriormente. No exemplo, ‘todo’ estabelece uma relação em que todos os indivíduos denotados pelo conjunto “homem” estão incluídos no conjunto denotado por “mortal”. Essa relação também é válida para a intersecção do conjunto “homem” com o conjunto “homem que é mortal”, tal como prediz a definição.

Sabemos que determinantes são classificados também de acordo com a sua (in)definitude. A definitude é codificada em determinantes definidos, como em ‘a’ e ‘o’ do português, e está relacionada à retomada anafórica dos referentes, às noções de familiaridade e de unicidade, que detalharemos a seguir. De acordo com Heim, “um definido é usado para se referir a alguma coisa que já é familiar no atual estágio da conversação. Um indefinido é usado para introduzir um novo referente” (Heim, 1983, p. 164, tradução minha). Ou seja, a infinitude, que é codificada em indefinidos como ‘uma’ e ‘um’ em português, pode ser identificada pela sua função discursiva de introduzir de novos referentes no discurso. Para clarificar esse ponto, considere os exemplos a seguir.

12)

- a) A mãe coloca **um prato** na mesa em frente do filho. **O prato** desliza suavemente [...]. (Visniec, 2015, p. 31, grifo meu).
- b) A mãe coloca **um prato** na mesa em frente do filho. **Um prato** desliza suavemente.
- c) A mãe coloca **o prato** na mesa em frente do filho. **O prato** desliza suavemente.

Os exemplos em (12) ilustram a divisão de trabalho entre definidos e indefinidos crucial para a proposta de Heim. Em (12a), na primeira menção ao prato, utiliza-se o indefinido “um” no sintagma nominal “um prato”. Na segunda menção, o mesmo objeto aparece retomado pelo sintagma nominal definido “o prato”. Entendemos que se trata de duas menções ao mesmo objeto. O referente é introduzido no discurso pelo indefinido, e retomado pelo definido. Já em (12b), temos duas ocorrências do mesmo sintagma indefinido, e não há garantia de que o referente do prato colocado pela mãe na frente do filho seja o mesmo do prato que deslizou. Em contraste com (12a), (12b) é mais naturalmente interpretado como fazendo menção a dois pratos distintos. A versão (12c) traz duas ocorrências do sintagma definido “o prato”, uma em cada sentença. Entendemos obrigatoriamente que o referente é o mesmo, aquele único prato presente na situação relevante. A diferença entre (12a) e (12c) é que, para ser natural, (12c) requer que “o prato” já seja familiar para o ouvinte antes da enunciação das duas sentenças, ao passo que (12a) é apropriadamente dita num cenário em que ninguém tinha visto o prato em questão ainda, e sua existência na cena é novidade.

Na abordagem de Heim (1983, 2011[1982]) e Kamp (1981), os indefinidos não possuem força quantificacional própria, e, portanto, são entendidos como variáveis livres, que podem ser presas tanto por quantificadores de força existencial quanto por quantificadores de força universal, e, por isso, “um professor trabalha muito” tem duas interpretações possíveis: (i) “se alguém for professor, esse alguém geralmente vai trabalhar bastante” (‘um’ está preso por um quantificador universal, tornando-se sinônimo de ‘todo’), e (ii) “existe um certo professor, o Fulano, que trabalha demais, muito além dos colegas” (‘um’ está preso por um quantificador existencial, ganhando referência determinada e leitura específica).

Na definição de Heim e Kratzer (1998, p. 92, grifo das autoras), “[u]ma variável denota um indivíduo, mas apenas *em relação a uma escolha de atribuição de um valor*.”<sup>9</sup>. Nesse sentido, o sintagma indefinido não possui força quantificacional própria e seu valor semântico é estabelecido a depender do operador presente na sentença. Sendo assim, um indefinido pode ser preso pelo operador genérico presente em uma sentença ou pode ser preso pelo operador existencial introduzido pelo fechamento existencial da sentença (“*existential closure*”)<sup>10</sup>.

Heim (2011[1982]) discute as chamadas “*donkey sentences*” para evidenciar a ausência de força quantificacional em indefinidos. *Donkey sentences* “são sentenças que contêm um NP

<sup>9</sup> No original: “A variable denotes an individual, but only *relative to a choice of an assignment of a value*.”

<sup>10</sup> Na análise de Heim (2011[1982]) para os indefinidos, a autora a operação de “*existential closure*”, que seria responsável por introduzir um operador existencial ao fim da derivação da sentença ou no escopo nuclear da estrutura tripartite. Esse operador é não-seletivo; ou seja, não se prende a uma variável específica, mas quantifica sobre todas as variáveis livres presentes na sentença.

indefinido que está dentro de uma oração condicional ou relativa, e um pronome que está fora dessa oração condicional ou relativa, mas está relacionado anaforicamente ao NP indefinido.” (Heim, 2011[1982], p. 35)<sup>11</sup>. Em (13) e (14), temos exemplos de *donkey sentences*.

13) *If a man owns a donkey, he beats it.*

“Se um homem tem um burro, ele bate nele.”

14) *Every man who owns a donkey beats it.*

“Todo homem que tem um burro bate nele.”

Inicialmente podemos notar que as sentenças em (13) e (14) são sinônimas, mas (13) é construída com o sintagma indefinido “*a man*”, ao passo que (14) é construída pelo quantificador universal “*every man*”, sendo ‘*every*’ um quantificador universal. Além disso, ambas as sentenças são ambíguas, em termos pois delas é possível entender que (i) todo fazendeiro que possui um certo burro bate nesse burro que ele possui, ou que (ii) todo fazendeiro que tem burros bate em todos os burros que ele possui. As sentenças (15) e (16) também formam mais um conjunto de evidências em favor da posição de indefinidos sem força quantificacional própria.

15) *A donkey is grey.*

“Um burro é cinza.”

16) *John has a donkey.*

“John tem um burro.”

17) *There is a donkey in the yard.*<sup>12</sup>

“Tem um burro no jardim.”

Heim (2011[1982]) mostra que, mesmo em outras sentenças, é possível identificar a variabilidade quantificacional de indefinidos. Em (15), ‘*a donkey*’ tem leitura

---

<sup>11</sup> No original: “Donkey sentences are sentences that contain an indefinite NP which is inside an if-clause or relative clause, and a pronoun which is outside that if-clause or relative clause, but is related anaphorically to the indefinite NP.”

<sup>12</sup> Esta sentença é importante para a discussão sobre infinitude. Ainda nesta seção, discutiremos sua aplicação.

genérica/universal. Em (16) e (17), por outro lado, o NP indefinido só pode ser interpretado existencialmente.

Outros testes também têm sido utilizados para distinguir definidos e indefinidos. Dayal (no prelo) reúne diversas sentenças utilizadas na classificação de itens quanto a (in)definitude na forma de testes. O objetivo deste questionário de eliciação é ajudar a diagnosticar a (in)definitude, sobretudo em línguas pouco descritas, a partir de testes que já são consensuais na literatura em semântica formal sobre o tema.

Vale lembrar uma característica importante dos testes linguísticos, em especial no campo da semântica: nenhum é infalível, nem por si só, decisivo. É necessário observar mais contextos e aplicar mais de um teste para que se possa discutir o status de um item lexical da língua. O primeiro teste que vamos discutir trata da leitura genérica de indefinidos. Diversos autores (por exemplo, Partee (1970), Carlson (1977), entre outros) apontam que indefinidos são ambíguos entre uma leitura genérica e uma leitura existencial. Partee (1970) discute a (não) referencialidade do sintagma nominal para argumentar em favor de sua visão sobre os pronomes. Os exemplos de indefinidos com variabilidade quantificacional (como os que serão apresentados a seguir) contribuem para sua argumentação em favor da extensão do tratamento de indefinidos como variáveis a todos os pronomes. De acordo com Dayal (no prelo), indefinidos também podem ser identificados por sua ambiguidade. Em certos contextos, os indefinidos podem produzir leitura genérica ou existencial. Os dados a seguir ilustram esse ponto.

18) Uma vaca come grama.

19) A vaca come grama.

20) João gostaria de se casar com uma garota que seus pais não tenham aprovado (ainda).

21) João gostaria de se casar com a garota que seus pais não tinham aprovado (antes)/\*tenham aprovado (ainda).

Os exemplos (18) e (19) foram inspirados no exemplo de Dayal (no prelo) para o inglês. Em (18), o sintagma “a vaca” é ambíguo, pois pode ser interpretado como (i) uma vaca, a Mimosa, come grama, enquanto outra vaquinha, a Camila, só come feno; ou (ii) todo indivíduo pertencente ao conjunto das vacas come grama. A troca do indefinido pelo definido ‘o’ em português parece equivalente neste cenário. O sintagma “a vaca” em (19) igualmente pode se referir a uma vaca em particular, que está saliente no discurso, ou pode se referir à espécie “vaca” como um todo. Isso muda com as sentenças (20) e (21), que foram inspiradas no

exemplo de Partee (1970) para o inglês. Em (20), o sintagma “uma garota” pode informar que existe uma garota, a Nicole, com quem João gostaria de se casar, apesar de os pais de João não aprovarem Nicole, bem como pode informar que João gostaria de se casar com qualquer garota que seus pais desaprovassem, só para contrariá-los. Nesse último caso, a sentença não faz referência a nenhuma garota em particular, mas informa que qualquer garota com quem João queira se casar tem que satisfazer a condição de receber a desaprovação dos pais de João. Em (21), que tem o complemento definido ‘a garota’, só é compatível com a primeira leitura de (20), portanto, só pode descrever a vontade de João de se unir a uma garota específica, a qual não obteve a aprovação de seus pais. A sentença (21) não permite a segunda leitura de (20), aquela em que João deseja se casar com qualquer garota que não receba a aprovação dos seus progenitores, e isso é demonstrado pela impossibilidade de usar o tempo e o modo verbais “tenham aprovado”, que são agramaticais em (21) apesar de serem gramaticais em (20).

Concluimos que, tal como Müller (2000) havia dito, a espécie ou a genericidade podem ser expressos tanto por sintagmas nominais indefinidos, como ‘uma vaca’, em (18), quanto por sintagmas nominais definidos, como ‘a vaca’, em (19), desde que o predicado sentencial possa ser interpretado como um predicado de espécie, característico. Já as sentenças (21) e (22) trazem predicados sentenciais episódicos (o casamento de uma pessoa com outra é uma ocorrência única no tempo e no espaço). A modalidade desiderativa (realizada por “gostaria”) permite que o sintagma nominal argumental em posição de complemento do verbo ‘casar’ seja uma pessoa real, com referência específica, ou uma pessoa idealizada, um modelo em que diversos seres humanos poderiam se encaixar. Nesse cenário, a (in)definitude faz diferença. Enquanto o indefinido em (20) se presta às duas interpretações (a pessoa com quem João deseja se casar é alguém específico, das relações dele; ou João quer contrariar seus pais se casando com qualquer pessoa desaprovada por eles), o definido em (21) só permite a referência a uma pessoa específica.

Podemos agora verificar como ‘qualquer’ se comporta, em comparação com o artigo definido e o indefinido.

22) Qualquer vaca come grama.

23) João gostaria de se casar com qualquer garota que seus pais não tenham aprovado (ainda).

Nem (22) nem (23) apontam para uma vaca ou uma garota específica, pareando ‘qualquer’ com os indefinidos nesse contexto.



A seguir, testamos a combinação de (in)definidos a um predicado de espécie. Alguns predicados como “está em extinção” e “evoluiu de” são considerados predicados de espécie, pois só podem ser saturados por expressões que fazem referência à espécie. O teste em questão foi utilizado por Carlson (1977) para distinguir indefinidos como ‘a’ (o artigo indefinido do inglês) de nomes nus. Com esse teste, podemos observar que o comportamento do indefinido e do definido são diferentes.

24) O dinossauro está em extinção.

25) A baleia está em risco de extinção.

26) #Um dinossauro está em extinção.

27) #Uma baleia está em risco de extinção.

Nesta bateria de exemplos, temos predicados de espécie. Nelas, apenas as sentenças (24) e (25) são bem aceitas no português e felizes na interpretação de que a extinção atinge a espécie inteira dos dinossauros e das baleias. Diferentemente, as sentenças (26) e (27), apesar de gramaticais, não são felizes nessa interpretação, ou seja, não servem para expressar a ideia de que a espécie completa está em extinção ou em risco de ser extinta. Indefinidos não podem se referir a uma espécie inteira, por isso a combinação de indefinidos com esse tipo de predicado normalmente resulta em infelicidade. Só podemos empregar (26) e (27) para falar de subespécies: alguns tipos de dinossauro estão em extinção e outros não, alguns tipos de baleia estão em risco, mas outros tipos de baleia não. Isto é, em (26), o sintagma “um dinossauro” informa que a subespécie dos triceratops está em extinção, mas a subespécie dos velociraptors não e, em (27), o sintagma “uma baleia” informa que a baleia jubarte está em extinção, mas a baleia azul não.

Vejamos agora como ‘qualquer’ se porta nesses mesmos contextos.

28) Qualquer dinossauro está em extinção.

29) Qualquer baleia está em risco de extinção.

Assim como apontado para (26) e (27), as sentenças (28) e (29) não podem ser interpretadas como falando da espécie inteira dos dinossauros ou das baleias, o que parecia ‘qualquer’ com o indefinido ‘um’ nesses contextos. Podemos entender que as sentenças falam de subespécies de dinossauros ou de baleias.

Até aqui, vimos que os definidos apresentam comportamento distinto dos indefinidos. No entanto, nem todos os indefinidos são iguais. Nomes nus e sintagmas nominais introduzidos pelo indefinido ‘um’ são igualmente indefinidos, mas não são semanticamente equivalentes. Carlson (1977) explorou diversos contextos de ocorrência do nome nu plural do inglês para poder rejeitar a hipótese de que o plural nu seria a contraparte do indefinido singular no inglês. Um aspecto destacado pelo autor para diferenciar indefinidos do plural nu foram os fenômenos de escopo estreito (“*Narrow Scope Phenomena*”). Considere as sentenças a seguir.

30) *A cat is in this room and a cat is not in this room.*

“Um gato está neste quarto e um gato não está neste quarto.

31) *Cats are in this room and cats aren't in this room.*

“Gatos estão neste quarto e gatos não estão neste quarto.

O autor observa que a sentença (30), construída com dois sintagmas “*a cat*”, é ambígua entre duas leituras. Na primeira, a sentença coordenada fala de dois gatos, sendo que um deles está dentro do quarto e outro está fora. Na segunda, as duas ocorrências de “*a cat*” (“um gato”) são interpretadas como se referindo a um só indivíduo, resultando na interpretação de que há um certo gato no quarto em questão e que não esse mesmo gato não está no tal quarto. Essa leitura gera contradição, visto que as leis da física não permitem a um indivíduo estar e não estar em certo local no mesmo instante. A situação muda com a sentença (31). Nela, o autor utilizou o nome nu plural “*cats*” (“gatos”). Diferentemente do primeiro caso, a sentença é contraditória. A sentença (31) veicula que há (quaisquer) gatos no quarto e ao mesmo tempo não há (quaisquer) gatos no quarto, por isso a sentença é contraditória. O nome nu argumental do inglês ‘cats’ não permite a atribuição de um referente em uma ocorrência e de outro referente na segunda, por isso não há modo de evitar que (31) seja uma afirmação contraditória.

Vejamos como ‘qualquer’ se sai nesse quesito.

32) Qualquer gato está na cozinha e qualquer gato não está na cozinha.

33) Eu vi qualquer gato na cozinha e eu vi qualquer gato fora da cozinha.

Há uma certa estranheza em (32), que poderia ser interpretada como falando da espécie dos gatos, com leitura universal; nesse caso, não é possível que uma espécie inteira esteja localizada em um espaço delimitado, seja ele dentro ou fora de uma certa cozinha. Para evitar

essa incompatibilidade de tipos entre ‘qualquer gato’ e um predicado episódio, o falante precisa assumir uma interpretação existencial e inespecífica para ‘qualquer gato’. Essa interpretação parece mais fácil de obter quando ‘qualquer gato’ está em posição de complemento (33) do que quando está em posição de sujeito (32). Feito esse movimento de “salvar” a sentença, podemos verificar o que acontece nas sentenças, assumindo uma interpretação existencial para ‘qualquer’. Como ‘qualquer’ + nome não faz referência a um indivíduo específico, não poderia manter a referência a um único e mesmo indivíduo nas suas duas ocorrências dentro da coordenação, e, por isso, não há contradição nem na sentença (32) nem na (33). O comportamento de ‘qualquer’ se aproxima do de indefinido ‘um gato’ (*a cat*, em inglês). Entendemos de (32) que um gato qualquer está dentro da cozinha e outro gato qualquer está fora dela; e entendemos de (33) que o gato visto na cozinha não era o mesmo que foi visto fora dela.

Passamos agora a testes de escopo. Indefinidos sob o domínio sintático da negação sentencial podem apresentar duas leituras, uma com escopo sobre a negação ( $\exists\neg$ ) e outra com escopo sob a negação ( $\neg\exists$ ). Um exemplo de indefinido com escopo sobre a negação é “Eu não encontrei algum aluno hoje”, que significa que existe um determinado aluno que eu não encontrei hoje. Já um exemplo de indefinido com escopo debaixo da negação é “Eu não encontrei aluno algum hoje”, que significa que não existe aluno que eu tenha encontrado hoje, ou seja, que eu não encontrei ninguém que fosse aluno. Em seu questionário, Dayal (no prelo) utiliza a propriedade de ter escopo sob e sobre a negação e a contradição de sentenças que usam o mesmo DP para testar a (in)definitude. A autora utiliza as sentenças abaixo para ilustrar o comportamento esperado de um indefinido.

34)

a) *I didn't buy [X book].*

“Não comprei [X livro].”

b) *I didn't buy [a book].*

“Não comprei [um livro].”

c) *I didn't buy [one book].*

“Não comprei [um livro].”

De acordo com Dayal (no prelo), (34) será ambígua quando X for substituído por um indefinido. A autora compara com o indefinido ‘a’ com o numeral ‘one’. A primeira leitura disponível para (34b) é a de que existe um certo livro que não foi comprado pelo falante. Nesse caso, o indefinido tem escopo sobre a negação ( $\exists\neg$ ). A segunda leitura é a de que o falante não comprou livro algum. Nesse caso, a negação tem escopo sobre o indefinido ( $\neg\exists$ ). Apenas a primeira leitura é disponibilizada para a sentença com o numeral ‘one’ e com o definido ‘the’. Para que um numeral produza a segunda leitura é necessário recorrer a uma prosódia específica.

Dayal (no prelo) também usa o teste da contrastividade para o diagnóstico da (in)definitude.

35)

a) *[X] is sleeping while/and [X] is running around.*

“*[X] is sleeping while/and [X] is running around.*”

b) *#The dog is sleeping while/and the dog is running around.*

“O cachorro está dormindo enquanto/e o cachorro está correndo por aí.”

c) *A dog is sleeping while/and a dog is running around.*

“Um cachorro está dormindo enquanto/e um cachorro está correndo por aí.”

De acordo com Dayal (no prelo), as sentenças em (35a) são construídas pelos predicados “*is sleeping*” e “*is running around*”, que não podem ser verdadeiras simultaneamente do mesmo indivíduo. Para que um sintagma determinante (DP) seja aceito nesta sentença, é necessário que sua denotação não seja um *singleton* (“conjunto unitário”). O uso de definidos nesse contexto resulta em contradição. Em (35b), a sentença informa que certo cachorro está dormindo e que esse mesmo cachorro, ao mesmo tempo, está correndo. A sentença é, portanto, contraditória. Por outro lado, isso não acontece quando um indefinido é utilizado para formar a sentença. Em (35c), podemos entender que um certo cachorro está dormindo enquanto um outro cachorro está correndo por aí. Não existe contradição entre os predicados. As duas ocorrências dos indefinidos não precisam apresentar um mesmo referente. Como já vimos o mesmo princípio em (32), só precisamos lembrar que ‘qualquer’ se comporta como um indefinido a esse respeito: “Qualquer cachorro está dormindo enquanto/e qualquer cachorro está correndo por aí” não é contraditório, pois a primeira ocorrência de “qualquer cachorro” pode se referir a um indivíduo e a segunda, a outro.

Sentenças existenciais ou apresentacionais são utilizadas como testes que distinguem quantificadores fortes de fracos, ou, grosso modo, definidos de indefinidos. Esse tipo de sentença é formado normalmente por um verbo auxiliar, como o verbo ‘*to be*’ (“ser”/ “estar”) em inglês e ‘haver’, ‘existir’ ou ‘ter’ em português. Em inglês, “*there is*” abre a sentença apresentacional, seguida de um Sintagma de Determinante (o indivíduo apresentado ao ouvinte) e de um Sintagma Preposicional (que o situa no espaço). Esse é um sintagma locativo que ancora espacialmente a sentença. McNally (2011) destaca que a função mais recorrente de sentenças existenciais entre as línguas é sua capacidade de introduzir novos referentes discursivos, capacidade essa derivada de características semânticas. Milsark (1974) descreveu inicialmente as sentenças existenciais e observou que tais sentenças, como exposto em (30), restringem a o licenciamento de definidos, demonstrativos, e sintomas quantificados universalmente, o que ficou conhecido como o Efeito de Definitude (“*Definiteness Effect*”). O uso de indefinidos em tais sentenças é plenamente aceitável, como atestam as sentenças em (36).

36)

- a) ??*There is each/every first-year student present.*  
“??Existe casa/todo aluno do primeiro ano presente.”
- b) ??*There is the neighbor’s dog barking.*  
“??Existe o cachorro do vizinho latindo.”
- c) ??*There is that carpet under the table.*  
“??Existe aquele tapete sob a mesa.”

37)

- a) *There were a few people waiting for hours.*  
“Tinha pouca gente esperando por horas.”
- b) *There was a live pig roasted.*  
“Tinha um porco vivo sendo assado.”

Além do Efeito de Definitude, o autor observou que as sentenças existenciais são sensíveis ao tipo de predicado com que se associam. Sentenças existenciais licenciam

predicados do tipo *stage-level* e bloqueiam predicados de *individual-level*. Predicados *stage-level* são identificados por serem verdadeiros apenas de uma fase, ou seja, de um certo período de tempo da vida de um indivíduo. Os predicados de *individual-level*, por outro lado, costumam ser verdadeiros para um indivíduo sem que haja restrições temporais. Para Kratzer (1989, 1995), essa diferença é reflexo da estrutura argumental desses predicados. Em sua proposta, Kratzer (1989, 1995) defende que predicados *stage-level* possuem um argumento eventivo que localiza a situação em um determinado ponto no tempo e no espaço. Em predicados de *individual-level*, esse argumento estaria ausente da estrutura argumental e, por isso, as propriedades denotadas por eles parecem estar fora do tempo-espaço.

O uso de sentenças existenciais/ apresentacionais para a identificação da (in)definitude tem respaldo translinguístico. Por exemplo, Fábregas (2018) discute como identificar determinantes indefinidos no espanhol. O autor apresenta um teste chamado de Efeito de Definitude (“*Definiteness Effect*”), que consiste na inserção de um determinado item em sentenças apresentacionais do tipo verbo ‘*haber*’ + NP + locativo.

38)

- a) \**Había el chico en el jardín.*  
“Tinha o menino no jardim.”
  
- b) \**Había ese chico en el jardín.*  
“Tinha esse menino no jardim.”
  
- c) \**Había la mayoría de estudiantes en el jardín.*  
“Tinha a maioria dos estudantes no jardim.”
  
- d) \**No había ninguno de los estudiantes en el jardín.*  
“Não tinha nenhum dos estudantes no jardim.”
  
- e) \**Había todos los estudiantes en el jardín.*  
“Tinha todos os estudantes no jardim.”
  
- f) \**Había cada estudiante en un jardín.*  
“Tinha cada estudante em um jardim.”

39)

a) *Había un estudiante en el jardín.*

“Tinha um estudante no jardim.”

b) *Había cierto estudiante en el jardín.*

“Tinha um certo estudante no jardim.”

c) *Había varios estudiantes en el jardín.*

“Tinha vários estudantes no jardim.”

d) *Había cincuenta estudiantes en el jardín.*

“Tinha cinquenta estudantes no jardim.”

e) *Había menos de cinco estudiantes en el jardín.*

“Tinha menos de cinco estudantes no jardim.”

De acordo com o Fábregas (2018), esse teste prevê a agramaticalidade de expressões definidas, enquanto expressões indefinidas podem se combinar perfeitamente com esse tipo de predicado. O padrão encontrado no espanhol não pode ser generalizado universalmente.

Dentre os quantificadores que são agramaticais no teste, está ‘*cualquier*’, o item FC do espanhol. Fábregas (2018) recupera o conceito de especificidade epistêmica (“*epistemic specificity*”) de von Heusinger (2011) para tratar deste item. De acordo com o autor, “[n]a noção epistêmica de especificidade, uma expressão é não-específica se o falante ignora ou é indiferente ao referente do indefinido.”<sup>13</sup> (Fábregas, 2018, p. 48). Fábregas salienta que o fato de uma expressão ter referência não-específica não a impede de ser considerada como definida.

40) \**Hay cualquier chico.*

“Tem qualquer menino.”

41) *Cualquier estudiante puede aprobar el curso.*

“Qualquer estudante pode ser aprovado no curso.”

---

<sup>13</sup> No original: “In the epistemic notion of specificity, an expression is non-specific if the speaker ignores or is indifferent to the referent of the indefinite.”

42) *Léete cualquier libro.*

“Leia qualquer livro.”

43) *Podemos ir a cualquier sitio.*

“Podemos ir a qualquer lugar.”

Para o autor, o dado em (40) indica que ‘*cualquier*’ em espanhol é um definido. Em (41), entende-se que independentemente de qual estudante for escolhido, este pode ser aprovado no curso. Em (42), entende-se que o interlocutor tem que ler um livro, independentemente de qual seja o livro escolhido. Em (43), entende-se que, independentemente de qual seja o lugar escolhido para o passeio, esta é uma opção possível de escolha. Os dados de (40) a (37) indicam, portanto, que ‘*cualquier*’ tem leitura não-específica.

Vejamos agora como se comporta ‘qualquer’ em sentenças apresentacionais.

44)

- a) Tem qualquer estudante no banheiro.
- b) Tinha qualquer estudante no banheiro.
- c) Tinha estudante(s) em qualquer banheiro da escola.

Observar os dados de (44) requer atenção. A sentença (44a) soa estranha na leitura universal de ‘qualquer’ + nome, para a qual uma boa paráfrase seria: “Qualquer pessoa que seja estudante está no banheiro agora”. Naturalmente, há uma incompatibilidade entre a totalidade dos estudantes do universo e uma situação que confine a todos numa mesma coordenada espaçotemporal, ancorando-os numa localização, o banheiro. Em espanhol, segundo a literatura, ‘*cualquiera*’ não pode ganhar outra interpretação que não seja a universal, o que conduz à incompatibilidade explicada em (40), o que serve de base empírica para a conclusão de Fábregas, a de que o item FC do espanhol é um definido. Porém, em português há um modo de salvar o item FC em sentenças apresentacionais de que não dispõe o espanhol, que é ler ‘qualquer estudante’ em (44a) com força existencial, e não com força universal. Com essa estratégia, (44a) é uma sentença bem-formada em português, para a qual oferecemos a seguinte paráfrase: “existe um aluno, mas eu não sei ou não quero identificar quem é, que está dentro do banheiro agora”. Por exemplo, um professor que vá ao banheiro e encontre a porta do reservado fechada, e possa ver por debaixo da porta sapatos do uniforme da escola, pode responder (44a)



a quem pergunte se ele usou o banheiro, para querer dizer “não, não usei ainda porque estava ocupado por um aluno que não vi quem era”. Então não poderíamos sustentar que ‘qualquer’ em português seja um definido, como Fábregas fez para ‘*cualquiera*’. Mas vemos que o valor epistêmico (ligado ao estado de conhecimento atual do falante) que não permite a especificidade (não permite identificar o referente para o item FC) é um traço partilhado entre ‘qualquer’ e ‘*cualquiera*’.

Vemos que, como é típico dos indefinidos, ‘qualquer’ é licenciado como o “sujeito” (o SD que vem imediatamente após o verbo e expressa o indivíduo apresentado pelo falante ao ouvinte) em sentenças apresentacionais, desde que a leitura não seja universal. ‘Qualquer’ parece poder ser coagido a uma leitura existencial em contextos em que as universais não seriam compatíveis. Vale comparar (44a) a (44b). O presente do indicativo, como já dissemos, é próprio de sentenças genericamente quantificadas, que se combinam a argumentos de leitura universal. Por isso, é mais difícil dar a ‘qualquer’ uma leitura existencial em (44a) que em (44b). A sentença (44a) é mais propensa a ser interpretada como genérica. Se o sujeito dela for existencial, ela será interpretada como uma sentença episódica quantificada, ou seja, como uma sentença habitual (por exemplo, “João fuma”). Já uma sentença no pretérito imperfeito não é primeiramente entendida como genérica, mas tem a leitura habitual favorecida, e a leitura habitual é compatível com sujeitos existenciais. Daí a aceitabilidade de (44b) ser maior que a de (44a).

Em (44c), testamos algo que não foi feito antes na literatura, que é o licenciamento de ‘qualquer’ dentro do SP que informa a localização do indivíduo apresentado em sentenças apresentacionais. Não só a sentença (44c) é bem formada, aceitável, mas tem uma leitura distributiva: todos os banheiros da escola estavam ocupados por um certo número de estudantes. Essa é uma leitura definida, mas de pluralidade. Vemos então que ‘qualquer’ (na interpretação existencial) é um indefinido, e vemos, além disso, que o traço epistêmico está sempre presente, mesmo nas leituras mais próximas da universalidade, que são também aquelas em que ‘qualquer’ se aproxima mais da definitude. O que permanece basicamente em ‘qualquer’ é a epistemicidade. Em ambientes sentenciais que requeiram universalidade, ‘qualquer’ assume uma leitura universal. Em ambientes sentenciais que requeiram existencialidade, ‘qualquer’ assume uma leitura existencial.

Quanto aos testes de (in)definitude, ‘qualquer’ + nome passa em todos eles como indefinido, desde que sua interpretação seja existencial. Mas os indefinidos não são todos iguais. Por isso, vamos ver a seguir que tipo de indefinido ‘qualquer’ vem a ser. Para isso, falaremos mais adiante de epistemicidade e de expansão de domínio. Em geral, ‘qualquer’ é

rotulado na literatura como o item FC do português. Não obstante, ‘qualquer’ se distingue bem de itens FC de outras línguas. Os itens mais bem descritos na literatura, os de línguas, como o inglês (‘any’) e o espanhol (‘cualquier(a)'), são analisados não como existenciais, mas como universais. Olhemos para essas pesquisas.

## 1.2 Estudos sobre indefinidos de Livre Escolha: o caso do ‘any’ no inglês

A questão das diferentes contribuições semânticas dos determinantes universais foi debatida pelo filósofo Zeno Vendler, que propôs uma análise para ‘each’, ‘every’, ‘any’ e ‘all’. Vendler (1962, 1967) defende que as expressões do inglês em questão estão associadas à quantificação universal. A proposta de Vendler é compatível com modelos teóricos como o da gramática gerativa (Chomsky, 2021). Nesse sentido, é possível aproximar as duas abordagens se entendemos que itens como ‘each’, ‘every’, ‘any’ e ‘all’ são interpretados na Forma Lógica da Faculdade da Linguagem como um operador universal  $\forall$ . A função semântica de um operador nominal universal é indicar que todos os indivíduos de um determinado domínio de quantificação satisfazem o predicador da sentença.

No entanto, o autor também defende que a relação de sinonímia entre essas expressões é apenas aparente, pois elas possuem propriedades semânticas distintas. Nas palavras de Vendler (1967, p. 71), “[o] fato de a teoria ter conseguido esclarecer alguns pontos logicamente importantes não mostra que todos os pontos restantes são de interesse meramente estilístico, mas não lógico [...]”. Nesse sentido, o fato de ‘each’, ‘every’, ‘any’ e ‘all’ receberem um tratamento adequado, quando se trata todos como quantificadores com força universal, não é suficiente para que possamos reduzir todos seus usos e sua variada gama de operações semânticas à sua força quantificacional (seja ela existencial ou universal). Como Vendler (1967) aponta, reduzir a semântica de um quantificador à sua força quantificacional, nos leva a ignorar diferenças em relação ao importe existencial das sentenças, tipo de denotação de cada quantificador bem como seu comportamento em proposições gerais em forma de lei.

Para defender sua visão, Vendler (1962, 1967) utiliza um teste semântico com a finalidade de verificar se os quantificadores universais em questão oferecem a mesma contribuição semântica para o significado sentencial. Partindo do princípio de que, se dois quantificadores oferecem a mesma contribuição semântica para a sentença, logo a substituição de um quantificador pelo outro não deveria acarretar efeitos diversos para sentença, Vendler (1962, 1967) demonstra com exemplos (45), (46) e (47) que a substituição de ‘each’, ‘every’, ‘any’ e ‘all’ não ocorre sempre de forma satisfatória. A grande contribuição de Vendler é sua

defesa à ideia de que a divergência de comportamento desses itens reside no nível semântico da língua, em vez de ser uma questão meramente estilística de uso da língua.

45) *Each letter I sent was intercepted.*

“Cada carta que eu enviei foi interceptada (por uma pessoa diferente).”

46) *Any doctor will tell what to do.*

“Qualquer médico poderá te dizer o que fazer.”

47) \**Any letter I sent was intercepted.*

Leitura tentada: “? Qualquer carta que eu enviei foi interceptada.”<sup>14</sup>

Superficialmente, ‘*each*’ e ‘*any*’ nas sentenças (45) e (46) aparentam ser sinônimos. Em contexto em que cinco cartas foram enviadas, a sentença (45) afirma que todas as cinco cartas foram interceptadas. O mesmo ocorre em (46), que, em um contexto em que há cinco médicos, afirma que todos os cinco médicos vão saber dizer ao paciente o que fazer. No entanto, a substituição de ‘*each*’ por ‘*any*’ em (47) torna a sentença agramatical. Isso mostra diferenças entre esses universais. Para além da força quantificacional, certas características semânticas — que serão apresentadas mais adiante — impedem que ‘*any*’ seja introduzido em sentenças episódicas, enquanto ‘*each*’ não apresenta tal restrição.

48) \**Any doctor told me...*

Leitura tentada: “Todos os doutores me disseram...”

49) \**I asked any doctor...*

Leitura tentada: “Eu perguntei a todos os doutores...”

50) \**He took any one.*

“Ele pegou qualquer um.”

---

<sup>14</sup> O uso de ‘qualquer’ na tradução da sentença (48) torna a sentença (#‘Qualquer médico te disse...’) desviante no português, mas não tão claramente agramatical quanto a versão em inglês (que corresponde mais a “Qualquer médico teria me dito que”). Esse é um fato interessante por indicar que cada língua arranja as operações semânticas em feixes diferentes em certos itens lexicais, e, por isso, nem sempre é possível traduzir certos itens diretamente de uma língua natural para outra.

51)

a) ?*Any raven is black.*

“Qualquer corvo é preto.”

b) *Any raven you may select will be black.*

“Qualquer corvo que você selecionar vai ser preto.”

Vendler estuda a distribuição de ‘*any*’ e observa que ‘*any*’ é sistematicamente bloqueado no que Vendler chama de sentenças com importe/ valor. Esse tipo de sentença corresponde ao que estamos chamando de sentença episódica. Isso mostra que, quando a sentença se refere a um evento específico localizado tempo e espacialmente, ‘qualquer’ é agramatical em inglês. Em (48), ‘*any*’ ocupa a posição de sujeito e, em (49) e (50), a posição de complemento sentencial. Em nenhum dos casos, ‘*any*’ parece ser favorecido. Vendler não discute a posição de complemento em contraste com a de sujeito, portanto a posição sintática do argumento parece não ser o motivo da inaceitabilidade dessas sentenças em inglês.

Vendler (1967) aponta que a sentença (51a), como (49) e (50), é desviante em inglês. O que Vendler observa é que a introdução de uma oração “*you may select*” (51b) melhora ou restaura a aceitabilidade de sentenças desviantes. A oração introduzida para salvar a aceitabilidade de ‘*any*’ é modal. A modalidade tem o papel de oferecer a não-referencialidade. Isto é, ‘*any*’ não é aceito em contextos que se referem a um indivíduo específico. A partir do momento em que a oração “*you may select*” é introduzida, a sentença passa a não se referir a um determinado corvo específico (mesmo que de identidade desconhecida), mas a predicação passa a recair sobre os indivíduos da espécie inteira.

De acordo com o autor, as sentenças (52) e (53) são degradadas em inglês, mas têm sua aceitabilidade recuperada quando na presença de uma oração modal, como vemos em (54) e (55):

52) \**Any nation can control the earth.*

\*“Qualquer nação pode controlar a Terra.”

53) \**Anybody smokes a pipe.*

\*“Qualquer pessoa fuma um cachimbo.”

54) *Any nation that conquers the moon can control the earth.*

“Qualquer nação que conquistar a Lua poderá controlar a Terra.”

55) *Anybody who is my friend smokes a pipe.*

“Qualquer pessoa que seja minha amiga fuma cachimbo.”

Nos exemplos acima, há sentenças genéricas<sup>15</sup> em inglês. Vendler (1967) argumenta que nos exemplos (54) e (55) a oração relativa é responsável pelo licenciamento de ‘any’. A ausência da oração relativa torna as sentenças (52) e (53) agramaticais em inglês. Se fossem gramaticais e aceitas em inglês, ‘any’ seria interpretado como um operador existencial, o que não é compatível com a defesa de Vendler de que esse item é um operador de força universal. A oração relativa faz com que a sentença perca seu importe existencial e passe a ser interpretada de forma modal. Isso acontece com outros universais. O autor oferece um exemplo de *subtriggering*, ou seja, de uma mudança de chave (um *shift*) entre os valores universal e existencial, com outro universal: em (56), a força universal de ‘every’ ‘todo’ é trocada pela existencial, e essa troca é motivada pela presença de um modificador nominal, um partitivo (*of my friends*):

56) *Every one of my friends smokes a pipe.*

“Todos os meus amigos fumam cachimbo.”

Vendler ainda aponta que ‘any’ não carrega pressuposição de existência. A sentença (55) pode ser usada adequadamente em um contexto em que o falante não possui amigos. O mesmo não ocorre com ‘every’. Para que a sentença (56) seja feliz, é necessário que o falante tenha algum amigo. A sentença (56) afirma um hábito dos amigos do falante. Há, portanto, o que modernamente chamamos de pluralidade ou quantificação sobre episódios. Isso não ocorre em (55). O que ‘any’ faz em (55) é estabelecer uma condição. Ao enunciar essa sentença, o falante estabelece uma condição para que uma pessoa possa ser sua amiga; não há quantificação

---

<sup>15</sup> A literatura moderna sobre genericidade entende que sentenças genéricas são diferentes de sentenças modais. Vendler não fazia uma distinção fina entre sentenças genéricas e sentenças modais. No entanto, ele observou que, em alguns tipos de sentença, ‘any’ é licenciado sem que seja empregada a estratégia do *subtriggering*, como no exemplo abaixo.

(i) *Any perpetual-motion engine would violate the laws of thermodynamics, which is impossible.*  
 “Qualquer motor de movimento perpétuo violaria as leis da termodinâmica, o que é impossível.”

Em (i), a modalidade licencia o uso de ‘any’, pois há a perda do importe existencial da sentença. Sentenças genéricas do mesmo modo não possuem importe existencial, por serem quantificadas pelo operador genérico. Essa semelhança entre os dados permitiu que Vendler unisse os dois casos sob um mesmo rótulo.

sobre eventos. Com isso, notamos que ‘*any*’ tem apenas leitura modal, que é adquirida por meio da oração modal usada para salvar sua aceitabilidade nessa sentença episódica. Há também diferenças notáveis na interpretação de partitivos ligados a distintos universais, como exemplificado abaixo:

57)

a) *I can beat one of you.*

“Posso vencer um de vocês.”

b) *I can beat some of you.*

“Posso vencer alguns de vocês.”

c) *I can beat any one of you.*

“Posso vencer qualquer um de vocês.”

Vendler (1967) discute a diferença em relação ao número de pessoas que estou afirmando poder vencer dentro do grupo inteiro a que me dirijo e a força dessa afirmação na interpretação das sentenças (57). Suponha um cenário em que o grupo designado por ‘*you*’ seja composto por 10 pessoas. Em (57a), o falante afirma que pode derrotar uma pessoa dentre esses 10. Isso não significa que ele consiga vencer as outras nove. A sentença garante vitória apenas sobre uma pessoa do grupo. Em (57b), o falante afirma que pode derrotar no mínimo dois membros do grupo. Não há o estabelecimento de uma quantidade máxima de pessoas que o falante pode vencer, mas não posso estar me limitando a uma só pessoa em (57b), como foi feito em (57a). Já em (57c), onde está ‘*any*’, entende-se que nenhuma das 10 pessoas presentes no grupo são capazes de derrotar quem enuncia essa sentença. O sintagma ‘*any one of you*’ transmite a ideia de que o falante pode enfrentar cada uma das 10 pessoas do grupo, embora não simultaneamente. A sentença (57c) descreve adequadamente um cenário em que o falante derrota os 10 integrantes do grupo em 10 enfrentamentos, de um em um. A sentença (57c) pode ser empregada como um desafio do tipo: escolham o melhor de vocês para me enfrentar, e eu garanto que ele será derrotado.

A diferença de (57c) em relação às sentenças (57a) e (57b) aponta para um aspecto caracterizador da semântica de ‘*any*’: a livre escolha. Na análise de Vendler, a característica de ‘*any*’, chamada de liberdade de escolha por Vendler (1967, p. 80), refere-se à capacidade de não só indeterminar os indivíduos a que a sentença faz referência, como também ocorre nos

outros exemplos, mas também de aumentar o alcance da predicação, fazendo-a recair sobre todos os indivíduos possíveis.

Os exemplos acima são utilizados por Vendler (1967) para ilustrar o funcionamento da liberdade de escolha característica de ‘any’. Vendler argumenta que a indefinidade não é suficiente para descrever a semântica de ‘any’, já que a sentença (57a) é igualmente indefinida. O autor aponta que “‘any’ exige uma escolha, mas, depois de ela ter sido feita, ‘any’ perde seu propósito”<sup>16</sup> (Vendler, 1967, p. 81, tradução minha). Vendler aponta que o domínio nominal de ‘any’ tem que ser populado com indivíduos, no plural. Todos os indivíduos são virtuais escolhas na oferta, mas, uma vez feita a escolha, restam apenas os indivíduos escolhidos como participantes do episódio. Esse domínio populado é ofertado à escolha, que é futura. O fato de a escolha ser futura é relevante, pois percebemos a necessidade de ingredientes modais para o licenciamento de ‘any’. A sentença (50) é considerada agramatical, portanto, devido à falta de escolha. Uma vez que não se pode mais escolher um indivíduo, depois de a decisão já ter sido tomada, o uso de ‘any’ perde seu sentido. Essa é a primeira aproximação conceitual aos itens de livre escolha. Vejamos como o futuro contrasta com o passado:

58) *Take any one of them.*

“Escolha qualquer um deles.”

59) *Take any two (three, etc.) of them.*

“Escolha quaisquer dois (três, etc.) deles.”

Vendler contrasta ainda os exemplos em (58) e (59). Em (58), ‘any’ ocorre no sintagma partitivo “*any one of them*”. Nesse caso, ‘any’ se combina a um numeral cardinal no lugar de um nome. Em (58), ‘any’ indetermina o objeto escolhido, mas sabe-se que apenas um objeto será escolhido. Já em (59), ‘any’ se combina a um cardinal plural, formando, portanto, um partitivo que tem unidades plurais. Esse exemplo, segundo Vendler (1967), mostra que ‘any’ não limita a quantidade de indivíduos escolhidos<sup>17</sup>. Segundo Vendler, “Isso revela, então, um

<sup>16</sup> No original: “Any calls for a choice, but after it has been made any loses its point”.

<sup>17</sup> É importante destacar que o exemplo (25), de Vendler (1967), não mostra cabalmente que não limita a quantidade de indivíduos escolhidos. Diferentemente do português, os determinantes do inglês não apresentam morfologia de plural, mas em português sim: “*the boy*” / “*the boys*” (“o menino” / “os meninos”), “*any card*” / “*any cards*” (“qualquer carta” / “quaisquer cartas”). A marcação de número morfológico está relacionada ao fato de ‘any’ ser compatível com quantidades plurais.

novo aspecto de *any*, que vamos chamar de indiferença de tamanho da unidade. *Take any* permite que você escolha livremente para qual e quantos escolher.” (Vendler, 1967, p. 81)<sup>18</sup>.

Para Vendler (1967), a indiferença em relação ao tamanho do domínio está diretamente conectada a outra característica de ‘*any*’ que Vendler nomeia de incompletude. O autor discute esse contexto a partir da situação a seguir. Posso imaginar que eu tenho um cesto com cinco maçãs e que eu quero oferecer maçãs para um amigo. Se eu usar ‘*any*’ para fazer a oferta, o falante só poderá ofertar até quatro maçãs. Não faria sentido dizer ‘*Take any five apples*’ porque, nesta condição, não haveria a possibilidade de escolha; logo a liberdade de escolha seria improdutiva.

Vendler (1967) conclui que não se pode exaurir o número total de indivíduos presentes no domínio nominal de ‘*any*’. Ou seja, não seria possível utilizar ‘*any*’ para situações em que é necessário tomar o domínio inteiro<sup>19</sup>. Sendo assim, ‘*any*’ teria também como característica semântica a incompletude. Uma vez que ‘*every*’ é capaz de exaurir a população de seu domínio nominal, a incompletude seria um aspecto semântico que diferenciaria esses dois itens.

O trabalho de Vendler (1967) é muito interessante porque o autor defende a ideia de que ‘*each*’, ‘*every*’, ‘*any*’ e ‘*all*’ são quantificadores universais. Ainda assim, ele consegue sustentar por meio de argumentos semânticos que tais quantificadores não são totalmente intercambiáveis, pois possuem particularidades semânticas.

Os trabalhos de Dayal (cf. 1995, 1997, 1998, 2004, 2013) sobre diversos aspectos que envolvem o fenômeno da livre escolha são referência para os estudos sobre ‘*any*’. Em “*Any as inherently modal*” (Dayal, 1998), são oferecidos argumentos robustos para o tratamento de ‘*any*’ como um universal.

Dayal (1998, 2004) adota a abordagem da homonímia para analisar a semântica de ‘*any*’. Para a autora, há dois itens lexicais ‘*any*’ com a mesma realização fonológica: o ‘*any*’ item FC (que seria um universal) e o ‘*any*’ item de polaridade negativa (IPN) (que seria um existencial). A análise de Dayal (1998, 2004) aponta para dois operadores homônimos ‘*any*’. Um deles seria o ‘*any*’ FC, que teria força universal modal inerente. O segundo ‘*any*’ seria o IPN. IPNs são reconhecidos pela distribuição restrita a contextos “negativos”. O licenciamento dessa classe de itens não está relacionado estritamente à negação sentencial, mas sim ao ambiente de *downward entailment* (“acarretamento descendente”) (DE) (cf. Ladusaw, 1980).

<sup>18</sup> No original: “This discloses, then, a new aspect of any, which we will call indifference of size. Take any leaves you free both as to which and how many to choose.”

<sup>19</sup> É importante destacar que a livre escolha é um fenômeno relacionado a alternativas. A escolha do domínio inteiro não parece contrariar semanticamente a livre escolha.



Como visto anteriormente nesta dissertação, quantificadores relacionam dois conjuntos: a restrição e o escopo nuclear. Os quantificadores podem apresentar diferentes padrões de acarretamento em sua restrição e escopo nuclear. Como mostra Ferreira (2022), ‘todo’ apresenta a propriedade de acarretamento descendente no seu primeiro argumento (a restrição) e acarretamento crescente no segundo (escopo nuclear); ‘nenhum’, por outro lado, apresenta a propriedade de DE tanto no primeiro quanto no segundo argumento. O argumento interno de uma sentença negativa está sob o escopo do operador sentencial de negação, o que também é uma fonte de DE. Itens de polaridade negativa são licenciados apenas em ambientes de DE. Isso explicaria o contraste de aceitabilidade entre sentenças como (60) e (61)<sup>20</sup>.

60) \**John saw anything*.

Leitura tentada: “John viu todas as coisas.”

61) *John didn’t see anything*.

“John não viu coisa alguma.”

Em (60), ‘any’ não pode ser licenciado como um IPN porque está num ambiente de acarretamento positivo. Nessa mesma sentença, ‘any’ não é licenciado como um item FC porque a sentença é episódica, e, por isso, incompatível com um sujeito universalmente quantificado. Dayal (1998) prevê com base em estudos anteriores da literatura que o ‘any’ item FC é licenciado apenas em sentenças modais e genéricas.

As sentenças genericamente quantificadas, como dito anteriormente, são aquelas que não denotam eventos episódicos. O conceito de modalidade é entendido pela semântica formal como “uma categoria linguística ligada à expressão da possibilidade e da necessidade.” (Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018, p. 137). Nesse sentido, “[s]entenças modalizadas dizem alguma coisa sobre um estado de coisas que poderia ou deveria existir.” (Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018, p. 137-138). Diferentemente da sentença genérica que envolve a atuação do operador GEN, sentenças modais normalmente envolvem os operadores modais com força de possibilidade ou de necessidade, como os verbos ‘poder’, ‘dever’, ‘querer’ etc.

Dayal (1998) analisa o licenciamento de ‘any’ com particular foco em sentenças genéricas, modais, episódicas e negativas. A autora não traz uma abordagem clara sobre

---

<sup>20</sup> Cabe destacar que nos exemplos (60) e (61) ‘any’ aparece dentro do composto ‘anything’. No entanto, o mesmo padrão é encontrado para as formações ‘any’ + nome.

contrastes no licenciamento de ‘any’ em posição de sujeito e de complemento sentencial.<sup>21</sup> Isso é relevante para o licenciamento de ‘any’ em ambientes de DE, pois, como visto, operadores diferenciam onde está o argumento nominal quantificado — se dentro ou fora do VP. O ‘any’ IPN é licenciado em (62) em posição de complemento. Nesse último caso, a negação sentencial é uma exigência. uma sentença como “*Any woman didn’t talk to John*” seria agramatical. Sendo assim, vemos que o ‘any’ IPN deve estar sob o escopo da negação. O ‘any’ item FC aparece tanto em (63) quanto em (64) em posição de sujeito sentencial.

62) *John didn’t talk to any woman.*

“John não falou com mulher alguma.”

63) *Any owl can hunt mice.*

“Qualquer coruja pode caçar ratos.”

64) *Any owl hunts mice.*

“Qualquer coruja caça ratos.”

65) \**John talked to any woman.*

Leitura intentada: “John falou com todas as mulheres.”

66) \**Any woman contributed to the fund.*

Leitura intentada: “Todas as mulheres contribuíram para o financiamento.”

67) \**Any man didn’t eat dinner.*

Leitura intentada: “Todos os homens não jantam.”

O uso de ‘any’ com leitura universal nas sentenças (62), (63) e (64) é aceito e resulta em sentenças gramaticais, enquanto o seu uso nas sentenças episódicas, em (65), (66) e (67), é bloqueado e resulta em sentenças agramaticais. Em (62), a leitura de “*any woman*”, sob o escopo do operador sentencial de negação, é semelhante à de ‘nenhum’. Entende-se dessa sentença que John não falou com nenhuma mulher. Em (62) e (63), a leitura do sintagma ‘any

---

<sup>21</sup> Vale lembrar que o inglês não é uma língua de concordância negativa. Então, talvez não seja tão importante para pesquisadores da língua inglesa controlar se o item de livre escolha é sujeito ou complemento. Já no caso do PB, isso é essencial.

*owl'* é a de que todas as corujas (cada um dos indivíduos da espécie) caçam ou podem caçar ratos. Conforme previsto pela autora, o 'any' item FC não é licenciado em sentenças episódicas como (66) e (67). Por sua vez, o 'any' IPN não é licenciado em (65) por estar fora do contexto de DE.

O uso de orações relativas para restaurar a gramaticalidade/aceitabilidade de itens FC em sentenças episódicas foi primeiramente observado por Vendler e mais tarde seria nomeado por LeGrand (1975 apud Dayal 1998) como "*subtriggering*". De acordo com Dayal, o efeito do *subtriggering* é atingido porque "a quantificação sobre o domínio mais amplo possível resulta em falha de pressuposição. Não é possível escolher um domínio que inclua possíveis indivíduos e predicar algo que seja puramente episódico desses indivíduos." (Dayal, 2005, p. 9)<sup>22</sup>. Com os dados em (68) a (73), Dayal mostra que 'any' pode ser licenciado em sentenças episódicas, desde que haja *subtriggering*.

68) *John talked to any woman who came up to him.*

"John falou com qualquer mulher que foi até ele."

69) *Any woman who heard the news contributed to the fund.*

"Qualquer mulher que ouviu as notícias contribuiu para o financiamento."

70) *Any man who saw the fly in the food didn't eat dinner.*

"Qualquer homem que viu a mosca na comida não jantou."

71) *John talked to any politician who is powerful.*

"John falou com qualquer político que fosse poderoso."

72) *John talked to any woman at the party.*

"John falou com qualquer mulher na festa."

73) \**John talked to any powerful politician.*

Leitura tentada: "João falou com qualquer político poderoso."<sup>23</sup>

<sup>22</sup> No original: "[...] quantifying over the widest possible domain results in presupposition failure. One cannot choose a domain that includes possible individuals and predicate something that is purely episodic of those individuals.

<sup>23</sup> É importante notar que em português o adjetivo parece ser capaz de funcionar como *subtriggering*, quando é pós-nominal. Por exemplo: "João falava com qualquer político honesto".

Dayal (1998) mostra que não são apenas as orações que funcionam como *subtriggering*. Em (68), há um caso clássico de *subtriggering*, em que a oração relativa licencia o uso de ‘any’ em uma sentença episódica. Já em (72), ‘any’ é licenciado pelo sintagma preposicional locativo ‘at the party’. Dayal observa que o *subtriggering* ocorre sistematicamente na posição pós-nominal. De acordo com a autora, ainda que seja possível encontrar falantes que aceitem a sentença (73), normalmente ela seria considerada agramatical.

A autora chama a atenção para o fato de que algumas sentenças podem ser aceitas sem o *subtriggering*. No entanto, isso só é possível quando há um contexto bem delimitado para aquela enunciação, que restrinja a interpretação do sintagma nominal. Por isso, é fundamental para o trabalho do semanticista observar se estamos realmente interpretando as sentenças-alvo ou se realizamos pequenas modificações para torná-las aceitáveis. Dayal exemplifica isso ressaltando que alguns falantes aceitaram a sentença (73), mas esses falantes estavam introduzindo um sintagma locativo nessa sentença. Isso significa que em vez de interpretar a sentença como “*John talked to any powerful politician.*”, os falantes em questão estavam interpretando a sentença “*John talked to any powerful politician overthere.*”.

O objetivo de Dayal é ir além desses contextos. A autora buscou entender o licenciamento de ‘any’ em sentenças episódicas e com modais. O uso de verbos modais é tido como uma forma de recuperar a aceitabilidade das sentenças de um modo semelhante com o que o *subtriggering* faz. De acordo com os dados da autora, o *subtriggering* atua na aceitabilidade de ‘any’ independentemente de sua posição sintática, seja de sujeito ou de complemento. A autora, no entanto, não faz observações sobre ‘any’ em posição de adjunto. É importante destacar que estratégias para licenciar ‘any’ como *subtriggering* e o uso de modais estão disponíveis apenas para o ‘any’ universal, item FC. Se não estiver em ambiente de DE, o IPN ‘any’ não pode ser salvo por tais estratégias.

Um dos pontos centrais de Dayal (1998, 2004) é a defesa de que o item FC ‘any’ seja modal e tenha força quantificacional universal. De acordo com Dayal (1998, p. 447, grifo da autora), “[...] sintagmas que contém *any* são quantificadores universais cujo domínio de quantificação é o conjunto de possíveis indivíduos de um tipo relevante em vez do conjunto de indivíduos particulares.”<sup>24</sup>. A fim de provar que ‘any’ tem força quantificacional própria, Dayal contrasta o comportamento de ‘a’ (“um”) e ‘any’ (“qualquer”). A autora argumentou que, ainda

---

<sup>24</sup> No original “[...] *any* phrases are universal quantifiers whose domain of quantification is the set of possible individuals of the relevant kind, rather than a set of particular individuals.”

que ‘*a*’ e ‘*any*’ sejam classificados como indefinidos, o comportamento semântico desses dois itens é diferente.

Indefinidos são geralmente entendidos como itens sem força quantificacional própria (cf. Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018). Indefinidos como ‘*a*’ do inglês ou ‘um’ do português recebem facilmente força quantificacional existencial devido ao fato de que todas as sentenças (que não são genéricas) recebem fechamento existencial. Na presença de um operador genérico, ‘*a*’ e ‘um’, por serem variáveis livres, são presos por esse operador e geram a leitura genérica. A proposta de Dayal em que se assume que ‘*any*’ tem força quantificacional universal própria implica que ‘*any*’ enquanto item FC deveria ser classificado como um quantificador universal, com força quantificacional própria, e não seria então um quantificador indefinido, ou seja, sem força quantificacional própria.

A fim de identificar as diferenças semânticas de ‘*a*’ e ‘*any*’, Dayal (1998) utiliza o mesmo princípio usado por Vendler (1967): se ‘*a*’ e ‘*any*’ tivessem mesma semântica, deveriam ser intercambiáveis. Contudo, os dados empíricos levam a rejeitar essa hipótese.

74) \**You must pick any flower.*

Leitura intentada: “Você tem que pegar qualquer flor.”

75) *You must pick a flower.*

“Você tem que pegar uma flor.”

76) \**Any pilot must be flying this plane.*

Leitura intentada: Um (certo) piloto tem que estar pilotando este avião.

77) *A pilot must be flying this plane.*

“Um piloto tem que estar pilotando este avião.”

78) *You may pick any flower.*

“Você pode pegar qualquer flor.”

79) *You must pick any flower you see.*

“Você tem que pegar qualquer flor que você vir.”

80) \**You must pick any flower in this bed.*

Leitura intentada: “Você tem que pegar qualquer flor nesse canteiro.”

Contrastando os exemplos de (74) a (80), refletimos que, se ‘*a*’ e ‘*any*’ não tivessem força quantificacional própria, ‘*any*’ deveria ser preso pelo quantificador presente na sentença, assim como acontece com ‘*a*’. No entanto, em (74) e (76), ‘*any*’ torna as sentenças agramaticais. A combinação de ‘*any*’ com ‘*must*’ torna a sentença agramatical, como em (76) e (80). Apesar de a gramaticalidade da sentença (74) poder ser recuperada com a introdução do *subtriggering* em (79), este não parece suficiente para licenciar ‘*any*’ em (80).

Após introduzir e debater a aplicação do conceito de vagueza a semântica de ‘*any*’, Dayal (1998) analisa a combinação de indefinidos com advérbios de quantificação:

81) *An owl usually hunts mice.*

“Uma coruja usualmente caça ratos.”

82) *Any owl usually hunts mice.*

“Qualquer coruja usualmente caça ratos.”

83) *Every owl usually hunts mice.*

“Toda coruja usualmente caça ratos.”

Advérbios de quantificação, ou frequência, quantificam sobre o número de episódios ocorridos dentro de determinado intervalo de tempo. Nos dados em (81), (82) e (83), vemos ser viável a combinação de ‘*an*’, ‘*any*’ e ‘*every*’ e o advérbio ‘*usually*’ com o predicado dinâmico “*hunts mice*”. Dayal (1998, 2004) chama a atenção para o fato de que essa combinação com ‘*any*’ não é verdadeiramente quantificacional. Dayal argumenta que os indefinidos existenciais podem ser presos por advérbios de quantificação, como visto em (81), em que ‘*an*’ é preso por ‘*usually*’. Isso, no entanto, não ocorre com ‘*any*’, o que ajuda a sustentar a posição da autora de que ‘*any*’ é inerentemente modal.

A sentença em (81) pode ser parafraseada de duas maneiras: (i) se *x* é coruja, então *x* usualmente caça ratos, ou (ii) diversas corujas caçam ratos. Enquanto em (i) ‘*usually*’ faz quantificação adverbial, quantificando sobre frequência de episódios em um determinado intervalo de tempo; em (ii) ‘*usually*’ faz quantificação nominal, quantificando sobre a quantidade de corujas. Em (82) e (83), entende-se apenas que, se *x* é coruja, então *x* usualmente caça ratos. Ou seja, a combinação de ‘*usually*’ com ‘*every*’ e ‘*any*’ veicula leitura de frequência,

mas não há quantificação nominal. Uma vez que ‘*every*’ é considerado um quantificador universal, é esperado que sua força quantificacional não seja proveniente de operadores sentenciais. ‘*Any*’, portanto, se comporta de modo semelhante ao quantificador universal ‘*every*’ e de modo distinto do indefinido ‘*a(n)*’. A única leitura disponível para ‘*a*’ e ‘*every*’ é a de frequência. A argumentação da autora torna-se mais robusta com o contraste dos dados anteriores com os dados em (84), (85) e (86).

84) *A lion is usually majestic.*

“Um leão é usualmente majestoso.”

85) \**Any lion is usually majestic.*

“Qualquer leão é usualmente majestoso.”

86) \**Every lion is usually majestic.*

“Todo leão é usualmente majestoso.”

Nos dados em (84), (85) e (86), o predicado “*is majestic*” elimina a possibilidade de interpretar as sentenças com leitura de frequência, por ser do tipo *individual-level*. Conforme a argumentação de Kratzer (1989, 1995), esse tipo de predicado não possui um argumento evento que o localize temporal e espacialmente. Considerando que (i) advérbios de frequência — no caso, “*usually*” — quantificam sobre o número de episódios, e que (ii) episódios são eventos individuais, que começam e terminam em certa coordenada espaçotemporal, espera-se que predicados do tipo *individual-level* não permitam leitura de frequência. Logo, em (84), (85) e (86) não temos leitura de frequência.

A sentença (84), onde está o indefinido ‘*a*’ (“um”), é gramatical, porque a sua leitura é modal e não de frequência. O uso da sentença (84) veicula o significado de “para todo x, x leão, x é normalmente majestoso”; ou seja, a predicação é sobre a espécie. A leitura modal de ‘*a*’ surge devido à presença de um operador GEN (“genérico”) silencioso na sentença que é capaz de prendê-lo. A autora nos mostra com esses exemplos que ‘*every*’ e ‘*any*’ não contam com GEN para salvar sentenças em que o predicado não permite, por sua natureza, a leitura de frequência.

Esses dados revelam um panorama interessante. O indefinido ‘*a*’ consegue ser preso pelo advérbio de quantificação ‘*usually*’ presente na sentença. Logo, pode ser entendido como uma variável livre. Ou seja, seguindo Heim (2011[1982]), entende-se que variáveis livres, como

‘*a*’, não têm força quantificacional própria e são presas pelo primeiro operador presente na sentença que os domine sintaticamente.

Diferentemente de ‘*a*’, ‘*any*’ torna a sentença agramatical, o que sinaliza sua incompatibilidade com o advérbio de quantificação. Logo, ‘*any*’ não pode estar sendo preso por esse elemento; sua leitura genérica ou universal, vista em outros contextos, é produzida por um mecanismo semântico diferente do de ‘*a*’. Dayal (1998) defende que é preciso assumir que ‘*any*’ tem força inerentemente universal/modal para dar conta desses fatos.

Por fim, nota-se nos dados de (84) a (86) que ‘*any*’ comporta-se como o quantificador universal ‘*every*’. A análise dessa conjuntura leva a autora a concluir que a força quantificacional universal de ‘*any*’ não pode vir de um operador abstrato da sentença, como a literatura propõe para o indefinido ‘*a*’. Sua força quantificacional universal vem do interior da própria palavra. Com esse argumento, Dayal disputa a abordagem de ‘*any*’ dentro de uma semântica de alternativas, como vemos no trecho a seguir:

O fato de que sentenças com ‘*any*’ ocorrem em partitivos fornece evidências convincentes contra a noção de expansão [de domínio tal] como a apresentada em Kadmon e Landman (1993), uma vez que a definição do sintagma nominal interno necessariamente limita a interpretação a um conjunto contextualmente especificado de indivíduos. (Dayal, 2004, p. 10)<sup>25</sup>

Dayal (1998, 2004, 2013) vale-se do licenciamento em uma estrutura partitiva para testar a hipótese da expansão de domínios como o ingrediente básico da semântica de itens FC universais. De acordo com a autora, se a expansão de domínio fosse a fonte da força quantificacional de ‘*any*’ e correlatos, o licenciamento desses itens FC em estruturas partitivas deveria ser bloqueado. Isso porque tais estruturas fixam um domínio de indivíduos que não pode ser ampliado.

87) *Pick any flower.*

“Pegue qualquer flor”.

88) \**Pick any of these flowers.*

Leitura intentada: “Pegue qualquer uma dessas flores.”

---

<sup>25</sup> No original: “The fact that any phrases occur in partitives at all provides compelling evidence against the notion of widening as presented in Kadmon and Landman (1993) since the definiteness of the inner noun phrase necessarily limits interpretation to a contextually specified set of individuals.”



89) *You may pick any of the flowers.*

“Você pode pegar qualquer uma das flores.”

90) \**You must pick any of the flowers.*

Leitura intentada: “Você tem que pegar qualquer uma das flores.”

91) \**Mary picked any of the flowers.*

Leitura intentada: “Maria pegou qualquer uma das flores.”<sup>2627</sup>

Dayal (1998) analisa ‘any’ em sintagmas partitivos quando em posição de complemento verbal. Em (89), o uso de ‘any’ partitivo é licenciado em posição de complemento de uma sentença com verbo modal de possibilidade. Em (90), o verbo modal de necessidade não licencia ‘any’ em estrutura partitiva e a sentença, portanto, é agramatical. Em (91), o uso de ‘any’ partitivo também é bloqueado em posição de complemento de sentenças episódicas.

Dayal (1998) explica esses dados utilizando o conceito de vagueza. De acordo com Dayal (1998), a vagueza estabelece que a interseção dos conjuntos denotados por ‘any’ (ou seja, o conjunto denotado pela interseção da restrição e do escopo nuclear de ‘any’) não seja saliente em nenhum mundo possível relevante para a quantificação de ‘any’.

O quadro abaixo resume as intuições de Dayal sobre ‘any’ nos contextos destacados.

**Quadro 1** – Distribuição do  $\forall$  FCI ‘any’

Morfologia e modificação do item FC	Tipos de predicado sentencial	Sentença Genérica	Sob o escopo de modal de Possibilidade	Sob o escopo de modal de Necessidade	Sentença Episódica
Partitivo (“any of the students”)		*	✓	*	*
‘any’ pleno	Com <i>subtriggering</i>	✓	✓	✓	✓

<sup>26</sup> É importante sublinhar que em (81), (83) e (84) há uma diferença em relação à gramaticalidade da sentença em inglês e sua tradução para o português. Isso indica que, se a proposta de Dayal for transportada sem adaptações, não dá conta dos fatos do PB.

<sup>27</sup> Outro ponto a se destacar é que “any of the” foi traduzido como “qualquer uma das”, visto que no português brasileiro “qualquer das” é agramatical.

“ <i>any student</i> ”)	Sem <i>subtriggering</i>	✓	✓	*/✓	*
-------------------------	--------------------------	---	---	-----	---

Fonte: Traduzido e adaptado de Dayal (2013, p. 89)

Dayal (2013) aponta para fatos interessantes, mas não controla o fator posição sintática. A autora apresenta exemplos de ‘*any*’ em posição de sujeito de sentenças genéricas, mas não compara seu licenciamento em posição de complemento. A mesma situação é encontrada com os demais exemplos. A autora discute a combinação de ‘*any*’ com verbos modais e de ‘*any*’ em sentenças episódicas apenas considerando a posição de complemento verbal. Esse é um aspecto que deve ser ressaltado, porque ‘*any*’ parece ser sensível à diferença entre a posição de sujeito e de predicado. Nos exemplos em (92) e (93), podemos ver o contraste.

92) *No student answered any question.*

Nenhum estudante respondeu qualquer questão.

93) \**Any man didn't eat dinner.*

Leitura intentada: “?Qualquer homem não jantou.”

Em (92), ‘*any*’ aparece em posição de complementos de uma sentença episódica negativa. Seu uso é licenciado com a típica leitura de IPN. Em contrapartida, em (93), ‘*any*’ aparece em posição de sujeito sentencial de uma sentença episódica negativa. Desta vez, seu uso torna a sentença agramatical. Em nenhum dos casos, ‘*any*’ é inserido em estruturas partitivas ou recebe auxílio do *subtriggering* para seu licenciamento. A única diferença entre as sentenças parece estar na posição sintática. Vemos ao longo do texto de Dayal (1998) exemplos que apontam para uma sensibilidade de ‘*any*’ ao contraste entre a posição de sujeito e de complemento sentencial, mas Dayal (1998) não fornece uma explicação teórica para esse contraste de aceitabilidade.

Em síntese, Dayal apresenta uma proposta de análise de ‘*any*’ em que haveria duas entradas lexicais para esse item. O ‘*any*’ enquanto item FC seria um quantificador modal com força quantificacional inerentemente universal. Essa análise para o ‘*any*’ item FC obriga a autora a assumir que haveria um ‘*any*’ indefinido que realizaria a operação de polaridade negativa. A característica modal de ‘*any*’ nas duas formas provém do fato de ‘*any*’ quantificar sobre indivíduos possíveis de um determinado tipo em vez de indivíduos particulares. O fato

de tanto o ‘*any*’ FC com o de polaridade negativa quantificarem sobre indivíduos de uma determinada classe os associa especificamente à modalidade epistêmica. Além disso, a autora defende a vagueza como propriedade essencial para o licenciamento de ‘*any*’.

Diferentemente de Dayal (1998, 2004), Chierchia (2006, 2013) propôs uma relação semântica e lexical entre os itens FC e os itens de polaridade negativa, fundamentado na pesquisa de Haspelmath (1997). Haspelmath (1997) realizou um trabalho comparativo entre línguas para identificar os padrões semânticos mais relevantes de indefinidos, que resultou na observação de que aproximadamente metade das 110 línguas analisadas apresentam um único morfema que funciona como item FC e como IPN, entre elas o inglês, que emprega ‘*any*’ nas duas operações. Menos da metade do conjunto das línguas investigadas, entre elas as românicas, como o português, apresentam itens lexicais diferentes para cada função (no caso do português, ‘qualquer’ para o item FC e ‘algum’ pós-nominal para o IPN). Inspirado nesses fatos, Chierchia (2013) formulou uma conjectura, que se tornou muito influente para os estudos sobre indefinidos FC.

94) Conjectura de Chierchia (2013, p. 57): “a linguagem está nos dizendo que contextos de polaridade negativa e de livre escolha têm algo profundo em comum; eles formam uma região contígua no nosso espaço lógico.”<sup>28</sup>

A partir do trabalho de Haspelmath (1997), Chierchia conjectura que tanto itens FC como itens de polaridade negativa seriam derivados a partir de um mecanismo comum presente na Forma Lógica da Faculdade da Linguagem humana. Ou seja, para o autor, não é coincidência que um mesmo item lexical realize os dois trabalhos em uma parte representativa das línguas do mundo. O mecanismo em questão é a expansão de domínio (“*domain widening*”), que será mais detalhado adiante.

A hipótese de Dayal (1998, 2004) de que há dois itens ‘*any*’ explica bem o espanhol, pois nessa língua ‘*cualquier*’ (“qualquer”) tem apenas uso FC (cf. Polakof, 2021). A leitura de polaridade negativa é obtida com o uso de ‘*siquiera*’ (“sequer”) por exemplo. A conjectura de Chierchia tem uma vantagem econômica na explicação de itens como ‘*any*’, que têm às vezes leitura FC e outras vezes, de polaridade negativa.

Chierchia afirma que existem itens FC com força existencial, itens FC com força universal, itens de polaridade negativa e itens que têm comportamento FC e de polaridade

---

<sup>28</sup> No original: “language is telling us that NP and FC environments have something deep in common; they form contiguous regions in our logical space.”

negativa a depender do contexto. Seguindo o trabalho de Chierchia (2004, 2006, 2013), podemos unificar tais itens sob o rótulo de itens sensíveis à polaridade (no inglês, “*polarity-sensitive items*”). É importante frisar que a unificação da livre escolha e da polaridade negativa não determina que ambos os fenômenos devam ser realizados por um mesmo item lexical em uma língua. Chierchia (2006) propõe uma abordagem que busca explicar o mecanismo comum usado para derivar itens de polaridade negativa puros, como ‘*even*’, do inglês, itens FC puros, como ‘*qualsiasi*’ e ‘*qualunque*’, do italiano, e itens que realizam tanto a livre escolha quanto a polaridade negativa, como é o caso de ‘*any*’ no inglês.

Analisando dados do italiano, Chierchia (2006) observa que os itens FC ‘*qualsiasi*’ e ‘*qualunque*’ apresentam variabilidade em sua força quantificacional. Esse é o primeiro indício utilizado pelo autor para se contrapor à ideia de força universal inerente proposta por Dayal (1998).

95)

- a) [artigo indefinido/cardinal + nome + livre escolha]: *un dolce qualsiasi/qualunque; due dolci qualsiasi/qualunque*
- b) [Livre escolha + nome]: *qualunque/qualsiasi dolce*

96)

- a) *Domani interrogherò qualsiasi studente che mi capiterà a tiro.*  
“Amanhã, interrogarei qualquer aluno que passar por mim.”
- b) *Domani interrogherò uno studente qualsiasi.*  
“Amanhã interrogarei um aluno qualquer.”

97)

- a) *Prendi qualunque dolce.*  
“Pegue qualquer doce.”
- b) *Prendi un dolce qualunque.*  
“Pegue um doce qualquer.”

98)

- a) *Puoi prendere qualunque dolce.*

“(Você) Pode pegar qualquer sobremesa.”

- b) *Puoi prendere un dolce qualunque.*

“(Você) Pode pegar uma sobremesa qualquer.”

99)

- a) *Devi prendere qualunque dolce con il liquore.*

“(Você) Precisa pegar qualquer sobremesa com teor alcoólico.”

- b) *Devi prendere un dolce qualunque con il liquore.*

“(Você) Precisa pegar qualquer doce com teor alcoólico. “

Em (95), Chierchia (2006) mostra duas configurações sintáticas disponíveis para os itens de livre escolha ‘*qualsiasi*’ e ‘*qualunque*’ do italiano, a saber: indefinido + nome + item de livre escolha (95a) e item de livre escolha + nome (95b). Apesar de histórica, sintática e semanticamente relacionadas, essas estruturas possuem força quantificacional distintas. Em vista disso, Chierchia (2006) chama os sintagmas com a estrutura em (95a) de “itens FC existenciais” (“*existential FCIs*”), ao passo que os que apresentam a estrutura (95b) são chamados “itens FC universais” (“*universal FCIs*”). Como o autor ressalta e os exemplos de (96) a (99) demonstram, essa nomenclatura não deve ser tomada como uma análise cabal.

Em posição de complemento de sentenças no futuro, em sentenças no imperativo, em sentenças com modal de possibilidade e modal de necessidade, a estrutura em (95b) veicula preferencialmente à leitura universal. No entanto, embora haja resistência em contexto de modais de necessidade e de possibilidade, é possível que haja a veiculação da leitura existencial em outros ambientes. O contexto nesse caso tem um papel em favorecer a leitura produzida. A estrutura em (95a), por outro lado, sempre veicula a leitura existencial.

Se a força quantificacional fosse lexicalizada, os itens FC deveriam oferecer a mesma contribuição semântica em todos os casos, mas não é o que ocorre. Esses dados mostram que não há força lexicalizada. Com os dados acima, Chierchia (2006) respalda a variabilidade quantificacional de itens FC.

Chierchia (2006) respalda a variabilidade quantificacional de itens FC: um com força quantificacional de praxe existencial e outro com força de praxe universal. Apesar de terem comportamentos diferentes, como visto estão semanticamente relacionados. A questão teórica que se impõe é como estes itens estão conectados. O autor começa sua argumentação em defesa

da unificação da livre escolha e da polaridade negativa. Para Chierchia (2006), há entre as estruturas em (95) uma relação não só sintática, como também semântica. Seu objetivo é encontrar o núcleo semântico comum que deriva ambas as interpretações atestadas. Para Chierchia, a chave para entender a livre escolha, a polaridade negativa e a relação entre esses dois fenômenos está na expansão de domínio (“*domain widening*”).

Com os exemplos de (95) a (99), Chierchia (2006) mostra que ‘*qualsiasi*’, enquanto item FC do italiano, pode ter duas leituras em contextos distintos. Sua argumentação vai contra Dayal (1998), visto que ele entende que a força quantificacional de ‘*qualsiasi*’ não está lexicalizada. Assumindo a hipótese de Dayal (1998), a previsão seria a de que a força quantificacional de ‘*qualsiasi*’ em ‘*qualsiasi porta*’ e em ‘*una porta qualsiasi*’ deveria ser a mesma, mas não é isso que os dados apontam. Com os exemplos a seguir, Chierchia (2006) discute a aceitabilidade das sentenças com o *subtriggering*.

100)

a) ??*Ieri ho parlato con un filosofo qualsiasi.*

“?Ontem falei com qualquer filósofo.”

b) ??*Ieri ho parlato con un filosofo qualsiasi che fosse interessato a parlarmi.*

“Ontem falei com qualquer filósofo que estivesse interessado em falar comigo.”

101)

a) ??*Ieri ho parlato con qualsiasi filosofo.*

“Ontem conversei com qualquer filósofo.”

b) *Ieri ho parlato con qualsiasi filosofo che fosse.*

“Ontem falei com qualquer filósofo que fosse.”

Com os dados de (100) e (101), Chierchia (2006) mostra que os efeitos do *subtriggering* são aplicáveis também ao italiano. Nas sentenças (100a) e (100b), ‘*un filosofo qualsiasi*’ é introduzido em posição de complemento de sentenças episódicas. A sentença (100b) é mal formada em italiano, e a adição de uma oração que modifique o sintagma com ‘*qualsiasi*’ não é suficiente para recuperar a aceitabilidade da sentença. Nas sentenças (101a) e (101b), ‘*qualsiasi filosofo*’ aparece em posição de complemento de sentenças episódicas. A sentença (101a) também é mal formada em italiano, mas Chierchia (2006) mostra que sua aceitabilidade

é recuperada quando adicionamos o *subtriggering*. O que esses dados mostram é que o *subtriggering* também funciona em italiano, mas que apenas os itens FC universais podem sofrer *subtriggering*.

Na visão de Chierchia (2006), a oração relativa que melhora a aceitabilidade das sentenças carrega uma variável de mundo, que eventualmente ancora a sentença no mundo atual. Observe a sentença (102).

102) *I saw any student that wanted to see me.*

“Eu atendi qualquer estudante que quis falar comigo.”

‘*Any student*’, na sentença (102), sem o *subtriggering* estaria se referindo a todos os estudantes, sem restrição. Ao introduzir a oração “*that wanted to see me*”, o domínio de ‘*any*’ passa a um domínio menor, contendo apenas “os possíveis estudantes que de fato queriam me ver (portanto, eles têm que ser estudantes reais).” (Chierchia, 2006, p. 565)<sup>29</sup>. Sentenças episódicas são bem localizadas no tempo e no espaço, por isso não são compatíveis com cenários em que não se sabe ao certo quais foram os participantes do evento. Adiante, discutiremos mais as ideias de Chierchia (2006) sobre o domínio de quantificação de itens sensíveis à polaridade.

Por fim, Chierchia (2006) apresenta dados de ‘*qualunque*’ em interação com a negação e analisa questões de escopo. Discutiremos esse tópico com base nos exemplos a seguir.

103)

a) *Non leggerò qualunque libro.*

“(Eu) Não lerei qualquer livro.”

b) *Non leggerò qualunque libro che mi consiglierà Gianni.*

“(Eu) Não lerei qualquer livro que Gianni me recomende.”

c) *Non leggerò un libro qualunque (che mi consiglierà Gianni).*

“(Eu) Não lerei um livro qualquer (que Gianni me recomende).”

---

<sup>29</sup> No original: “[...] possible students who in fact wanted to see me (hence, they must be actual students).”

De acordo com Chierchia (2006), a sentença em (103a) tem leitura “retórica”. Isto é, entende-se da sentença em questão que o falante vai ler algum livro e esse livro não é um livro comum, mas especial. O autor destaca que a sentença só é aceitável, com uma certa entonação especial, nesse contexto em que a negação tem escopo sobre o item FC universal ( $\neg\forall$ ). Chierchia (2006) observa que, quando tornamos o sintagma com o item FC universal mais pesado, como em (103b), uma nova leitura emerge. É possível entender da sentença em (103b) que o falante não vai ler um livro comum, mas vai ler um livro especial, tal como em (103a). No entanto, também é possível obter a leitura de que o falante não vai ler livro algum. Essa leitura é chamada de não-retórica ou de leitura semelhante à de um IPN. Nesse caso, há duas possibilidades de análise: ou há na sentença um operador universal que tem escopo sobre a negação ( $\forall\neg$ ) ou a negação tem escopo sobre um operador existencial ( $\neg\exists$ ). A sentença (103c), por sua vez, apenas veicula a leitura retórica, independentemente do peso do sintagma que contém o item FC.

Até o momento, expusemos os dados do italiano que Chierchia (2006) usa para apontar variabilidade de força quantificacional; esse é um fenômeno que também ocorre em outras línguas românicas. Chierchia (2006) também mostrou que itens FC não formam uma classe homogênea, mas podem ser subclassificados quanto à força quantificacional (predominante), o que revela uma divisão de trabalhos entre itens FC existenciais e universais. A diferença entre os dois tipos de item FC fica evidente com os dados de *subtriggering* trazidos por Chierchia (2006). Após observar tais fatos, é necessário compreender como os dois tipos de item FC estão relacionados e como a livre escolha se relaciona à polaridade negativa. Para responder a tais perguntas, Chierchia introduz a expansão de domínio (“*Domain Widening*”), discutindo os tipos de alternativas associadas a itens FC (alternativas de domínio) e a itens de polaridade negativa (alternativas sentenciais). A seguir, discutiremos as ideias do autor sobre alternativas, domínio de alternativas e a inclusão de membros no domínio nominal que participam da predicação de ‘any’.

Seguindo a linha da pragmática griceana, Chierchia (2006) enfatiza que “normalmente, uma sentença é considerada no contexto de um conjunto de alternativas.” (Chierchia, 2006, p. 545, tradução minha)<sup>30</sup>. As alternativas são ordenadas linearmente numa escala de informatividade. Espera-se que o falante escolha sempre a alternativa mais informativa para cada situação. No caso abaixo, há três sentenças com quantificadores, sendo que (106), acarreta (105) que, por sua vez, acarreta (104). Há, portanto, a formação de uma escala de

---

<sup>30</sup> No original: “A sentence is typically considered against the background of a set of alternatives.”



quantificadores. Quando uma alternativa é escolhida em detrimento da outra, o falante inicia um processo de raciocínio pragmático para entender a razão de a alternativa em questão ter sido a escolhida. Pela lógica, dizer que alguns alunos reclamaram como em (104) é compatível com uma situação em que todos os alunos reclamaram. A interpretação de que alguns, mas não todos os estudantes, reclamaram, é pragmática. O ouvinte/ leitor infere que as demais, mais fortes informativamente, foram preteridas pelo falante porque são falsas. É esse raciocínio pragmático derivado da escolha por uma alternativa que leva o falante à conclusão de que, se a alternativa em questão foi escolhida, as demais são falsas. Semanticamente, o operador O (derivado de “*Only*” do inglês) realiza essa função de selecionar uma alternativa e negar as demais.

104) *Some of your students complained.*

“Alguns dos seus estudantes reclamaram.”

105) *Many of your students complained.*

“Muitos dos seus estudantes reclamaram.”

106) *All of your students complained.*

“Todos os seus estudantes reclamaram.”

Com relação à semântica, uma vez que uma alternativa é escolhida pelo falante, o operador O atua sobre ela, enriquecendo o significado da sentença, afirmando que ela é a melhor candidata: é a sentença verdadeira mais informativa no contexto. As alternativas tendem a se formar livremente, e a presença de um operador do tipo O restringe o conjunto de alternativas disponíveis. Ou seja, o operador O afirma a alternativa mais informativa e nega as demais. As alternativas que formam uma escala e que podem receber o operador O são chamadas de alternativas de domínio (alternativas-D).

As alternativas para a livre escolha e a polaridade negativa diferem das alternativas da semântica de foco, por exemplo, por serem lexicalmente orientadas. Ou seja, não há necessidade de uma curva prosódica especial para a ativação das alternativas-D. Além do operador O, Chierchia (2006) adiciona ao seu modelo um operador sintático que “congela” implicaturas. Considere os exemplos a seguir.

107) *If many students complained, we are in trouble.*

“Se muitos alunos reclamaram, nós estamos com problemas.”

108)

- a) Se muitos mas não todos os estudantes reclamaram, nós estamos com problemas.
- b) if O [muitos alunos reclamarem], estaremos com problemas

109)

- a) Se muitos alunos reclamarem, estaremos com problemas, enquanto que, se poucos alunos reclamarem, estaremos bem.
- b) O [se muitos alunos reclamarem, estaremos com problemas]

De acordo com Chierchia (2006) itens escalares — no caso, “*many*” — possuem um traço não-interpretável [+σ]. Esse traço deve ser checado pelo operador abstrato e também não-interpretável σ. A depender de onde esse traço é checado, derivamos uma leitura ou outra. Em (108), o traço [+σ] foi checado assim que o sintagma “*many students complained*” foi gerado, enquanto, em (109), temos o resultado da checagem de [+σ] após a formação da sentença completa.

Para começar a introduzir a análise de Chierchia (2006) para ‘*any*’, consideremos a sentença (110) no seguinte contexto: dois amigos conversam. Um deles fala sobre seu vizinho Fred. Fred tem um sobrinho. Sabemos que o sobrinho de Fred realmente existe, mas não sabemos sua idade. “Isso significa que em alguns mundos compatíveis com o que sabemos, ele é uma criança; em outros, ele já não é. Usando *any boy*, nós podemos sinalizar que nossa afirmação se estende a ele.” (Chierchia, 2006, p. 555).

110) *I saw a/some boy.*

“Eu vi um/algum menino.”

De acordo com Chierchia (2006), a interpretação do domínio associado a DP “*a/some boy*” varia de falante para falante, mas conseguimos nos comunicar, pois há algum grau de sobreposição entre os domínios de cada falante durante a conversação. Indefinidos como ‘*a*’ e ‘*some*’ possuem domínios quantificacionais ancorados no mundo real. O contexto descrito para (110) descreve uma situação em que não há certeza de que o indivíduo em questão faça ou não parte do conjunto “*boy*”. A sentença em (110) refere-se ao sobrinho de Fred apenas se verificarmos que (i) o sobrinho existe e que (ii) ele ainda está na idade de ser considerado um

menino e não um homem, por exemplo. Se verificamos que o sobrinho de Fred existe e tem, por exemplo, sete anos, a sentença (110) pode de forma adequada ser usada para se referir a ele.

O caso de ‘any’ é diferente, pois esse item é compatível com indivíduos com um estatuto de existência (no mundo real/atual) mais opaco. De acordo com Chierchia (2006), ‘any’ realiza a “expansão de domínio” (“*domain widening*”). Na análise do autor, isso significa o seguinte:

Primeiro, escolhemos o maior domínio quantificacional possível entre os candidatos plausíveis. Isso significa que todas as entidades que, pelo que sabemos, podem existir são levadas em conta. Segundo, nossa incerteza sobre os domínios também pode ter aspectos qualitativos.<sup>31</sup> (Chierchia, 2006, p. 555, tradução minha).

Com a definição de expansão de domínio, Chierchia (2006) explica a intuição de que inclusive os indivíduos menos prototípicos – indivíduos a respeito dos quais sequer temos certeza de existirem – estão incluídos no domínio quantificacional de itens FC como ‘any’. Chierchia salienta que só é possível identificar qual o maior domínio de quantificação por comparação. Desse modo, ‘any’ é um item inerentemente relacional. Tendo em vista essa característica de ‘any’, é possível entender a razão de o uso de “any boy” no lugar de “a/some boy” na sentença (110) tornar a sentença malformada.

111)

a) \**I saw any boy.*

“Eu vi qualquer garoto.”

b) *I did not see any boy.*

“Eu não vi qualquer garoto.”

Chierchia (2006) explica que o domínio amplo de ‘any’ cria implicaturas inconsistentes, e isso torna a sentença desviante. Uma sentença episódica como (111a) não é compatível com um domínio em que todos os indivíduos possíveis estão contidos, pois a variável de mundo relacionada ao domínio deve estar presa ao mundo atual em sentenças desse tipo. Sentenças episódicas são delimitadas espacotemporalmente; logo, sabe-se quais foram os seus

---

<sup>31</sup> No original: “First, we pick the largest possible quantificational domain among the reasonable candidates. This means that all entities that for all we know might exist are factored in. Second, our uncertainty about quantificational domains may also have qualitative aspects.”

participantes. Seria semanticamente estranho referir-se a indivíduos que possivelmente não participaram do evento em questão por meio de (111a).

Já em ambientes de DE, como as sentenças negativas, isso não ocorre. Em (111b), a sentença afirma que “independentemente do subconjunto de D que possa vir a ser o domínio real, não vi nada nesse domínio que pudesse ser um menino.” (Chierchia, 2006, p. 557)<sup>32</sup>. Isto é, quando a sentença passa da afirmação para a negação, a inconsistência desaparece. Isso porque, como explicou Chierchia, nega-se que qualquer garoto tenha sido visto. Sendo assim, o conjunto dos garotos de cinco anos é negado, o conjunto dos garotos de dez anos é negado, bem como o conjunto dos garotos que talvez já sejam homens (como é o caso do sobrinho de Fred) também é negado.

Nos casos em que ‘any’ funciona como um IPN, não temos o operador O, atuando sobre ele, mas um operador E. Chierchia (2006) explica que a escolha entre O e E é “é ditada pela natureza das alternativas: se (e, idealmente, somente se) C [o conjunto de alternativas] contiver uma escala, O é adequado; se (e, idealmente, somente se) C contiver proposições parcialmente ordenadas, como variantes de D, E é adequado.”<sup>33</sup> (Chierchia, 2006, p. 557).

Sobre a leitura universal de itens FC, Chierchia (2006) defende que a leitura universal de itens FC não é inerente, mas produzida por meio de uma implicatura de antiexaustividade. De acordo com o autor, quando ativada, a implicatura de antiexaustividade informa que nenhuma alternativa pode ser excluída. Desse modo, cria-se um domínio máximo. Chierchia explica a antiexaustividade com o seguinte exemplo.

112)

$$\begin{array}{l}
 D = \{ a, b, c \} \\
 D1 = \{ a, b \} \quad D2 = \{ b, c \} \quad D3 = \{ a, c \} \\
 D4 = \{ a \} \quad D5 = \{ b \} \quad D6 = \{ c \}
 \end{array}$$

O que vemos em (112) é a representação de um domínio nominal com três indivíduos, estruturado em semi-reticulado, mostrando todas as combinações possíveis entre os indivíduos pertencentes ao domínio. Assim é o domínio nominal, e desse domínio sairá um recorte, que será considerado o argumento do evento na restrição do determinante/quantificador. De acordo

<sup>32</sup> No original: “no matter what subset of D might turn out to be the actual domain, I saw nothing in that domain that could possibly be a boy.”

<sup>33</sup> No original: “[...] dictated by the nature of the alternatives: if (and, ideally, only if) C contains a scale, O is felicitous; if (and, ideally, only if) C contains partially ordered propositions, like D-variants, E is felicitous.”

com Chierchia (2006), se a alternativa escolhida fosse D3, por exemplo, isso resultaria na exclusão das demais alternativas. O interlocutor entenderia que o falante deseja excluir especificamente a alternativa D5, pois esta é complementar ao conjunto escolhido (isto é, D5 contém precisamente os elementos do domínio que D3 não contém). A situação seria diferente se a alternativa escolhida fosse D. Por ser o supremo, a opção com o máximo de indivíduos do domínio, o interlocutor entenderia que o falante não deseja excluir nenhuma alternativa. Ou seja, qualquer que seja a alternativa, ela deve fazer parte do domínio.

Em síntese, Chierchia (2006) propõe dois operadores semânticos relacionados às leituras FC (o operador O) e à leitura de polaridade negativa (o operador E). De acordo com o autor, itens de polaridade negativa estariam associados a domínio de alternativas (domínios-D) amplos e dispararam a implicatura do tipo *even* por meio do operador E. Já os itens FC estariam disparando a implicatura de exaustividade por meio do operador O. Além desses operadores semânticos, itens FC e de polaridade negativa devem ser checados pelo operador que congela implicaturas na sintaxe. Isso resolve algumas ambiguidades, como a observada no exemplo (107).

### 1.3 Estudos sobre ‘qualquer’ no português brasileiro

Quadros Gomes (2004) investigou o significado de ‘qualquer’ e apresentou fatos relevantes para a caracterização deste item. A autora toma ‘qualquer’ como um quantificador universal que seleciona indivíduos. Em sua proposta, deve haver pelo menos um indivíduo na interseção da restrição com o conjunto denotado pelo predicado de ‘qualquer’ para que o item seja licenciado. A seguir, estão alguns exemplos utilizados pela autora em sua argumentação.

113)

- a) \*Eu tenho qualquer pai/ irmão/mãe (\*Ele tem qualquer pai/irmão/mãe/tia)
- b) \*Ela é qualquer irmã caçula. / \*Ele tem uma irmã caçula qualquer.
- c) \*Eles formam qualquer casal./ \*Eles formam um casal qualquer.
- d) Nós nos damos bem e às vezes brigamos, como quaisquer irmãos fazem.
- e) Defendi a Bruninha, como defendo qualquer irmã caçula.
- f) Pais de crianças nessa condição [homofílicas] devem ter as mesmas precauções que quaisquer pais e igualmente escolher brinquedos macios e roupas acolchoadas.
- g) Qualquer casal pode ter um filho com SD.
- h) O Pedrinho é um bebê de arrebatador o coração de qualquer tia!!!

Com os exemplos em (113), a autora mostra que, independentemente da configuração sintática em que aparece, ‘qualquer’ requer a presença de alternativas em seu domínio. Em (113a), (113b) e (113c), a combinação de ‘qualquer’ a nomes que descrevem relações de parentesco como “pai”, “irmão”, “irmã”, “casal”, “mãe” e “tia” resulta em agramaticalidade. Pensando no modelo de família heteronormativo padrão, algumas relações de parentesco como a de pai ou mãe só podem ser desempenhadas por uma única pessoa. Num conjunto de irmãos, só um dos elementos poderá ser a “irmã caçula”. Porém, mesmo nomes de relações de parentesco que não requerem unicidade, como “tia”, já que uma mesma pessoa pode ter diversas tias, são agramaticais. Isso ocorre com esses nomes relacionais porque, ainda que haja uma quantidade de tias maior do que um, não há como escolher em relações de parentesco. ‘Qualquer’ precisa de alternativas viáveis para que possa haver livre escolha. Sua agramaticalidade nos exemplos (113b) e (113c) está diretamente relacionada à impossibilidade de liberdade de escolha devido à ausência de alternativas. A seguir, observamos as restrições de combinação de ‘qualquer’ com nomes.

“Qualquer toma indivíduos, isto é, objetos linguísticos discretos que, quer tenham partes mínimas ou não, quer tenham denotação cumulativa ou atômica, a despeito de possuírem ou não uma estrutura interna de semi-reticulado, como os nomes selecionados por ‘todo’, ou de não apresentarem estrutura interna alguma, como os selecionados por ‘cada’, sejam nomes que possam ser contados, sejam uma singularidade passível de pluralização.” (Quadros Gomes, 2004, p. 332)

Quadros Gomes (2004) argumentou que ‘qualquer’ seleciona objetos individuais, gramaticalmente realizados por nomes contáveis. A autora mostra que ‘qualquer’ é sensível ao tipo de nome com que se combina, resistindo a nomes massivos. ‘Qualquer’ pode se combinar ao nome ‘doença’ e ‘pessoa’ nos exemplos em (114a) e (114b), mas é agramatical em (114c) e (114d), em que se combina com o nome ‘saúde’.

114)

- a) Umeboshi cura qualquer doença.
- b) Umeboshi conserva a saúde de qualquer pessoa.
- c) \*Ele tem qualquer saúde (de ferro).
- d) \*Umeboshi conserva qualquer saúde.

Como a autora explica, ‘qualquer’ exige que o nome em sua restrição possa ser individuado. O nome selecionado por ‘qualquer’ tem que prover algum átomo para a quantificação. No exemplo (114c), vemos que o nome ‘saúde’ sequer oferece uma dimensão de tipo para a quantificação. Essa seria uma possibilidade de resgatar sentenças que não possuem átomos naturais, como vemos nos casos abaixo.

115)

- a) Qualquer tipo de virulência é da alçada da infectologia.
- b) \*Qualquer virulência é da alçada da infectologia.

116)

- a) Crianças são receptivas a qualquer manifestação de amorosidade.
- b) \*Crianças são receptivas a qualquer amorosidade.

117)

- a) A polícia está pronta para reagir a qualquer prática de terrorismo.
- b) \*A polícia está pronta para reagir a qualquer terrorismo.

Os nomes ‘virulência’, ‘amorosidade’, ‘terrorismo’ não oferece átomos para ‘qualquer’. Não é possível contar o nome ‘virulência’ sem a ajuda de um classificador como ‘tipo’, ‘nível’ etc. No exemplo em questão, ‘qualquer’ não atua sobre as partes mínimas constitutivas (os átomos) da virulência, mas sobre tipos. ‘Virulência’ oferece uma dimensão de tipo, que pode ser acessada por ‘qualquer’. Assim, a sentença é salva da agramaticalidade. A conclusão de Quadros Gomes (2004) é a de que, apesar de haver uma preferência por nomes contáveis, ‘qualquer’ possa se combinar também a nomes massivos desde que estes apresentem alguma dimensão passível de ser individualizada.

Em seu estudo, Quadros Gomes (2004) defende que “[...] para poder haver escolha, é preciso que reste, no mínimo, um indivíduo no conjunto, após a seleção; isso quer dizer que a forma singular [‘qualquer’], em que pelo menos um indivíduo é escolhido, exige conjuntos com pelo menos dois indivíduos, dentre os quais um possa ser selecionado; [...]” (Quadros Gomes, 2004, p. 322).

Desse modo, temos que ‘qualquer’ é um quantificador universal que forma domínios com pelo menos duas alternativas passíveis de escolha. Seu domínio de quantificação deve conter indivíduos, que são provenientes da denotação de um nome contável ou podem ser

produzidos por meio do estabelecimento de unidades de medida contextuais para nomes massivos.

Apesar de ter percebido a necessidade de haver uma pluralidade de indivíduos no domínio do nominal na restrição de ‘qualquer’ para que alternativas fossem projetadas, Quadros Gomes (2004) não fala em mundos possíveis. Na visão mais tradicional sobre alternativas em cada mundo possível, a predicação sentencial recai sobre um indivíduo distinto do domínio nominal, sem que haja repetição; e, na proposta de Chierchia, a escolha de uma parcela do domínio implica a exclusão de todas as outras.

Pires de Oliveira (2005) defende que ‘qualquer’ expressa livre escolha, pois carrega consigo uma pressuposição de alternativas possíveis, e apresenta evidências em favor da posição de que ‘qualquer’ é um indefinido à la Heim. A autora argumenta em seu texto que devemos manter a livre escolha independentemente da força quantificacional, seguindo, assim, a linha de Chierchia (2006), contra Dayal (1998). A análise da autora favorece a visão de que, mesmo participando de duas estruturas sintáticas (‘qualquer’ + nome e ‘um’ + nome + ‘qualquer’) distintas, cada uma delas com suas próprias características semânticas, há apenas um item ‘qualquer’ no português. A análise de Pires de Oliveira se baseia em três valores de ‘qualquer’. Para além da leitura universal e existencial, a autora acrescenta a leitura existencial cardinal ( $\exists c$ ) baseada na classificação de Mória (2002). Para o autor, a leitura cardinal é encontrada em contextos em que ‘qualquer’ se refere a um numeral. A interpretação de Mória sobre o significado cardinal de ‘qualquer’ é mais facilmente visualizado em contextos de pedido ou de ordem. Observe os exemplos abaixo de Mória (2002, p. 30).

118) Traz qualquer livro dessa estante!

119) Traz um livro qualquer dessa estante!

De acordo com Mória (2002), não seria adequado que no contexto das sentenças (118) e (119) o interlocutor trouxesse dois livros. No entendimento de Mória, o uso de ‘qualquer livro’ ou de ‘um livro qualquer’ em pedidos ou ordens veicula a noção de “exatamente um”. Apesar de os exemplos aqui expostos estarem no singular, é possível ter leitura cardinal no plural desde que haja a devida flexão de número em ‘qualquer’, para formar ‘quaisquer dois livros’, ‘três livros quaisquer’ e assim por diante. Com o uso da nomenclatura “numeral”/ “cardinal”, Mória



(2002) parece querer capturar o fato de que em línguas românicas, como o português, ‘um’ é ambíguo entre o indefinido (‘a’, no inglês) e o cardinal (‘one’, no inglês)<sup>34</sup>.

Pires de Oliveira (2005) verifica dois aspectos de significado de ‘qualquer’: a variabilidade quantificacional e a ligação com correferência.

- 120) Qualquer aluno joga futebol.
- 121) Um aluno qualquer joga futebol.
- 122) Deu qualquer problema com o computador.
- 123) Deu um problema qualquer com o computador.

As sentenças (120), (121), (122) e (123) ilustram a variabilidade quantificacional. De acordo com a autora, na sentença (120), ‘qualquer’ tem leitura genérica caracterizadora; enquanto na sentença (121), ‘qualquer’ é ambíguo entre a leitura genérica caracterizadora<sup>35</sup> e uma leitura genérica habitual. A leitura genérica caracterizadora de Pires de Oliveira (2005) é o que estamos chamando de leitura genérica, enquanto a leitura genérica habitual é o que estamos chamando apenas de leitura habitual<sup>36</sup>. A autora ressalta que a leitura habitual está disponível apenas para o sintagma formado por ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e o fato de que a sentença (121) normalmente está associada a uma atitude depreciativa do falante. De acordo com Pires de Oliveira (2005), as sentenças (122) e (123) são sinônimas. Nelas, ‘qualquer’ têm apenas leitura existencial. Esses dados são utilizados na argumentação da autora em favor da dissociação da livre escolha com a força quantificacional. Isso pois, a depender do contexto em que está inserido, ‘qualquer’ pode receber uma leitura ou outra.

Ainda para defender que ‘qualquer’ é um indefinido, Pires de Oliveira (2005) também realiza o teste de correferência. A função desse teste é verificar se o pronome ‘ele’ consegue estabelecer uma relação de anáfora com o sintagma testado. O estabelecimento de uma relação

---

<sup>34</sup> Não realizamos nesta dissertação a distinção entre existencial e existencial cardinal, porque há muitos casos em que o uso dessa não a classificação não é transparente. A nomenclatura “existencial” parece ser suficiente para a discussão a ser realizada neste trabalho.

<sup>35</sup> Na minha variedade do português carioca, essa leitura não é a mais intuitiva. É possível acessá-la, mas não é a leitura preferencial.

<sup>36</sup> Pires de Oliveira (2005) não parece fazer a distinção que adotamos neste trabalho entre leitura genérica e leitura habitual. Do nosso ponto de vista, a genericidade não se confunde com a habitualidade. Seguimos neste trabalho a visão de Krifka *et al.* (1995), segundo o qual a leitura genérica relata uma propriedade geral, ao passo que a leitura habitual “reporta a regularidade que resume grupos de episódios ou fatos particulares.” (Krifka *et al.* 1995, p. 2). Uma evidência relevante de que sentenças habituais não devem ser confundidas com sentenças genéricas está em sua construção. Sentenças habituais podem ser formadas por verbos que denotam episódios desde que pluralizados por algum mecanismo gramatical — os advérbios de quantificação, por exemplo —. Isso, no entanto, não é possível com as sentenças genéricas.

de anáfora só pode ser explicado através da semântica, visto que não há como estabelecer relações de c-comando entre o pronome ‘ele’ e o sintagma testado. A realização de anáfora indica que o sintagma testado é uma variável, pois consegue ser preso por outro operador presente na sentença.

- 124) Todo fazendeiro que tem um burro qualquer<sub>i</sub> bate nele<sub>i</sub>.  
 125) ?Todo fazendeiro que tem qualquer burro<sub>i</sub> bate nele<sub>i</sub>.  
 126) \*Todo fazendeiro que tem todo burro<sub>i</sub> bate nele<sub>i</sub>.

A realização da anáfora em (124) e (125) revela para a autora que ‘qualquer’ apenas introduz uma variável. De acordo com Pires de Oliveira (2005), se ‘qualquer’ tivesse força quantificacional própria, ele deveria ser agramatical nessas sentenças, assim como ‘todo’ em (126). Após apontar os fatos linguísticos que indicam que ‘qualquer’ é um indefinido, Pires de Oliveira (2005) analisa o licenciamento de ‘qualquer’ de acordo com o tipo de sentença (genérica e episódica) e a posição sintática (sujeito e complemento sentencial).

- 127) ?Qualquer aluno resolveu o problema.  
 128) #Qualquer médico operou este paciente aqui.  
 129) Um aluno qualquer resolveu o problema.  
 130) Um médico qualquer operou este paciente aqui.

Com relação à distribuição de ‘qualquer’, Pires de Oliveira (2005) apresenta o seguinte panorama: os dados em (127) e (128) mostram ‘qualquer’ + nome e ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em posição de sujeito de sentenças episódicas. De acordo com a autora, nesta condição, ‘qualquer’ + nome nunca é plenamente aceitável em português, mas tampouco é agramatical. A sentença (127) foi aceita por alguns falantes entrevistados pela autora, por isso essa sentença está marcada com “?”. A sentença (128) não foi aceita por nenhum dos falantes entrevistados pela autora com a leitura esperada (universal). A autora diz que (128) está marcada com “#” por gerar uma certa “estranheza” nos participantes, mas não ser exatamente agramatical. Para Pires de Oliveira (2005), ‘qualquer’ + nome, se for aceito e gramatical em posição de sujeito de episódicas, seria interpretado como um universal ( $\forall$ ). O cenário para ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é diferente. Os sintagmas “um aluno qualquer” e “um médico qualquer” são igualmente aceitos em português. A interpretação disponível neste caso é a existencial cardinal ( $\exists c$ ).

Em sentenças episódicas, ‘qualquer’ + nome (em posição de sujeito) sofre prejuízo em sua aceitabilidade. Se as sentenças (127) e (128) fossem bem aceitas, ‘qualquer’ deveria veicular a leitura universal. Por sua vez, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ sempre veicula o significado existencial cardinal. Tanto a sentença (129) quanto (130) referem-se a um indivíduo específico, cuja identidade não é conhecida pelo falante ou que o falante não deseja se dar ao trabalho de revelar.

A intuição de Pires de Oliveira (2005) para ‘qualquer’ em posição de sujeito pode ser sintetizada no quadro a seguir:

**Quadro 2** – Resumo das leituras de ‘qualquer’ em posição de sujeito

<b>Expressão com ‘qualquer’</b>	<b>Qualquer N</b>	<b>Um N qualquer</b>
<b>Tipo de sentença</b>		
<b>Genérica</b>	$\forall$	$\forall$ ou $\exists c$
<b>Episódica</b>	# ou $(\forall)$	$\exists c$

Fonte: Adaptado de Pires de Oliveira (2005, p. 257)

Com relação à posição de complemento sentencial, Pires de Oliveira (2005) oferece o seguinte panorama: nos dados (131) e (132), há sentenças episódicas e, em (133), há uma sentença genérica. Em todas elas, o sintagma ‘um’ + nome + ‘qualquer’ oferece sempre a mesma contribuição: leitura existencial cardinal.

A contribuição de ‘qualquer’ + nome é mais difícil de sistematizar. Segundo a autora, as sentenças (128) e (129) não são naturais no português. Entretanto, as sentenças (134) e (135) são naturais. (134) e (135) diferem uma da outra, para a autora, em relação ao significado veiculado. Pires de Oliveira (2005) considera que em (136) ‘qualquer roupa’ tem leitura existencial, mas não cardinal. Por sua vez, em (137), ‘qualquer CD’ tem leitura universal.

131) Chegou uma carta qualquer.

132) Maria comprou um vestido qualquer.

133) Sempre que João almoça, ele come um doce qualquer de sobremesa.

- 134) #Chegou qualquer carta.<sup>37</sup>  
 135) #Ela comprou qualquer vestido.  
 136) Hoje, o João colocou qualquer roupa.  
 137) Vendo qualquer CD.

A intuição de Pires de Oliveira (2005) para ‘qualquer’ em posição de complemento sentencial pode ser sintetizada no quadro a seguir:

**Quadro 3** – Resumo das leituras de ‘qualquer’ em posição de complemento

<b>Expressão com ‘qualquer’/ Tipo de sentença</b>	<b>Qualquer N</b>	<b>Um N qualquer</b>
<b>Genérica</b>	$\forall$ ou $\exists$	$\exists c$
<b>Episódica</b>	# ou $(\forall)$ ou $\exists$	$\exists c$

Fonte: Pires de Oliveira (2005, p. 259)

De modo geral, os dados de Pires de Oliveira (2005) apresentam um comportamento espelhado de ‘qualquer’ + nome e ‘um’ + nome + ‘qualquer’. A forma ‘qualquer’ + nome aparece majoritariamente associada à leitura universal. Mesmo em contextos em que, para a autora, há a possibilidade de haver leitura existencial ou algum tipo de estranhamento associado a ‘qualquer’ + nome, a leitura universal é sempre uma possibilidade de leitura acessível por meio de ‘qualquer’ + nome. Por outro lado, a forma ‘um’ + nome + ‘qualquer’ está sistematicamente associada à leitura existencial, ainda que possa ter altura universal na variedade da autora em posição de sujeito de sentenças genéricas.

Pires de Oliveira (2005) decompõe morfologicamente ‘qualquer’ em ‘qual’ e ‘quer’. De acordo com a autora, as partes da palavra são responsáveis pelo efeito FC. A decomposição de

<sup>37</sup> É importante ressaltar que, nas sentenças (131) e (134), os sintagmas que contêm ‘qualquer’ são considerados como parte do complemento da sentença. Ainda que tais sintagmas nasçam como complemento do verbal, esses sintagmas são alçados e sua posição final na derivação da sentença é a de sujeito. Pires de Oliveira (2005) usa um verbo inacusativo em sua análise de ‘qualquer’ + nome em sentenças episódicas. A interpretação de (134) como estranha não contradiz e, na verdade, caberia perfeitamente para a generalização que a autora fez para ‘qualquer’ + nome em posição de sujeito de sentenças genéricas. Do mesmo modo, a interpretação de existencial cardinal de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em posição de complemento (131) caberia na análise da autora de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em posição de sujeito de sentenças episódicas. A intuição da autora sobre a leitura de (131) e (134) seria compatível com a análise desses casos como se estivessem em posição de sujeito.

‘qualquer’ em ‘qual’ e ‘quer’ é relevante para a análise da autora, pois a partir disso a autora propõe duas características fundamentais da livre escolha.

A pressuposição disparada por qualquer resulta da combinação de dois elementos: qual, cujo uso feliz, como nas interrogativas, depende de haver um conjunto de alternativas de respostas já disponíveis contextualmente, e que, que é um verbo modal, e portanto, introduz intensionalidade. (Pires de Oliveira, 2005, p. 268).

Pires de Oliveira (2005) defende que a livre escolha é uma combinação de alternativas a uma base modal. Essa proposta combina um dos ingredientes de Chierchia, que propõe alternativas como o componente básico da semântica de itens FC e de polaridade negativa, a um dos ingredientes de Dayal, que defendia que itens FC são inerentemente modais. Tendo em vista a formação morfológica de ‘qualquer’, a autora sugere que o pronome ‘qual’ seja o responsável por introduzir as alternativas que ‘qualquer’ no domínio de qualquer. Por outro lado, o verbo ‘querer’, que é modal, oferece o componente modal necessário para a leitura FC: uma base modal epistêmica ou contrafactual.

“Por tudo o que o falante sabe, isto é, em todos os mundos que constituem sua base de conhecimento, há um conjunto de problemas passíveis de estarem ocorrendo com o computador, e para cada um dos problemas desse conjunto há um mundo em que ele ocorre com o computador em questão (e não há uma alternativa que torne a proposição verdadeira em todos os mundos da base modal).” (Pires de Oliveira, 2005, p. 269).

Pires de Oliveira argumenta que não é suficiente propor que ‘qualquer’ pressuponha alternativas. Na sentença (122), o falante sabe que houve um problema com seu computador, mas não sabe qual. O esquema em (138) ilustra esse cenário. ‘Qualquer’ distribui alternativas em mundos possíveis<sup>38</sup>. Em cada mundo, uma escolha diferente é feita. Como todas as alternativas são igualmente válidas, o falante não sabe qual é a alternativa que torna a sentença válida em seu mundo. Por isso, não basta apenas que haja alternativas. É necessário que ‘qualquer’ também esteja associado a uma base modal epistêmica que o faça ser interpretado como um indefinido epistêmico.

138) Esquema 1:

w <sub>1</sub>	{a,b}	a
w <sub>2</sub>	{a,c}	c

<sup>38</sup> O mundo atual/ real também tem que ser considerado dentro do conjunto de mundos possíveis.

w<sub>3</sub>     {a,b,c}     c

(Pires de Oliveira, 2005, p. 269)

No cenário desenhado em (139), ‘qualquer’ não poderia ser utilizado. Uma vez que a mesma alternativa é escolhida em todos os mundos, o falante não tem escolha. Desse modo, a sentença não preenche o requisito da base modal epistêmica de ‘qualquer’.

139) Esquema 2:

w<sub>1</sub>     {a,b}     a

w<sub>2</sub>     {a,c}     a

w<sub>3</sub>     {a,b,c}     a

(Pires de Oliveira, 2005, p. 270)

De acordo com Pires de Oliveira (2005), ‘qualquer’ também pode ser interpretado a partir de uma base modal contrafactual. Este seria o caso da sentença abaixo.

140) A Maria coloca qualquer roupa quando está em casa.

Neste caso, temos uma sentença que Pires de Oliveira chama de genérica habitual, em que ‘qualquer’ está sendo modificado por *subtriggering*. A interpretação seria de (140) é de que, para ficar em casa, Maria não escolhe qual roupa vai usar; ela só exige que seja uma roupa pertencente ao conjunto das roupas de Maria. Nesse caso, Pires de Oliveira (2005) defende que ‘qualquer’ seja interpretado com uma base modal contrafactual, que a autora define da seguinte forma: “Em linguagem informal, para todos os mundos próximos ao nosso, e para todos os elementos do conjunto de roupas para ficar em casa, há um mundo em que a Maria usa um desses elementos.” (Pires de Oliveira, 2005, p. 271).

Pires de Oliveira (2011) discute a semântica da livre escolha. Neste trabalho, a autora mantém sua posição de que ‘qualquer’ é um indefinido e foca nas características que a livre escolha deve ter bem como na leitura de ‘qualquer’ em sentenças negativas.

O conceito explorado por Pires de Oliveira (2011) é o de ‘qualquer’ como um “aleatorizador”. A ideia é que ‘qualquer’ parece sempre poder ser substituído por ‘não importa qual’. Em uma sentença como (141), não inferimos que as crianças estão cochichando todas as coisas. A interpretação é de que elas estão cochichando uma coisa e não importa qual coisa é.

- 141) Abraçadas uma a outra, como crianças cochichando qualquer coisa.<sup>39</sup>  
 142) # João comprou qualquer coisa pra comer: macarrão.

A sentença (142) é degradada em português. Levando em consideração que ‘qualquer’ cria alternativas e introduz intensionalidade, podemos entender o porquê de a sentença (142) não soar natural em português. Não é possível utilizar ‘qualquer’ em contextos em que ele é impedido de criar alternativas. Uma vez que a compra foi realizada, não há alternativas.

Pires de Oliveira (2011) discute se ‘qualquer’ tem ou não leitura de polaridade negativa a partir dos dados em (143) e (144):

- 143) a. Todo aluno leu qualquer um livro da lista.  
 144) b. \*Todo aluno leu sequer um livro da lista.

A autora argumenta que 'qualquer' não pode ser entendido como um IPN porque ele não se comporta como ‘sequer’. ‘Sequer’ é considerado um IPN do português. De acordo com a autora, a presença de ‘sequer’ na sentença afirmativa (144) a torna agramatical. Em (143), por outro lado, a utilização de ‘qualquer’ na sentença não a torna malformada, para a autora. A ideia que sustenta o argumento de Pires de Oliveira (2011) é o entendimento de que a polaridade negativa deve ser licenciada apenas em ambientes de DE. Como dito anteriormente, ‘todo’ tem o padrão de acarretamento descendente no primeiro argumento e de acarretamento crescente no segundo argumento. Seguindo o raciocínio da autora, entende-se que (i) itens de polaridade negativa são licenciados em contextos de acarretamento descendente; (ii) ‘todo’ cria um ambiente de acarretamento descendente apenas no seu primeiro argumento; (iii) o IPN do português, ‘sequer’, não é licenciado na posição de segundo argumento de ‘todo’; (iv) ‘qualquer’ é licenciado na posição de segundo argumento de ‘todo’; (v) logo, ‘qualquer’ não pode ser entendido como um IPN.

---

<sup>39</sup> É importante salientar que a autora não utilizou um exemplo de sentença episódica característico. Em (141), ‘qualquer’ + nome está na posição de complemento de uma sentença subordinada comparativa no gerúndio. Por isso, não há marcação de tempo próprio na oração subordinada. Como dito anteriormente, as sentenças episódicas são caracterizadas por sua delimitação espaço-temporal do evento. Além disso, a oração principal é reduzida de participípio. Logo, tampouco possui um verbo flexionado com marca de tempo. Desse modo, o exemplo (141) não apresenta propriamente uma sentença episódica, mas apresenta uma sentença caracterizadora encaixada em uma sentença que pode ser habitual ou caracterizadora a depender do contexto. Também vale notar que, considerando que a cada vez que duas pessoas se abraçam, elas parecem crianças cochichando alguma coisa, há uma pluralidade de “cochichos”. As crianças não cochicham a mesma coisa toda vez que as pessoas se abraçam. O conteúdo do cochicho pode variar de um abraço para o outro.

## 1.4 Retomando o capítulo

Apresentamos neste capítulo duas propostas concorrentes sobre os itens FC nas línguas naturais, de grande repercussão na literatura: (i) a de que itens FC têm força quantificacional própria, universal, defendida por Dayal (1998, 2004), que se baseia em Vendler (1967) e acrescenta também uma natureza modal ao ‘*any*’ — nessa visão, o IPN homônimo, ‘*any*’, tem força quantificacional inerente existencial, e o quórum comum entre ambos os itens realizados por ‘*any*’ é o fato de o nome que indica seu domínio se referir a uma classe, o que é obrigatório para a livre escolha, mas apenas uma das situações em que o IPN é licenciado; e (ii) a proposta concorrente, a de que itens FC e de polaridade negativa são etimologicamente e historicamente ligados (Haspelmath, 1997) e semanticamente dividem um núcleo comum (Chierchia, 2006), a necessidade de projetar alternativas. Essas alternativas são de natureza diferentes: são do tipo D para os itens FC e de tipo E para os itens de polaridade negativa, o que, segundo Chierchia, explica o fato de aqueles expandirem o domínio maximamente, enquanto estes só requerem duas alternativas. Vimos que a proposta de Dayal daria conta do comportamento de línguas como o espanhol, em que ‘*cualquier(a)*’ tem sempre força universal, como Fábregas (2018) e Polakof (2021) mostraram. Porém, em português, a força quantificacional de ‘qualquer’ varia bastante, e ‘qualquer’ + nome não pode fazer referência a uma espécie inteira. Os estudos descritivos sobre ‘qualquer’ reconhecem que não se pode afirmar que a força universal esteja lexicalizada, o que levou Pires de Oliveira (2005, 2011) a analisar ‘qualquer’ como um indefinido à la Heim, que não em força própria. Vale notar, porém, que um indefinido ‘um’ nunca fica agramatical, qualquer que seja o ambiente ou tipo de sentença em que figure no sintagma argumental, ao passo que ‘qualquer’ soa estranho em algumas sentenças, como a própria autora apontou, o que não é esperado de um item que funcione como uma variável livre, sendo preso pelo operador sentencial disponível. Não se disputa que ‘qualquer’ seja um indefinido epistêmico, mas ele tem condições de licenciamento que não correspondem à descrição de um “indefinido à la Heim”. Pires de Oliveira (2005) faz uma correlação entre a força existencial ou universal de ‘qualquer’ e, por outro lado, o ambiente em que é licenciado (se a sentença é genérica ou se é existencial) e a posição sintática (sujeito ou complemento verbal), porém não explica o papel da posição sintática nem do tipo de sentença na força quantificacional que ‘qualquer’ assume. Por exemplo, em sentenças episódicas, ‘qualquer’ + nome não é bem aceito como sujeito (sem *subtrigging*), mas é bem aceito como complemento; não está claro o que impede o licenciamento de ‘qualquer’ como sujeito de episódicas, uma vez que não se pode assumir, diante dos dados do português, que há incompatibilidade entre sua



força modal inerente e esse tipo de sentença. Como sujeito de sentenças genéricas e como complemento de verbos atitudinais, ‘qualquer’ sempre tem valor universal quanto a todos os indivíduos do domínio nominal serem uma escolha permitida, embora Pires de Oliveira (2005), baseando-se em Mória, fale em interpretação cardinal, para capturar o fato de que causaria estranheza se alguém tomasse mais de uma carta ao ser instada a “pegar qualquer carta”. Nesse ponto, ela discorda de Chierchia, para quem é possível pegar mais de uma garrafa de cerveja se alguém, com meia dúzia de *longnecks* na geladeira, de marcas distintas, oferece a um convidado: “pegue qualquer cerveja”. Segundo Chierchia, só haveria estranheza se o interlocutor pegasse todas as garrafas. A autora discorda de Chierchia também quando diz que não há pressuposição de alternativas. A autora fala em modalidade inerente a ‘qualquer’, e de uma partição de domínio, assim como de alternativas, mas não oferece uma forma lógica nem uma definição mais detalhada da semântica básica de ‘qualquer’. Aparecem fatos interessantes na discussão, mas a descrição do licenciamento de ‘qualquer’ em português não está completa.

O que podemos dizer sobre o tema desta pesquisa, com base na literatura revista aqui? Podemos assumir que se trate de um indefinido epistêmico. Vimos por testes que ‘qualquer’ não tem referência definida. Há também certo efeito de “ignorância” do referente. Nem no seu uso como item FC, nem no seu uso de IPN, nem no retórico, de desprezo, a referência do sintagma nominal de que ele participa é fixada e definida. Percebemos também que ‘qualquer’ em português não se comporta como o ‘any’ do inglês, pois, embora seja o item FC por excelência em português (“Qualquer criança sabe a resposta a essa pergunta”), não é “homônimo” do IPN por excelência do português, ‘algun’ pós-nominal (“Aluno algum compareceu”). Também não se comporta como o ‘*cualquiera*’ do espanhol, que tem exclusivamente força universal, em qualquer sentença em que seja licenciado; pois podemos dizer “Ela comeu qualquer coisa”, compreendendo daí que algo foi ingerido por ela, e, além disso, que não era seu alimento preferido, ou seja, ela não exerceu sua escolha. Vimos ainda dizer que ‘qualquer’ não é exatamente como o seu correlato italiano. Chierchia mostrou contextos nos quais o item FC do italiano ganha leituras existenciais, como ocorre com ‘qualquer’, mas vimos que a tradução para o português de alguns dos exemplos desse autor resultariam em agramaticalidade se utilizássemos ‘qualquer’. Portanto, ‘qualquer’ tem especificidades em relação ao seus correlatos de outras línguas naturais, mostrando um comportamento distinto mesmo dos itens FC de outras línguas românicas. Essas exclusividades de ‘qualquer’ justificam um trabalho de descrição mais completo das suas condições de licenciamento e das interpretações geradas nos ambientes em que é licenciado. É o que nos propomos a fazer no próximo capítulo. Inspirados no inventário de Chierchia para o italiano, e

nos dados de Pires de Oliveira, vamos mapear três formações: ‘qualquer’ + nome, ‘qualquer um’ e ‘um’ + nome + ‘qualquer’. Supomos que possa haver diferenças comportamentais entre elas. Essa descrição pode vir a ser relevante para quem se proponha a encontrar universais na expressão da livre escolha das línguas naturais e para os que se proponham a formular uma teoria que possa dar conta de todos os itens FC.

## 2 ‘QUALQUER’ (PORTUGUÊS) E A INDEFINITUDE

De início, vamos voltar à questão de Fábregas (exemplos de 40 a 43), retestando ‘qualquer’ para a indefinitude. Vimos que o item FC no espanhol não é licenciado em sentenças apresentacionais, o que indica que, nessa língua, o item FC tem força universal própria, apontando para a definitude. Empregaremos aqui o teste das sentenças apresentacionais para verificar se ‘qualquer’ em suas formas ‘qualquer’ + nome, ‘qualquer um’ e ‘um’ + nome + ‘qualquer’ são licenciados no teste do Efeito de Definitude.

145)

- a) ??Tem qualquer menino no jardim.
- b) ?Tem qualquer menino da vizinhança/ que mora na rua no jardim.

146)

- a) ??Tem qualquer gato no jardim.
- b) ?Tem qualquer gato existente na vizinhança no jardim.

147)

- a) (Se você quer pés de alface ou de acelga...) ??Tem qualquer um no jardim.
- b) (Gato?) ??Tem qualquer um no jardim.

148)

- a) Tem um menino qualquer no jardim.
- b) Tem um gato qualquer no jardim.

Observamos nos dados acima comportamentos diferentes para os diversos sintagmas com ‘qualquer’ em contexto de sentença apresentacional. As sentenças em (145) e (146), com ‘qualquer’ + nome, são malformadas em português. Esse comportamento destoa de outros

indefinidos, como ‘um’. Por que ‘qualquer’ + nome não é aceito? Diferentemente do item FC do espanhol, ‘qualquer’ não tem força universal inerente, então não podemos concluir que o problema seja a sua definitude. Como vimos antes, os indefinidos não são todos iguais. Mesmo sendo indefinido, ‘qualquer’ tem uma semântica diferente da de ‘um’. A diferença, segundo Chierchia, está nas alternativas, cujo disparo é necessário tanto em itens FC quanto em itens de polaridade negativa. Uma sentença apresentacional é incompatível com a expansão de domínio via alternativas. Quando se diz “Tem uma mosca na sua sopa”, a ideia é chamar a atenção do dono do prato de sopa para um fato que ele ainda não tinha notado, ou seja, alertá-lo de que existe a presença de um espécime (de um indivíduo) da espécie mosca localizado na sopa que ele consumia. Primeiramente, esse sabor de “advertência” ou alerta (o falante diz algo que, a seu ver, o ouvinte desconhecia) é incompatível com a definitude, porque uma referência definida pertence ao fundo conversacional compartilhado, ou seja, é algo do conhecimento tanto do falante quanto do ouvinte. Pela mesma razão, sentenças apresentacionais não têm incompatibilidade com a indefinidade em si, dado que um indefinido como ‘um’ pode ser empregado para introduzir um novo referente no discurso. Porém, ‘qualquer’ é um indefinido epistêmico, em que o falante também não pode ter como identificar melhor o referente do sintagma nominal de que ‘qualquer’ participa. É a epistemicidade que torna esquisito ‘qualquer’ + nome em sentenças apresentacionais, pois não faz sentido, num cenário em que o universo tivesse apenas três moscas, A, B e C, dizer a alguém que tanto A, quanto B ou C são boas opções para estar na sua sopa, ainda mais porque a presença de uma mosca na sopa é o que importa, não sua identificação. A presença de uma única mosca basta para estragar a sopa. Não faz diferença alguma que a mosca seja esta ou aquela. A ampliação de domínio não tem função pragmática em sentenças apresentacionais. Pela mesma razão, não seria tão apropriado dizer “tem alguma mosca na sua sopa” quanto “tem uma mosca na sua sopa”: a identidade da mosca não interessa nesse contexto de advertência<sup>40</sup>.

Sentenças apresentacionais são sentenças com fechamento existencial, ou que requerem que o objeto ou indivíduo a ser localizado seja expresso por um sintagma nominal existencial, como a literatura já estabeleceu. Se ‘qualquer’ tivesse força universal inerente, esperaríamos que o *subtriggering* melhorasse a sua aceitação em sentenças apresentacionais. No entanto, as versões (b) de (145) e (146) não são tão melhores que as versões (a). A utilização do *subtriggering* em (145b) e (146b) melhora um pouco, mas não totalmente, a aceitabilidade das sentenças. No

---

<sup>40</sup> Muito embora o uso de ‘algum’ requeira que o falante possa suspeitar de que tanto a mosca A quanto a B possam ter caído na sopa, sem ter elementos para saber qual delas está de fato na sopa. Embora sejam ambos epistêmicos, ‘algum’ requer mínima ampliação de domínio, e ‘qualquer’ tem máxima ampliação de domínio.

entanto, não damos a ‘qualquer’, nessas sentenças, leitura universal. As sentenças descrevem uma situação em que existe um menino (145) e um gato (146) no jardim e suas identidades não interessam, são irrelevantes; é a mesma leitura que obtemos com “um menino qualquer”, “um gato qualquer”.

A sentença apresentacional com ‘qualquer um’, no exemplo (147), é ainda mais claramente inaceitável que as com ‘qualquer’ + nome em português. De novo, a inadequação das alternativas em contexto de alerta parece ser o motivo. Podemos dizer com naturalidade: “Tem uma erva para fazer infusão? Serve qualquer uma.”, porque a ampliação de domínio faz sentido: a infusão pode ser feita, alternativamente, com hortelã, menta, cidreira, erva-doce... todas são opções igualmente boas. No entanto, alertar para a existência de uma delas em um certo espaço não é compatível com alternativas.

A sentença apresentacional com ‘um’ + nome + ‘qualquer’ (148) chama a atenção pela sua naturalidade. A aceitação decorre do fato de termos aí um sintagma encabeçado pelo indefinido ‘um’, e modificado por ‘qualquer’. Nesse caso, segundo Heim (2011[1982]), ‘um’ é uma variável livre, que pode ser presa por quantificadores que lhe dão força universal ou existencial. No contexto de uma sentença apresentacional, a força de ‘um’ é a existencial, o que é atestado pela interpretação obtida. Podemos parafrasear (148a) por “existe x, menino x e x está no jardim”, acrescentando, como sendo a contribuição dada por ‘qualquer’ em posição pós-nominal, a posição canônica do adjetivo atributivo em português, que a identidade desse menino não interessa. Em outras palavras: “um menino, não importa qual, está no jardim agora”. Para (148b) a paráfrase é: “um gato, não importa qual, está no jardim agora”.

O contraste de aceitabilidade em sentenças apresentacionais entre ‘qualquer’ pré-nominal e ‘qualquer’ pós-nominal levanta problemas para a análise de Pires de Oliveira, que explicava a variabilidade de ‘qualquer’ analisando-o como um indefinido à la Heim. Se ‘qualquer’ fosse uma variável livre, esperaríamos que pudesse assumir uma força quantificacional existencial em (145), (146) e (147), garantindo sua compatibilidade com uma sentença de natureza apresentacional, mas esse ambiente não é compatível com ‘qualquer’ + nome nem com ‘qualquer um’. O que há de diferente em (148) é que o determinante em ‘um’ + nome + ‘qualquer’ não é mais o ‘qualquer’, mas o ‘um’, o que garante a leitura existencial indefinida necessária para o referente. Precisamos então separar ‘um’ + nome + ‘qualquer’, de um lado, de ‘qualquer’ + nome nem e de ‘qualquer um’, de outro. O ambiente de sentenças apresentacionais revela que esses dois últimos sintagmas, os encabeçados por ‘qualquer’, não se comportam como indefinidos à la Heim.

Vamos agora examinar o que acontece com a negação sentencial aplicada às sentenças de (145) a (147):

149)

- a) Não tem qualquer menino no jardim agora.
- b) Não tem qualquer menino da vizinhança/ que more na rua no jardim agora.

150)

- a) Não tem qualquer gato no jardim agora.
- b) Não tem qualquer gato da vizinhança no jardim agora.

151)

- a) (Se você quer pés de alface ou de acelga...) \*Não tem qualquer um no jardim agora.
- b) (Gato?) \*Não tem qualquer um no jardim agora.

Vemos que a negação licencia ‘qualquer’ + nome em sentenças apresentacionais ((149), (150)), independentemente de *subtriggering*. Isso reforça a análise de que a base da semântica de ‘qualquer’ (pré-nominal) sejam as alternativas, como defendido por Chierchia. Considerando que ‘qualquer’ + nome cria ampliação de domínio, a negação sentencial vai se tornar uma negação enfática da presença de cada indivíduo do domínio nominal no jardim ( $\forall \neg$ ), criando a leitura de que, para cada menino do domínio em (149), não é verdade que ele está no jardim, e para cada gato do domínio, em (150), também não é verdade que ele está no jardim. Vale lembrar que há equivalência lógica entre a negação universal ( $\forall \neg$ ), que seria algo como “para cada alternativa, não é verdade que...” e a negação existencial ( $\neg \exists$ ), que é algo como “não existe x...”. Por isso a negação sentencial produz a aceitabilidade de ‘qualquer nome’ em sentenças apresentacionais.

Interessantemente, a negação sentencial piora a aceitabilidade de ‘qualquer um’ (151). O fato de essa expressão só aceitar sentenças afirmativas indica que ela não aceita estar sob o escopo da negação sentencial e que a ampliação de domínio que ela realiza não pode ser tão facilmente restringida ou limitada.

A negativa de (148) merece seu espaço de discussão:

152)

- a) Não tem um menino qualquer no jardim.

- b) Não tem um gato qualquer no jardim.
- c) Não tem um menino sequer no jardim.
- d) Não tem menino algum no jardim.
- e) Não tem menino no jardim.

Entendemos de (152a) que se afirma a inexistência de um certo menino no jardim. Assim como a sua versão positiva (148a), (152a) continua afirmando a existência de um menino no jardim. Compare-se (152a) com (152c), (152d) e (152e), esses três últimos exemplos negando realmente a existência de qualquer número de meninos no jardim, ou seja, afirmando que temos um jardim livre da presença de meninos. Em (152a), a negação incide sobre o modificar ‘qualquer’: há um menino sim no jardim, mas ele não é ‘qualquer’, ele é especial. O mesmo se aplica a (152b), que tem como paráfrase “tem um gato no jardim, e esse gato não é qualquer”, o que significa que o gato presente no jardim se destaca dos outros por alguma propriedade. É interessante verificar que a presença de ‘qualquer’ pós-nominal tem o efeito de obliterar o escopo da negação sobre a existência de um indivíduo do domínio nominal, “absorvendo” a negação para o seu componente de alternativas, em que um ou outro teriam equivalência. Além disso, é importante notar que em nenhuma boa sentença com ‘qualquer’ pré-nominal o falante pode identificar um indivíduo específico como a referência do sintagma, nomeá-lo ou definir sua identidade, como é de esperar de um indefinido epistêmico. Nas sentenças com ‘qualquer’ pós-nominal ocorre o inverso: o falante não só pode saber a quem se refere o sintagma nominal, mas na versão negativa da sentença ele inclusive avalia a relevância/o destaque de que esse indivíduo goza em comparação com os demais que populam o domínio nominal.

O licenciamento de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em oposição ao de ‘qualquer’ + nome e de ‘qualquer um’ sem *subtriggering* parece indicar que ‘qualquer’ não tem força quantificacional própria. Esperamos que um item com força quantificacional própria seja julgado em relação à aceitabilidade de forma semelhante em todas as suas ocorrências. ‘Qualquer’, no entanto, varia a depender de sua posição sintática no sintagma determinante.

Como visto na revisão da literatura, indefinidos à la Heim, do tipo de ‘um’, têm a capacidade de introduzir referentes novos no discurso. A seguir testamos se ‘qualquer’ em suas formas nominais têm tal capacidade.

- a) ?A mãe coloca **qualquer prato** na mesa em frente do filho. **O prato** desliza suavemente [...].
- b) A mãe coloca **um prato qualquer** na mesa em frente do filho. **O prato** desliza suavemente [...].
- c) \*[Por falar em pratos,] A mãe coloca **qualquer um** na mesa em frente do filho. **O prato** desliza suavemente [...].

A sentença (153a) é bem formada em português (poderia ser proferida em outro contexto, para criticar uma mãe que não cuida da qualidade da alimentação do filho, oferecendo alimentos ultraprocessados para ele, por exemplo), mas não se presta a dar início a um discurso em que é introduzido um referente novo. Dadas as alternativas que ‘qualquer’ + nome dispara, a primeira sentença fala de vários pratos, oferecidos um em cada ocasião de alimentar o filho; o sintagma de determinante ‘o prato’ tem pressuposição de unicidade, familiaridade e maximalidade; como ‘o prato’ faz referência ao único prato saliente na situação relevante, e ‘qualquer prato’ não pode falar de um só prato, dadas as alternativas disparadas, não dá para haver correferência. Como vemos em (153b), entretanto, ‘um prato qualquer’ pode fazer referência a um prato específico e ser retomado pelo sintagma definido ‘o prato’. Já a sentença com ‘qualquer um’ em (153c) é agramatical, ou pelo menos inapropriada para figurar como o início de um discurso. Fica muito melhor em correferência com uma pluralidade de objetos, como em “Há vários pratos com frutas cortadas sobre a pia. Sem pensar muito em qual oferecer nessa refeição, sem prestar muita atenção, a mãe coloca qualquer um na mesa em frente ao filho. O prato [colocado ali] desliza suavemente...” Vemos que, caracterizando o objeto como aquele que resultou de uma aleatoriedade (uma escolha sem critério), até dá para retomar o referente de ‘qualquer um’ com uma descrição definida modificada. Sem que esse domínio seja estabelecido antes, ‘qualquer um’ não consegue estabelecer relações anafóricas com o definido.

Os exemplos acima revelam algumas diferenças entre os três sintagmas contendo ‘qualquer’. A primeira observação é o contraste entre ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e o demais, em aceitabilidade na correferência com a descrição definida singular, fato que mostra ‘um’ + nome + ‘qualquer’ como tendo uma referência singular específica que os demais sintagmas contendo ‘qualquer’ não têm. Nesse quesito, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ tem o comportamento como o de ‘um’ + nome, que pode ser retomado pela descrição definida singular (na narrativa, “Um cachorro entrou. Ele/ o cachorro sentou”, todas as sentenças falam sobre um único cachorro.) Então nem ‘qualquer’ + nome nem ‘qualquer um’ podem fazer referência a um indivíduo específico, mas apesar de partilharem essa condição, eles não são iguais. ‘Qualquer’ + nome

não pode ser reduzido a um único indivíduo, tendo que abrir múltiplas alternativas. Nas palavras de Chierchia, ‘qualquer’ + nome é o item FC que indica as opções por escolher, antes de a escolha ser livremente feita. Já ‘qualquer um’ pode tomar a escolha como já tendo ocorrido, as múltiplas opções tendo sido reduzidas pela aleatoriedade a um indivíduo não-destacado dos demais (que estavam presentes como alternativas antes), que é o único participante de um episódio, como observado em nosso exemplo “Há vários pratos com frutas cortadas sobre a pia. Sem pensar muito em qual oferecer nessa refeição, sem prestar muita atenção, a mãe coloca qualquer um na mesa em frente ao filho. O prato [colocado ali] desliza suavemente...”. Nesse contexto, a sentença “a mãe coloca qualquer um na mesa em frente ao filho” indica que um único prato foi colocado diante do filho.

Outro contexto visto na revisão da literatura e que merece atenção é o uso de indefinidos em *donkey sentences*. A seguir observamos o comportamento de ‘qualquer’ nessa condição.

154)

- a) Se qualquer homem tem um burro, ele bate nele.
- b) Todo homem que tem qualquer burro bate nele.

155)

- a) Um fazendeiro qualquer que tenha um burro bate nele.
- b) Se um fazendeiro tem um burro qualquer, ele bate nele.

156)

- a) Há homens que são proprietários de burros por aqui. Qualquer um bate no seu próprio burro.
- b) Um grupo de homens é proprietário de um conjunto de burros. Se os burros desobedecem, os proprietários batem em qualquer um.

Vemos por (154) que, em posição de sujeito, ‘qualquer’ + nome tem força universal, e que a leitura dos pronomes ‘ele’ depois da vírgula é a típica de *donkey sentences* (cada homem bate no burrinho que é de sua propriedade). Em posição de complemento, também é possível construir a ideia de que cada homem que é proprietário de um ou mais burros surra os burros que são seus, e não os dos demais fazendeiros. Em (155), vemos que ‘um’ + nome + ‘qualquer’ permite a retomada típica de *donkey sentences* (o homem bate no burrinho que é de sua propriedade), mas que já não temos pluralidades de fazendeiros e burrinhos, mas uma referência singular, a um único indivíduo que é fazendeiro, mas não se sobrepõe aos demais. É a tipicidade que faz com que entendamos que esse comportamento se aplica a mais de um indivíduo que é



fazendeiro e tem burrinho. Na posição de objeto também está acionada a retomada pronominal típica de *donkey sentences*, mas se interpretarmos ‘um’ + nome com força universal, então a expressão ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em posição de complemento também será plural: cada fazendeiro bate no seu burrinho. O que ‘qualquer’ marca em (155b) é que nenhum dos burrinhos de propriedade de fazendeiros se destaca dos demais burrinhos. Observando (156), vemos que, em posição de sujeito ‘qualquer um’ é universal (denota todos os fazendeiros no domínio, um por um) e gera a leitura típica de *donkey sentences*. A diferença em relação a (154) é uma ênfase maior na ausência de exceções entre os fazendeiros. Em posição de objeto, ‘qualquer um’ (156b) leva à perda da retomada pronominal típica de *donkey sentences*: não se entende mais de (156b) que cada fazendeiro surra apenas o burrinho que possui, poupando os burrinhos alheios, mas sim que os fazendeiros, quando contrariados, batem em qualquer burrinho que apareça à sua frente, seja o próprio ou seja um de propriedade de outra pessoa. Atribuímos esse último fato (a perda da interpretação própria de *donkey sentences*) ao mesmo motivo da maior ênfase notada em (156a), em comparação com (154a), a saber, ao alcance da expansão de domínio de ‘qualquer um’, que supera a expansão de domínio de ‘qualquer’ + nome. O complemento da última sentença de (156b), ‘qualquer um’, tem que incluir todos os burrinhos do domínio, sem exceção, incluindo aqueles que não pertencem ao fazendeiro que está dando a surra. Nesse teste, todos os sintagmas com ‘qualquer’ aparecem como indefinidos, mas ‘um’ + nome + ‘qualquer’ se destaca dos demais por não requerer ampliação de domínio, coisa que os outros dois exigem, mas ‘qualquer um’ com maior amplitude ainda que ‘qualquer’ + nome.

Vamos rever agora um contexto de intensionalidade, que já apareceu na revisão da literatura, e que verifica a modalidade ligada ao sintagma nominal, dependendo da opacidade ou da transparência da sua referência:

157)

- a) João gostaria de se casar com qualquer garota que seus pais não aprovassem.
- b) João gostaria de se casar com uma garota qualquer que seus pais não aprovassem.
- c) Com que garota João gostaria de se casar? Com qualquer uma que seus pais desaprovassem.

Todas as sentenças em (157) são gramaticais, e, dentre elas, seguramente (157a) e (157c) podem estar descrevendo a vontade de João de contrariar seus pais com a escolha da noiva no futuro, mesmo sem que ele esteja num relacionamento sério no momento da enunciação, e, portanto, sem que uma candidata específica esteja sendo considerada para o futuro casamento.

Por outro lado, apenas (157b) seguramente pode ser usada, sem estranhamento, para reportar o desejo de João de levar ao altar sua atual namorada, apesar de os pais não a aprovarem. Esses fatos são compatíveis com a análise de que tanto ‘qualquer’ + nome quanto ‘qualquer um’ exigem a criação de alternativas, ao passo que ‘um’ + nome + ‘qualquer’ não exige, podendo fazer referência a um objeto específico.

Já mostramos anteriormente que ‘qualquer’ + nome não pode fazer referência a uma espécie inteira. Vejamos novamente esse teste:

158)

- a) Qualquer dinossauro está extinto.
- b) # Um dinossauro qualquer está extinto.
- c) Qual dinossauro está extinto? Qualquer um.

Já tínhamos visto que, diferentemente de ‘O dinossauro está extinto’, que indica que nenhum dinossauro sobreviveu, (158a) indica que a extinção se aplica a cada uma das subespécies; (158a) seria uma resposta cabal (negativa) a uma pergunta como “Alguma espécie de dinossauro chegou aos nossos dias?”. Seguramente, (158b) não indica que a espécie inteira dos dinossauros desapareceu da face da terra, e talvez seja ainda, adicionalmente, inapropriado usar ‘um dinossauro qualquer’ em combinação com um predicado de espécie. A resposta à pergunta em (158c) tem um tom ríspido, grosseiro, por ser mais forte que ‘todos eles’, embora termine informando a mesma coisa: a ampliação de domínio via alternativas, sem exceção, leva à compreensão de que a inteireza do domínio foi atingida pela extinção. O teste de sujeito de predicados de espécie revela uma diferença de amplitude muito significativa entre o alcance das alternativas de ‘qualquer’ + nome e o alcance das alternativas de ‘qualquer um’, visto que, assim como (158a), (158c) também permite o entendimento de que a espécie inteira sucumbiu; porém, apenas (158c) dá a impressão de que o falante usou uma força excedente, desnecessária na resposta, um efeito de uma ampliação maior de domínio, via alternativas.

Vamos retomar agora o teste da manutenção ou não do referente em ocorrências distintas do nominal:

159)

- a) #Qualquer cachorro desta casa está correndo enquanto qualquer cachorro desta casa está dormindo.
- b) Um cachorro qualquer está correndo enquanto um cachorro qualquer está dormindo.

- c) — Cadê os cachorros daqui?  
 — Passou uma moto na rua e vários deles se alvoroçaram. \*Qualquer um está correndo atrás da moto agora e qualquer um está dormindo no quintal agora.
- d) Qualquer cachorro dorme e qualquer cachorro corre.
- e) — Tô considerando arrumar um bicho de estimação. Como são os cachorros?  
 — Como são os cachorros? Qualquer um dorme e qualquer um corre.

De (159a) a (159c), temos sentenças episódicas. Mesmo com a modificação ‘desta casa’ (*subtriggering*) em (159a), a sentença é contraditória, pois ‘qualquer’ + nome não pode se referir a um indivíduo ou grupo de indivíduos na primeira ocorrência e a outro indivíduo ou grupo de indivíduos na segunda. No entanto, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ pode fazer referência a um indivíduo específico distinto a cada ocorrência, o que salva a sentença (159b) da contradição. Já ‘qualquer um’ nem parece licenciar uma dupla ocorrência dentro da mesma sentença, o que torna (159c) inaceitável de um jeito muito mais sério do que (159a). Vemos que (159a) tem como problema a incapacidade das ocorrências de ‘qualquer’ + nome dentro de uma mesma sentença de mudar de referência. Em (159d), temos uma sentença bem formada, que não é mais episódica, mas é genérica; nela, a referência de ‘qualquer’ + nome se mantém a mesma em ambas as ocorrências: todos os cachorros dormem e todos eles correm também. Vemos por (159e), também uma sentença genérica, que ‘qualquer um’ também conserva a mesma referência da primeira ocorrência na segunda.

Nesta seção não testamos cabalmente ‘qualquer’ em suas três formas em sentenças genéricas nem em interação com a negação. Esses dados serão analisados na próxima seção. De modo geral, podemos concluir que ‘qualquer’ não é um indefinido clássico, e que seria redutor analisá-lo como um indefinido a la Heim. ‘Qualquer’ apresenta uma variabilidade de força quantificacional, mais ou menos previsível conforme o nominal de que é componente: ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’ apresentam comportamentos bem distintos. Somente em sentenças genéricas ‘qualquer’ + nome tem leitura universal. Em posição de sujeito de sentenças episódicas, ‘qualquer’ + nome ou é agramatical ou deixa de ter leitura universal para ter uma leitura existencial com alternativas, do tipo “um ou outro” ou “um, aleatoriamente escolhido”. Em posição de complemento de sentença de episódicas afirmativas, ‘qualquer’ + nome tem leitura existencial com leitura de ou “um, aleatoriamente escolhido”, ou desprezo, a chamada leitura retórica de Chierchia. Em posição de complemento de sentença de episódicas negativas, ‘qualquer’ + nome ou tem negada a aleatoriedade na escolha do participante de evento, produzindo a leitura existencial específica de “um, mas não

aleatoriamente escolhido”, ou seja, a de um que é especial, ou, alternativamente, produz a leitura de negação: nenhum indivíduo do domínio participou desse evento. ‘Qualquer um’ definitivamente não é compatível com sentenças episódicas, sendo licenciado apenas em genéricas, tal como ocorre com o item FC do espanhol. Já ‘um’ + nome + ‘qualquer’ não combina com sentenças genéricas, é capaz de fazer referência específica em episódicas afirmativas e, em episódicas negativas, produz a leitura de que houve a participação de um indivíduo específico, com a negação operando sobre a aleatoriedade da participação desse indivíduo particular, numa interpretação próxima à de um item de polaridade positiva, como ‘algum’ em “Hoje eu não encontrei algum aluno”, em que também não se nega a participação de todos os indivíduos que populam o domínio nominal no evento. Haverá meios de explicar todos esses fatos reunidos a partir de uma semântica básica para ‘qualquer’? Só poderemos dar uma resposta a essa questão após mais exames dos fatos.

### **3 FATOS SOBRE O SINTAGMA COM ‘QUALQUER’ EM PORTUGUÊS**

Nas seções anteriores, vimos com base na literatura que ‘qualquer’ é um indefinido epistêmico, que requer alternativas em seu domínio, pois o referente do participante da predicação ou episódio não pode ser identificado. Além disso, discutimos que ‘qualquer’ apresenta variabilidade quantificacional, o que foi analisado por Pires de Oliveira (2005, 2011) como indicativo de que ‘qualquer’ é um indefinido sem força quantificacional inerente. As análises de ‘qualquer’ encontradas na literatura contrastam seu licenciamento em relação ao tipo de sentença (genérica e episódica) e posição sintática (sujeito e complemento). Pouca atenção foi dada para ‘qualquer’ em posição de adjunto sentencial e sua relação com as preposições ‘com’ e ‘sem’. Nesta seção, retomaremos algumas discussões e discutiremos o licenciamento de ‘qualquer’ nos contextos pouco explorados, a fim de ampliar a cobertura descritiva de dados empíricos que temos atualmente.

#### **3.1 Retomando a discussão sobre a combinação de ‘qualquer’ com a negação**

Como visto anteriormente, Pires de Oliveira (2011) rejeita a hipótese de que ‘qualquer’ possa ter leitura de polaridade negativa. O posicionamento da autora, no entanto, é debatível. Há alguns dados que levantam problemas para essa análise cabal. A seguir, discutiremos ‘qualquer’ + nome em posição de sujeito e de complemento de sentenças episódicas negativas, para discutir seu status enquanto IPN.

- 160) Jade não comprou qualquer vestido.  
 161) Jade não comprou vestido algum.  
 162) Jade não comprou um vestido sequer.  
 163) Jade não comprou um vestido qualquer.  
 164) Vestido de noiva? Jade não comprou qualquer um.

Quando ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento, as sentenças são sempre ambíguas. A partir do dado em (160), é possível acessar duas leituras. Na primeira, a combinação da negação sentencial com ‘qualquer’ + nome resulta na leitura que Chierchia (2006) chama de “negação retórica”. Nesse caso, entendemos de (160) que Jade não comprou um vestido ordinário, mas ela comprou um vestido especial, o melhor da loja. Na segunda leitura, ‘qualquer’ + nome em posição de complemento de sentenças negativas parece sinônimo de ‘nenhum’. Nesse caso, entendemos de (160) que a quantidade de vestidos comprados por Jade foi igual a zero.

A diferença mais evidente entre um IPN clássico, como ‘algum’ pós-nominal (161) e ‘qualquer’ é que sentenças com ‘algum’ não apresentam ambiguidade. Porém, é evidente que uma das leituras das sentenças como (160), com ‘qualquer’, apresenta as mesmas condições de verdade de uma sentença episódica negativa contendo um IPN. A possibilidade de paráfrase com ‘nenhum’ (como no exemplo (161), “Jade não comprou nenhum vestido”) aproxima ‘qualquer’ dos itens de polaridade negativa. A interpretação que encontramos em itens de polaridade negativa do português, como nome + ‘algum’ e ‘um’ + nome + ‘sequer’, está sempre disponível para ‘qualquer’ no contexto analisado, e esse fato precisa ser explicado. O que permite que entendamos de (160) o mesmo que entendemos das sentenças (161) e (162), ou seja, que a quantidade de vestidos comprados por Jade foi igual a zero? Um IPN nunca toma escopo sobre a negação sentencial (um item de polaridade positiva, inversamente, sempre tem escopo sobre a negação sentencial, como vemos em “Jade não comprou algum vestido”, que significa que existe um vestido que Jade não comprou ( $\exists \neg$ )), estando sempre sob o escopo dela, mas o resultado em termos de condição de verdade é igual para (160), (161) e (162). Como se dá a interação de escopo entre a negação sentencial e o operador contribuído por ‘qualquer’, em (160)? Supostamente, ‘qualquer’ tem escopo sobre ‘não’ na leitura próxima da obtida com

um IPN ( $\forall \neg \approx \neg \exists$ ), e ‘não’ tem escopo sobre ‘qualquer’ na leitura de que um vestido foi comprado, mas ele não era especial ( $\exists \neg !!$ )<sup>41</sup>.

A forma ‘um’ + nome + ‘qualquer’, por outro lado, não apresenta ambiguidade sob o escopo da negação sentencial. A única leitura possível para a sentença (163) é a de que Jade comprou sim, um vestido, mas esse vestido não é como os demais, é especial. Podemos pensar que Jade foi à loja e recusou todos os vestidos simples ou mais na moda que o vendedor apresentou. Ela queria o mais especial disponível na loja. Diferentemente do que ocorre nos exemplos de (160) a (162), a negação de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ ainda afirma que houve a compra de um vestido. A negação recai sobre a qualidade (o vestido não é ordinário, comum, mas especial). Como vimos, essa única leitura de (163) é uma das possíveis para (160), aquela que corresponde a  $\exists \neg !!$ . A pergunta que fica (voltaremos a ela mais tarde) é por que motivo ‘qualquer’ + nome gera, sob o escopo da negação, duas interpretações, sendo uma delas a única gerada por ‘qualquer’ pós-nominal no mesmo ambiente.

Na sentença (164), o uso da forma ‘qualquer um’ veicula a ideia de que Jade não comprou vestido algum de um determinado tipo. ‘Qualquer um’ assegura a quantificação apenas sobre uma dimensão ou um determinado tipo de objeto em questão. Ou seja, no nosso exemplo, dentre os vestidos de noiva, Jade não comprou nenhum deles. Isso não significa, no entanto, que Jade não tenha comprado nada. A negativa recai sobre todos os elementos do domínio nominal “vestido”. Ainda que a situação fosse “Vestidos? Jade não comprou nenhum.”, poderíamos entender que Jade comprou outra peça de roupa, mas nenhum vestido foi comprado. Novamente ‘qualquer um’ se aproxima mais de ‘qualquer’ + nome do que de ‘um’ + nome + ‘qualquer’, por ser capaz de veicular a leitura de ‘nenhum’. A pergunta aqui é por que motivo ‘qualquer’ + nome gera, sob o escopo da negação, duas interpretações, sendo uma delas a única gerada por ‘qualquer um’ pós-nominal no mesmo ambiente, aquela equivalente a ( $\forall \neg \approx \neg \exists$ ).

Vemos que, se a ambiguidade de ‘qualquer’ + nome em posição de complemento de uma sentença episódica negativa fosse evocada para sustentar a ideia de que ‘qualquer’ + nome não é um IPN como nome + ‘algum’, esse argumento não se aplicaria a ‘qualquer um’, que não apresenta ambiguidade, gerando, nesse ambiente, as mesmas condições de verdade de nome + ‘algum’. Entretanto, há um segundo ponto que diferencia nome + ‘algum’ de ‘qualquer um’ (e de ‘qualquer’ + nome), que é o fato de que nome + ‘algum’ continua sendo um IPN na posição

---

<sup>41</sup> O símbolo  $\neg$  representa o operador de negação sentencial; o símbolo  $\forall$  representa o operador universal; o símbolo  $\exists$  o operador existencial; o símbolo  $\approx$ , equivalência semântica e o símbolo  $!!$ , que o objeto de referência seja o melhor do domínio.

de sujeito de sentenças episódicas (“Vestido algum foi comprado por Jade”), ao passo que, nessa posição, os sintagmas nominais com ‘qualquer’ não têm as mesmas condições de verdade de um IPN (“Qualquer vestido foi comprado por Jade”, “Tá vendo esses vestidos ali no armário? Qualquer um foi comprado por Jade.” requerem que haja a compra de vestidos)<sup>42</sup>. Os sintagmas com ‘qualquer’ pré-nominal só disparam a leitura de negação de aplicação do predicado ao domínio nominal completo quando estão sintaticamente sob o domínio (e, portanto, sob o escopo) da negação — com a ressalva de que, ainda que linearmente realizado depois da negação sentencial, um forte indício de ‘qualquer’ estar sintaticamente abaixo de ‘não’, ‘qualquer’ + nome pode se mover em forma lógica para ter escopo sobre a negação sentencial, mas ‘qualquer um’ não pode. Não obstante, permanece a questão de por que motivo, sob o escopo da negação sentencial, uma das leituras dos sintagmas ‘qualquer’ pré-nominal (‘qualquer’ + nome e ‘qualquer um’) ser a mesma que IPN geram.

Os dados examinados mostram que as diversas formas de sintagmas nominais com ‘qualquer’ têm suas particularidades, o que incentiva novos estudos. Essas particularidades estão relacionadas, pois, em posição de complemento de sentenças episódicas negativas, as duas leituras geradas por ‘qualquer + nome’ são exatamente a gerada por ‘um’ + qualquer + nomes e a gerada por ‘qualquer um’. Já que a presença comum a esses sintagmas é ‘qualquer’, essa deve ser a fonte das semelhanças.

Retomando nossos achados, ficou claro que, somente quando pré-nominal, ‘qualquer’, em posição de complemento de episódica negativa, assume (opcional ou obrigatoriamente) escopo sobre a negação sentencial. Quando pós-nominal, em posição de complemento de episódica negativa, ‘qualquer’, obrigatoriamente, fica sob o escopo da negação sentencial. Isso separa ‘qualquer’ quantificador/ determinante (pré-nominal) de ‘qualquer’ modificador (pós-nominal). Entre os sintagmas com ‘qualquer’ pré-nominal, apenas ‘qualquer’ + nome é ambíguo em posição de complemento, no ambiente de episódica negativa, e essa ambiguidade mostra uma interação entre ‘qualquer’ e a negação que reflete a de ‘qualquer um’ e a de ‘qualquer’ modificador. Podemos assimilar então as leituras obtidas a esse padrão: a negação sentencial pode ficar sob o escopo do determinante ‘qualquer’, gerando então uma negação universal ( $\forall \neg \approx \neg \exists$ ), ou ter escopo sobre o modificador, gerando aquilo que Chierchia chamou de negação retórica, que é a negação de que tenha ocorrido a livre escolha.

---

<sup>42</sup> Todos esses sintagmas nominais, tanto os contendo ‘qualquer’ quanto os reconhecidos como IPN, ficam estranhos em posição de sujeito de sentenças episódicas com negação sentencial realizada: (i) ? ‘Vestido algum não foi comprado por Jade’; (ii) ? ‘Qualquer vestido não foi comprado por Jade’; (iii) ?\* ‘Quanto a esses vestidos ali, qualquer um não foi comprado por Jade’. Nas versões positivas, todos são licenciados, mas só ‘algum’ pós-nominal mantém a ideia de que nenhum vestido participou de certa situação de compra de que Jade é a agente.

Uma das leituras de ‘qualquer’ + nome em posição de complemento de sentença episódica negativa é a de que existe um indivíduo específico que tomou parte naquele episódio, mas de que esse indivíduo não foi escolhido a dedo por alguém que pudesse fazer uso da livre escolha, optando por uma das alternativas disponíveis. Essa segunda leitura, aquela chamada de retórica por Chierchia, que é específica, só ocorre para ‘qualquer’ + nome nesse ambiente episódico. Temos de considerar então que tal especificidade seja um produto da interação do ambiente episódico com a livre escolha, e que a negação da livre escolha (a leitura de um ou outro, ou de desprezo) seja uma estratégia acionada para permitir a compatibilidade de ‘qualquer’ determinante em um ambiente inadequado para alternativas, ou seja, para promover o licenciamento de ‘qualquer’ + nome num ambiente que requer especificidade. Já ‘qualquer um’ não permite essa estratégia de *last resort* — ‘qualquer um’ jamais tem leitura específica, sendo máxima a ampliação de domínio originada por esse sintagma nominal. Isso é um indicativo de que a ampliação do domínio (alternativas) se opõe à especificidade do referente.

Podemos, então, sustentar que um ingrediente importante de ‘qualquer’ pré-nominal, o item FC do português, é a epistemicidade desse indefinido, na forma de ampliação do domínio nominal. Em ambiente que não permite essa epistemicidade, ‘qualquer’ + nome permite uma adaptação, para salvamento da formação (visto que um item FC dá *clash* — incompatibilidade semântica — com uma sentença episódica) que é a leitura de que o participante do episódio é específico, mas de que essa participação não é resultado de uma livre escolha. Esse expediente de salvamento da combinação sintática ocorre com ‘qualquer’ + nome mesmo em sentenças episódicas sem negação sentencial expressa, como no exemplo “Maria comeu qualquer coisa antes de ir para a faculdade”, que significa que houve um alimento específico consumido por Maria nessa ocasião, mas que ele não foi fruto de livre escolha, ou seja, que não foi aquilo que ela teria comido, caso pudesse exercer a livre escolha anteriormente a esse episódio. A negação sentencial apenas se combina a essa estratégia, tornando possível a leitura de que Maria pode ter comido algo (específico) antes de ir para a faculdade, e negando justamente a ausência de livre escolha (por exemplo, “Maria não comeu qualquer coisa antes de ir para a faculdade, ela comeu um bife Wellington maravilhoso.”).

A outra estratégia viável para compatibilizar a livre escolha a sentenças episódicas, que exigem especificidade, é colocar a negação em cada uma das alternativas geradas por ‘qualquer’ determinante. A negação universal (a negação sentencial distribuída por cada um dos indivíduos componentes do domínio nominal, representada por  $\forall \neg$ ) é um equivalente lógico, e, portanto, semântico, da negação existencial (em que se nega a existência de pelo menos um indivíduo que atenda aos requisitos do predicado, representada por  $\neg \exists$ ). Por conta dessa conversão lógica,



a negação licencia um item FC sob seu escopo (e, portanto, domínio sintático) em ambientes de sentença episódica. Isso explica por que motivo ‘qualquer um’ não é aceito em sentenças episódicas afirmativas, nem como sujeito de sentenças episódicas negativas em posição de sujeito, mas é licenciado apenas como complemento de sentenças episódicas negativas. ‘Qualquer um’ é o item FC com maior ampliação de domínio do português. ‘Qualquer’ + nome é um item FC mais adaptável, apresentando-se com amplitude máxima do domínio nominal em sentenças genéricas e permitindo<sup>43</sup>, para salvar seu emprego em posições mais internas de sentenças episódicas, uma leitura específica, com negação de ter havido previamente um processo de livre escolha que resultasse na participação exatamente desse indivíduo específico no evento. Tal leitura nunca vai aparecer quando ‘qualquer’ + nome estiver em sentenças não-episódicas, o que nos estimula a considerá-la um *last resort*, ou seja, um recurso extremo para compatibilizar tipos semânticos incompatíveis e salvar a derivação da sentença. Por outro lado, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ sempre tem leitura específica e jamais cobre um domínio nominal completo.

A discussão acima nos permite fazer uma aproximação à semântica de ‘qualquer’. Os itens FC do português são ‘qualquer’ + nome e ‘qualquer um’ (excluímos da lista ‘um’ + nome + ‘qualquer’, que não é um item FC); ambos inerentemente geram alternativas até o último indivíduo que popula o domínio nominal, como defendeu Chierchia (2006), o que resulta num simulacro de força quantificacional universal, tal como defendido por Dayal (1998).

O item FC ‘qualquer um’ não pode ser coagido a uma leitura específica em ambiente algum. Em sentenças episódicas afirmativas, testemunhamos a incompatibilidade de tipos entre geradores de alternativas com ampliação de domínio e sentenças que requerem participantes específicos. A manifestação dessa incompatibilidade de tipos ocorre por meio da inaceitabilidade da sentença episódica afirmativa com ‘qualquer um’ por argumento. Já o item FC ‘qualquer’ + nome pode ser coagido a uma leitura específica em ambientes que requerem argumentos com referência específica. Sua aceitabilidade como argumento de sentenças episódicas afirmativas depende de um *type shifting*, ou seja, de um ajuste na sua semântica. Nas episódicas em que é aceito como argumento, ‘qualquer’ + nome não é mais um gerador de alternativas até o esgotamento do domínio, função típica de itens FC, mas é um item de leitura específica acrescido da negação de que a participação exata desse indivíduo (e não de outro componente do domínio) no episódio em questão seja fruto do exercício da livre escolha, o que

---

<sup>43</sup> Os limites da investigação sincrônica não nos permitem responder se a adaptabilidade de ‘qualquer’ + nome é uma característica que sempre esteve presente na semântica desse item ou se é resultado de uma mudança linguística.

leva à implicatura de que esse indivíduo não é o melhor do domínio ou foi tomado aleatoriamente. Como disse Vendler (1967), uma vez que a participação no episódio já se deu, a livre escolha já não é mais possível, pois ela tem que ser prévia para possibilitar que todas as alternativas sejam opções viáveis, visto que um episódio ocorrido, por natureza, tem participantes definidos. A conciliação entre um episódio concluído e o uso de um item FC exige uma mudança de tipo deste último; o resultado dessa compatibilização é o entendimento de que o referente do participante do episódio é específico, mas que o falante ou o agente não chegou a tê-lo no evento (a ele, e a nenhum outro) por meio do exercício da livre escolha. Portanto, essa estratégia consiste basicamente uma transformação de ‘qualquer’ pré-nominal de item FC (quando alternativas estão em aberto) em modificador (que marca a seleção de determinado participante do evento como não tendo sido fruto de livre escolha), equiparando a semântica de ‘qualquer nome’ apenas em contextos episódicos à semântica de ‘um nome qualquer’ (em todas as ocorrências deste último). Quando ‘qualquer’ + nome está em sentenças genéricas, esse tipo de *last resort* não precisa ser acionado para salvar a derivação e a leitura é sempre de item FC, de um indefinido epistêmico com ampliação de domínio.

Nossa análise remete à de Dayal (1998), que atribui aos itens FC uma força inerente universal, mas se distingue da posição dela por assumir, com Chierchia, que a semântica básica de itens FC é a geração de alternativas com o mesmo conteúdo da sentença, variando apenas o indivíduo do domínio nominal. Por exemplo, “Qualquer gato mia” se traduziria por “o gato 1 mia”, “o gato 2 mia”, “o gato 3 mia” etc., até que o domínio dos gatos fosse esgotado, sem deixar nenhum componente de fora. Ainda que ‘qualquer’ não se comporte como um IPN típico (tal como nome + ‘algum’), em determinados ambientes podemos detectar leituras em comum, como vimos em (161) e (162). Podemos explicar essa leitura encontrada em sentenças negativas como a presença da negação nas sentenças da alternativa, com a variação apenas do indivíduo do domínio nominal que entra na sentença. O resultado é equivalente ao da negação universal ( $\forall \neg$ ).

Se o mesmo resultado pode ser obtido assumindo que os itens FC são inerentemente modais, com força universal inerente, como defendido por Dayal (1998), por que não optar por essa análise? Se os itens FC do português tivessem força universal inerente, seria esperado que a negação sentencial ficasse sobre o escopo do universal, e, como vimos, em sentenças episódicas do tipo de (160) há duas leituras, uma que poderia ser explicada pela negação universal (“Para cada vestido do domínio, esse vestido não foi comprado por Jade”), e outra que não é incompatível com essa análise, a de que existe um vestido que foi comprado por Jade sem que ela tivesse podido exercer a livre escolha antes de tal compra. Além disso, dados em

que ‘qualquer’ + nome aparece em posição de sujeito de sentenças genéricas negativas também trariam o operador universal ( $\forall$ ) tendo escopo sobre o operador sentencial de negação ( $\neg$ ), mas essas sentenças não geram a leitura de negação universal: sentenças genéricas negativas são inaceitáveis com ‘qualquer’ + nome como sujeito (\*“Qualquer gato não cacareja” soa mal e não veicula naturalmente o sentido de que, para todo indivíduo do domínio dos gatos, é verdade que ele não cacareja). Sentenças episódicas negativas com ‘qualquer’ + nome em posição de sujeito não são licenciadas, o que é inesperado se ‘qualquer’ tem força universal inerente, pois outros universais são licenciados nessa configuração<sup>44</sup>, como vemos pelos exemplos a seguir:

- 165) ?Qualquer gato não miou.
- 166) ?Qualquer turista não visitou o morro.
- 167) Todos os gatos não latiram.
- 168) Todos os turistas não visitaram o morro.
- 169) Jade não comprou todos os vestidos da loja.

Os dados em (165) e (166) de ‘qualquer’ + nome como sujeito de sentenças episódicas negativas evidenciam que ‘qualquer’ + nome, não é capaz de produzir a leitura típica de uma *N-word* (palavra inerentemente negativa), como ‘nenhum’, em línguas de concordância negativa, como o português. Compare-se (165) a “Nenhum gato miou”. Porém, caso as sentenças em questão fossem aceitas, teriam respectivamente o significado que um gato incomum, cujo referente não pode ser apontado, miou (165) e de que um certo turista, cuja identidade o falante não pode ou não quer revelar, ou um ou outro turista, não visitou o morro (166). Ou seja, nessa configuração sintática, caso alguma interpretação for marginalmente possível, apenas a leitura retórica estará disponível para ‘qualquer’ + nome e sua leitura seria existencial. A interação da força inerente universal com a negação, a negação universal, não pode gerar essa leitura, necessariamente fruto de algum outro mecanismo.

Vale ressaltar que, quando ‘qualquer’ + nome está em posição de sujeito de sentenças episódicas negativas, sua aceitabilidade é penalizada. É possível que com uma entonação especial as sentenças (165) e (166) sejam salvas, mas fora isso, soam degradadas no português. Esse é um fator relevante, pois distingue ‘qualquer’ de quantificadores universais como ‘todos os’. As sentenças (167) e (168) afirmam que a totalidade dos gatos não miou e a totalidade dos

---

<sup>44</sup> As sentenças de (167) e (168) são aceitáveis pelo menos em algumas variedades de português, mas as sentenças (165) e (166) não são naturais em nenhuma variedade, nem mesmo naquelas que aceitam (167) e (168), segundo meus informantes.

turistas não visitou o morro e são perfeitamente bem formadas e aceitas no português. No entanto, vale destacar que não é possível produzir a leitura que buscamos com ‘todos os’. Esse quantificador universal não parece poder inverter seu escopo com a negação. Isso é evidenciado também por ‘todos os’ em posição de complemento. Em (169), entendemos que Jade comprou apenas um ou alguns vestidos, mas não a totalidade dos vestidos da loja ( $\neg\forall$ ). O panorama acima em primeiro lugar corrobora a posição de que ‘qualquer’ não tem força quantificacional universal própria. Além de se comportar em certos ambientes (quando estão na posição de complemento de sentenças episódicas negativas) como os itens de polaridade negativa do português, e em outros ambientes (quando são sujeito de sentenças genéricas) como os universais, ‘qualquer’ se distancia de universais como ‘todos os’ em posição de sujeito de sentenças episódicas negativas, quanto à aceitabilidade, como mostra o contraste entre (165) e (166), de um lado, e (167) e (168), de outro. Além disso, o universal ‘todo’ não gera mais de uma interpretação em posição de complemento de sentenças episódicas, como vemos em (169), mas ‘qualquer’ nome gera (“Jade não comprou qualquer vestido nessa loja” pode ser interpretada tanto como “Jade não comprou nenhum vestido nessa loja” quando como “Jade comprou um vestido nessa loja, mas o vestido comprado não foi escolhido livremente por ela entre todas as alternativas”). A substituição de ‘todo’ por ‘qualquer’ não veicula o mesmo significado, indicando que o comportamento de ‘qualquer’ + nome, quando sob escopo da negação (‘qualquer’ + nome sob a negação consegue veicular a leitura de ‘nenhum’, mas ‘todos os’ não), não pode ser um produto da interação entre uma força universal inerente (que ‘todo’ tem) e a negação sentencial.

O exame dos fatos sobre ‘qualquer’ + nome nos leva ao encontro de Chierchia (2006). Como esse item FC do português produz a leitura semelhante à dos itens de polaridade negativa ou das *N-words* apenas quando está sob o escopo da negação sentencial em sentenças episódicas (como, por exemplo, na interpretação de “Jade não comprou qualquer vestido nessa loja” segundo a qual nenhum vestido foi adquirido por Jade naquele estabelecimento), mas também disponibiliza outra interpretação (como, por exemplo, a de que Jade comprou sim um vestido ali, mas que esse vestido é especial, para “Jade não comprou qualquer vestido nessa loja [, mas sim o mais lindo deles]”) não podemos assimilar seu comportamento ao de outros universais, como ‘todo’. Além disso, a segunda leitura, a retórica, é também produzida com ‘qualquer’ em posição de complemento de sentenças episódicas afirmativas (como, por exemplo, em “Jade veste qualquer roupa quando acorda”). A leitura retórica, portanto, independe da realização de uma negação sentencial, ocorrendo em sentenças episódicas, quando ‘qualquer’ + nome está mais baixo na estrutura, em posição de complemento. Essa leitura retórica parece então ser fruto

de uma acomodação necessária para conciliar o tipo semântico oferecido por um item FC com o tipo semântico requerido por uma sentença episódica para seus argumentos, aquilo que Chierchia chama de “*recalibration*”. O fato de essa leitura retórica correr mais facilmente quando ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento, mas haver resistência a essa acomodação quando ‘qualquer’ + nome está em posição de sujeito pode ser uma consequência do congelamento de que Chierchia falou para as alternativas geradas por itens FC em determinadas fases da derivação sintática. Como somente em sentenças episódicas o operador O afeta a leitura de ‘cada’ + nome, podemos pensar que a incompatibilidade semântica entre as alternativas de domínio nominal e a especificidade do referente de um argumento de sentença episódica, o congelamento de uma fase é acionado como resolução de último recurso.

Dada a recursividade das aplicações do operador O, a posição interna a VP é tomada por último. O congelamento da fase que inclui o VP (com ‘qualquer’ em posição de complemento) pode ser mais fácil que o congelamento na fase da derivação contendo o sujeito, o que seria um congelamento de um objeto sintático muito maior e mais complexo (em comparação com o do VP) e bem mais próximo da fase final do processamento sentencial. O congelamento das implicaturas do operador envolvido na leitura retórica tem então a função de reduzir a expansão do domínio nominal, congelando-o; uma vez que o papel da expansão de domínio, segundo a proposta do autor, é induzir uma implicatura (a de que, dentro do domínio, não há exceções para o predicado, devendo ele valer mesmo dos indivíduos mais marginais), usar um item de livre de escolha num contexto em que essa implicatura não possa se firmar é sem propósito. Por outro lado, a implicatura de que o participante do episódio em questão não é o melhor dos candidatos restaura o propósito de uso do item FC nesses contextos em que a expansão de domínio está restrita.

A implicatura de um item FC é a de antiexaustividade, ou seja, a de que não se pode encolher o domínio dos candidatos distribuídos pelas alternativas, mas em domínios encolhidos no congelamento, embora não seja possível expandir mais, também não é possível reduzir o domínio dos candidatos ainda mais, o que impede que se chegue a um referente específico. Ao integrar a fase congelada às outras, para concluir a derivação, seria necessário então assumir que se está negando que a participação de um referente específico no episódio de que trata a sentença tenha sido um produto do exercício da livre escolha, para salvar a derivação da sentença. A leitura retórica de ‘qualquer’ + nome não exige um ambiente de DE para ocorrer, mas exige que a sentença seja episódica e que a posição sintática do item FC seja bem interna, como complemento verbal, para que as implicaturas sejam congeladas e as alternativas, minimamente ampliadas. Como advoga Chierchia, um item FC mais “puro” quando negado

parece produzir somente a leitura retórica; o fato interessante do português é que, na nossa língua, isso ocorre exclusivamente com o item FC ‘qualquer’ + nome em posição de complemento de sentenças episódicas, mas não apenas sob o escopo da negação: isso ocorre mesmo em sentenças episódicas afirmativa com ‘qualquer’ + nome em posição de complemento.

Por outro lado, a geração daquela leitura de ‘qualquer’ + nome que é mais afim com ‘nenhum’ é produto de um outro operador sentencial sobre o item FC. Para explicar os fatos, é preciso buscar um operador que seja licenciado somente em contextos de DE, como é o caso da posição de complemento verbal de sentenças episódicas negativas, pois essa interpretação não surge quando ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento de sentenças episódicas afirmativas, sendo dependente da negação sentencial. Parece apropriado postular que o operador E de Chierchia, o operador que disparador da implicatura *even*, atua ‘qualquer’ + nome complemento de episódicas negativas, produzindo a leitura de ‘nenhum’. É esse operador, o *even* de Chierchia, que produz com ‘qualquer’ + nome leituras próximas das típicas de um item com leitura de polaridade negativa. Esse operador também reduz as alternativas projetadas e congela a implicatura desse domínio de tamanho mínimo. No entanto, para obter a leitura de equivalente à de “nenhum”, a negação precisa necessariamente ter escopo sobre a implicatura já congelada, o que explica o fato de essa leitura próxima a itens de polaridade negativa ser obtida exclusivamente quando ‘qualquer’ + nome está sob o escopo da negação sentencial.

Os fatos de ‘qualquer’ + nome condizem com a análise de Chierchia (2006) de que não é a força universal que caracteriza itens FC, mas a geração de alternativas de domínio; essa semântica de base interage com operadores relacionados à implicatura de antiexaustividade (ao seu congelamento ou ao seu cancelamento), os quais são sentenciais, invisíveis, mas licenciados apenas em determinados ambientes sintáticos. Vejamos agora o que nos mostram os demais sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ na posição de sujeito de sentenças negativas.

- 170) Um gato qualquer não late (nunca).
- 171) Gato? \*Qualquer um não late.
- 172) Maria tem três gatos? \*Qualquer um deles não late.

Vale destacar o comportamento das outras formas de ‘qualquer’ em posição de sujeito de sentenças negativas. Em (170), o uso de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ veicula a negação de latir como uma característica de um gato específico, aleatoriamente apontado, numa das leituras, ou

diz, na outra leitura, que aqueles gatos não-especiais, comuns, não latem<sup>45</sup>. Só gatos diferentes, especiais, latem. Essa segunda leitura, gerada pelo que a literatura chama de sentença caracterizadora, é dependente do tempo presente, não se mantendo no passado (“Um gato qualquer não latiu” mantém apenas a interpretação específica, a de que um certo indivíduo da espécie gato deixou de latir, não se aplicando a um grupo contido no domínio dos gatos). A leitura caracterizadora ocorre tipicamente com o indefinido ‘um’ (“Um gato mia” tem duas interpretações, a de que um gato específico está emitindo miados em dada ocasião ou de que, para todo x, se x for gato, x mia).

Portanto, a ambiguidade notada em (170) atesta que o determinante é ‘um’. ‘Qualquer’ nessa sentença restringe o domínio nominal sobre o qual a predicação incide, assim como faria qualquer adjetivo. Por exemplo, “um gato branco não mia” apresenta a leitura específica (o Mingau, o gato da Magali, não mia), e a característica (que pode ser parafraseada por “é típico de um gato branco não miar”), mas a predicação não se aplica a gatos pretos nem pardos, que podem miar sem que isso torne a sentença falsa. Da mesma forma, ‘qualquer’ pós-nominal, em (170), uma sentença com negação sentencial, impede que a predicação recaia sobre gatos cuja participação pudesse ter resultado de um processo de livre escolha, ou seja, de gatos especiais.

A literatura estabelece que sentenças características são generalizações (modalizadas) sobre propriedades de referentes de indefinidos à la Heim, o que, paralelamente ao que ocorre com sentenças habituais, que são analisadas como pluralidades de episódios dos quais participa um indivíduo específico, as aproxima de sentenças episódicas. O dado em (170) ilustra um fato do português que lembra a intersecção apontada por Dayal entre ‘any’ item FC e ‘any’ IPN: há um contexto, quando a predicação recai sobre classes de indivíduos, em que ambos são licenciados. Não obstante, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é nucleado por ‘um’, e ‘um’ é um indefinido à la Heim, o qual se dá muito bem com sentenças episódicas.

Os exemplos (171) e (172) mostram que ‘qualquer um’ não é licenciado como sujeito de sentenças contendo negação sentencial. Esse comportamento foi observado também, em inglês, para o ‘any’ item FC, e foi apontado por Dayal como uma das provas de que ‘any’ item FC tem força inerente universal. Como já foi dito, em nossa análise não há uma força inerente ao item FC ‘qualquer um’, mas sua semântica de base é a projeção de alternativas, com

---

<sup>45</sup> A segunda leitura, chamada na literatura de característica, fica estranha devido ao nosso conhecimento de mundo de que gatos em geral não latem, visto que dizer que os gatos não-especiais deixam de latir só faria sentido pragmaticamente se houvesse alguns gatos, os especiais, que latissem. Mas observe que, se a sentença característica fosse “Um gato qualquer não nada”, nosso conhecimento de mundo não seria contrariado (existe uma raça nadadora, a dos gatos turcos, segundo a fonte <https://www.petz.com.br/blog/bem-estar/gato-sabe-nadar>), e a interpretação característica seria a de que gatos comuns não nadam, mas gatos especiais sim.

implicatura de antiexaustividade, como proposto por Chierchia. A nosso ver, é a máxima ampliação de domínio requerida por ‘qualquer um’ a responsável pela inaceitabilidade do item FC ‘qualquer um’ como sujeito de sentenças negativas, tanto em genéricas (171) quanto em episódicas (172). Se fosse aceita, (171) só poderia significar que, para todo  $x$ , se  $x$  é gato,  $x$  tem a propriedade de não latir, uma interpretação típica de universais em sentenças genéricas, mas essa interpretação logicamente viável não pode ser construída em português empregando-se o item FC ‘qualquer um’ como sujeito de uma sentença negativa. Quanto a (172), se ela fosse aceitável, não poderíamos entender dela que ‘nenhum gato late’, visto que a sentença se refere especificamente aos três gatos de Maria, mas, igualmente, também não podemos construir com o item FC ‘qualquer um’ como sujeito dessa sentença negativa a ideia de que a propriedade de não latir se aplica especificamente a cada um dos gatos de propriedade de Maria. Vale lembrar que, apesar de ‘qualquer’ + nome ser o único sintagma nominal contendo ‘qualquer’ a gerar, em sentenças episódicas negativas, uma leitura próxima da encontrada com o emprego de itens de polaridade negativa, mesmo ‘qualquer’ + nome, quando está em posição de sujeito de sentenças contendo negação sentencial, te sua aceitabilidade é penalizada (como exemplificado em (165)). Juntos, os dados (165) e de (170) a (172) separam, de um lado, ‘um’ + nome + ‘qualquer’, que é aceito como sujeito de sentenças negativas, por ser, este sim, como apontado por Pires de Oliveira, um indefinido à la Heim, e, de outro lado, ‘qualquer’ + nome e ‘qualquer um’, os itens FC do Português, que não são aceitos como sujeito de sentenças negativas.

A incompatibilidade da posição de sujeito de sentenças negativas com os itens FC do português ‘qualquer nome’ e ‘qualquer um’ é a sua semântica de produção de alternativas, como defendido por Chierchia. Nessa posição alta, o operador que congela a implicatura de antiexaustividade não pode ser aplicado na sintaxe do português. Como diz Chierchia, uma vez projetadas as implicaturas, é preciso haver uma “justificativa” pragmática para essa ampliação de domínio, e, como a negação sentencial se aplica a todos os membros do domínio nominal, sem exceção (é exaustiva, portanto, contraditória com a livre escolha), não fazendo distinção entre um ou outro componente do domínio nominal, em sentenças negativas se torna pragmaticamente inútil ampliar o domínio por meio de alternativas, percorrendo-o indivíduo após indivíduo. Estamos defendendo então que a base semântica dos itens FC é a projeção de alternativas (a ampliação de domínio), e que, em língua portuguesa, os recursos semânticos e sintáticos disponíveis para conter essa ampliação, os operadores de congelamento de implicaturas, não estão disponíveis para posições tão altas como a de sujeito, não podendo ser ativados para salvar sentenças como (165) e (171).



Para veicular leitura de negação universal (tal como a obtida por ‘nenhum’, palavra que contém negação morfológica), o item FC ‘qualquer’ + nome precisa estar sob o domínio sintático e o escopo da negação, ou seja, numa posição sintática dominada pelo operador de negação sentencial, que é um contexto de DE. A posição de sujeito de uma sentença negativa não é um ambiente de DE. Nessa posição, somente *N-words* (como ‘nenhum’, em “Nenhum aluno faltou hoje”) e itens de polaridade negativa do tipo de ‘algum’ pós-nominal (em “Aluno algum falou hoje”) geram a leitura de negação para o domínio nominal inteiro (nos exemplos, o domínio é o conjunto dos alunos). Itens como ‘sequer’ ou ‘um dedo’, analisados como relacionados à polaridade negativa, são dependentes de ambientes DE (comparemos em aceitabilidade \*“(Um) aluno sequer não veio hoje” a “Não veio um aluno sequer hoje”, e \*“(Um) dedo não foi erguido para me ajudar” a “Ela não ergueu um dedo para me ajudar”). Poderíamos sugerir que o item FC ‘qualquer’ + nome tem o comportamento semelhante aos itens ‘um’ + nome + ‘sequer’ e “um dedo” quanto à dependência de ambiente de DE. Num primeiro momento, seria de considerar que o ambiente de DE provido pelo domínio sintático da negação sentencial fosse o responsável primário e único pelo licenciamento da leitura de ‘qualquer’ + nome como negação universal (aquela pela qual “João não comprou qualquer jornal” é sinônimo de “João não comprou nenhum jornal”).

Porém, assumindo o quadro teórico de Chierchia (2006), a explicação fica ligeiramente diferente. Entendemos que o ambiente DE tem um papel importante e necessário: ele licencia o operador que congela as implicaturas, o que explica porque condições de verdade tais quais às de ‘nenhum’ só são obtidas com o item FC ‘qualquer’ + nome quando este se apresenta na ordem linear da sentença sob o domínio sintático da negação<sup>46</sup>. Mas, para obter a interpretação relevante, é preciso que, ao final da derivação, ‘qualquer’ tenha escopo sobre a negação sentencial ( $\forall\neg$ ). No entanto, a configuração de posição de complemento de sentenças com

---

<sup>46</sup> Vale lembrar que quando ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento de uma sentença episódica negativa (“João não comprou qualquer jornal”), há duas leituras possíveis: uma que se aproxima da obtida com “nenhum” na mesma posição (“João não comprou qualquer jornal” = “João não comprou nenhum jornal”), e outra que é a de que uma sentença afirmativa, em que houve um episódio com a participação dos referentes dos argumentos nominais, mas com a negação incidindo sobre ‘qualquer’ como adjetivo, o que corresponde à leitura retórica de Chierchia (“João não comprou qualquer jornal” = “João comprou um jornal, mas esse jornal não era ordinário, e sim especial). Provavelmente, a primeira interpretação dependa de uma pronúncia mais acentuada de ‘qualquer’, típica de focalização. (Não fizemos testes prosódicos para verificar essa hipótese.) O importante aqui é que, na primeira interpretação, embora ‘qualquer’ tenha nascido sob o domínio sintático de “não”, ele não está mais sob o escopo de “não” em forma lógica (talvez por movimento, como no tratamento clássico de alçamento de quantificador, talvez por movimento para uma posição de foco acima da negação). Portanto, podemos manter, sem perda de base empírica, a análise de que a leitura de ‘qualquer’ + nome sob o domínio da negação sentencial em algum momento da derivação não é suficiente para produzir uma leitura paralela à de ‘nenhum’, mas que o escopo de ‘qualquer’ sobre “não” sobre em forma lógica é um ingrediente sine qua non para gerar essa leitura. Já na leitura retórica”, ‘qualquer’ permanece em forma lógica sob o escopo da negação sentencial, mas na leitura que pode ser parafraseada com ‘nenhum’ é ‘qualquer’ que tem escopo sobre a negação sentencial ( $\forall\neg$ ).

negação sentencial gera duas leituras, a de negação universal (em que “João não comprou qualquer jornal” é sinônimo de “João não comprou nenhum jornal”) e a retórica (em que “João não comprou qualquer jornal” é sinônimo de “João comprou um jornal, mas esse jornal não era ordinário, era especial”). Se essa configuração fosse a causa única da leitura de negação universal, não esperaríamos que houvesse ambiguidade sistemática em sentenças que dispõem dela. Uma vez que temos duas interpretações para sentenças negativas em que ‘qualquer’ + nome é complemento, é preciso definir outros ingredientes para que se possa prever como se chega a uma delas e como se chega à outra.

Portanto, essa configuração linear não basta, tem que haver mais ingredientes para se chegar a cada interpretação. Embora linearmente ‘qualquer’ esteja depois do operador de negação sentencial em sentenças como “João não comprou qualquer jornal”, a teoria de *quantifier raising* (“alçamento de quantificador”), teoricamente utilizada no tratamento de quantificadores em posição de complemento sentencial para explicar as leituras geradas pode explicar como se obtém essa ambiguidade por meio do escopo entre quantificadores<sup>47</sup>.

As interações de escopo também se dão entre operadores lógicos contribuídos por quantificadores e a negação sentencial<sup>48</sup>. Uma saída natural é então recorrer à ambiguidade de escopo entre o operador contribuído pelo operador de negação sentencial ( $\neg$ ) e o operador contribuído por ‘qualquer’ + nome (que, assumiremos, provisoriamente, ser  $\forall$ ). Assim procedendo, poderíamos dizer que, uma vez que ‘qualquer’ + nome esteja em posição de complemento de sentenças nativas, dado esse ambiente, o operador de congelamento das implicaturas de Chierchia será acionado; a leitura equivalente a ‘nenhum’ é produto do escopo de  $\forall$  sobre  $\neg$  em forma lógica, e a leitura retórica é produto do escopo de  $\neg$  sobre  $\forall$  em forma lógica. Isso parece interessante, pois é perceptível uma ênfase em ‘qualquer’ na pronúncia da sentença com leitura de negação universal (= “nenhum”) (“João não comprou QUALQUER

---

<sup>47</sup> Por exemplo, a sentença (i) pode significar que, para toda seta do domínio relevante, houve um alvo atingido por ela, condições de verdade que se realizam caso cada seta atinja um alvo diferente, mas também pode significar que existe um determinado alvo que foi atingido por todas as setas.

(i) Toda seta atingiu um alvo.

No exemplo dado, “todo” contribui com o quantificador  $\forall$  e “um” contribui com o quantificador  $\exists$ ; apesar de, na ordem linear, “todo” estar antes de “um”, na forma lógica duas configurações são possíveis, na sintaxe invisível; na interpretação em que há um alvo por seta,  $\forall$  tem escopo sobre  $\exists$ ; já na interpretação em que um único alvo foi alvejado pela totalidade das setas, é  $\exists$  que tem escopo sobre  $\forall$ .

<sup>48</sup> A sentença “João não come carne dois dias por semana” pode ser interpretada como: (i) Não é verdade que João coma carne dois dias por semana, ele come carne num número de dias da semana diferente de dois (o que é compatível com ele nunca comer carne, com ele comer carne apenas uma vez por semana ou com ele comer todo dia) (nessa leitura, o operador  $\neg$  tem escopo sobre  $2x$ ); e (ii) Existem dois dias por semana em que João não come carne (por exemplo, ele não come carne nem na segunda nem na quinta, mas come carne nos demais dias da semana) (nessa leitura, o operador  $2x$  tem escopo sobre o operador  $\neg$ ).

jornal”), mas não na leitura retórica (#“João não comprou QUALQUER jornal” é uma pronúncia inadequada para a leitura de que o jornal é especial). Caso ‘qualquer’ se mova para uma posição de foco, acima da negação, também terminaremos a derivação com o operador contribuído por ‘qualquer’ ( $\forall$ ) tendo escopo sobre o contribuído pela negação sentencial ( $\neg$ ).

No entanto, por mais que essa abordagem pareça promissora, ela necessita de alguns ajustes, pois os dados empíricos do português mostraram que, ao contrário do que Dayal defende para ‘any’, ‘qualquer’ não tem força universal inerente. Não se verifica a associação lexical, inerente, entre ‘qualquer’ e  $\forall$ , nem mesmo na formação dos itens FC do português. Vamos então trabalhar numa abordagem substitutiva para a ambiguidade de escopo, numa que respeite a ausência de uma força inerente em ‘qualquer’. Essa abordagem parte da análise de que a semântica básica de ‘qualquer’, em vez de ser a força universal ( $\forall$ ), é a formação de alternativas com expansão de domínio, mas “aproveita” a intuição de que a altura sintática (o domínio) de um operador em relação à negação faz toda a diferença para a interpretação, mas esse operador não é lexicalmente dado por ‘qualquer’, e sim é o operador silencioso de Chierchia que congela as implicaturas num certo domínio sintático. Esse operador pode se aplicar recursivamente, e em diversos momentos da derivação (ou fases do processamento). Tal como já foi dito, o efeito desse operador é encolhimento do domínio nominal projetado pelos itens FC, eliminando a implicatura de antiexaustividade. Quando o operador se aplica cedo na derivação, numa fase interna ao VP, a negação sentencial vai encontrar um domínio bem reduzido e estará praticamente eliminada a implicatura de antiexaustividade própria da semântica de itens que promovem ampliação de domínio, que são os itens FC. Isso permite uma leitura próxima à específica para o referente do nominal contendo ‘qualquer’, permitindo a participação desse referente num episódio ou situação localizada em coordenadas espaciotemporais. Assim, com a negação se aplicando a um domínio previamente congelado, se chega à leitura retórica (“João não comprou qualquer jornal” é compreendido como “João comprou um jornal, mas esse jornal não era ordinário, era especial”).

No caso de o operador de congelamento de implicaturas de Chierchia não se aplicar antes do processamento de VP, ou seja, de não ter havido congelamento de implicatura e encolhimento de domínio antes de o operador de negação ser processado, obtemos a leitura de negação universal (caso em que compreendemos “João não comprou qualquer jornal” como “João não comprou nenhum jornal”). Isso poderia acontecer, teoricamente, se o operador de congelamento de implicaturas de Chierchia fosse aplicado num momento mais avançado da derivação, após a fase de derivação de *voicePhrase*, por exemplo, ou num ponto da derivação sintática em que a negação já tivesse sido processada. Teríamos então, teoricamente, um

produto semântico bem semelhante ao descrito como o escopo do quantificador universal sobre a negação ( $\forall^-$ ). Essa derivação (com o congelamento após a negação) exige que ‘qualquer’ + nome tenha sido alçado antes da posição de complemento para a de sujeito, escapando, assim, ao encolhimento de domínio. Aplicando o operador de congelamento a um domínio sintático que contenha a negação sentencial, mas de onde o item FC tenha sido previamente retirado, via alçamento de quantificador, teremos a completa expansão de domínio promovida pelo quantificador ‘qualquer’ + nome, com implicação de exaustividade, para um predicado sentencial negativo, o que gera uma leitura afim com a negação universal. Porém, agora podemos estabelecer que não se trata da interação de escopo entre a força universal contribuída pelo item FC ‘qualquer’ + nome e o operador de negação, simplesmente porque os operadores FC não têm força inerente. Trata-se da interação entre a ampliação de domínio e a implicatura de exaustividade que constituem a semântica da livre escolha e escaparam ao congelamento (via alçamento do quantificador) e uma predicação sentencial negativa. Assim teremos para “João não comprou qualquer jornal” a leitura de que João não comprou o jornal 1, João não comprou o jornal 2, João não comprou o jornal 3 etc., até que o domínio nominal (dos jornais) se esgote.

Resta explicar a incompatibilidade do item FC ‘qualquer’ + nome em posição de sujeito com sentenças em que está presente o operador de negação sentencial. Uma possibilidade, já sugerida anteriormente, é a de que o operador de congelamento de Chierchia não possa se aplicar em posições mais altas da derivação, por alguma regra do português. Alternativamente, pode haver uma restrição universal que impeça a aplicação desse operador sempre que o alçamento de quantificador de itens FC ocorra após a fase de processamento da negação sentencial, ou seja, depois de a negação sentencial ter sido processada. Isso implicaria assumir que as partes mais internas da estrutura são processadas antes das mais externas. Uma evidência de que esta abordagem estaria no caminho certo seria a inadmissão de itens FC como sujeitos de sentenças com operador de negação sentencial em toda e qualquer língua natural. Assim, podemos dar conta dos dados do português postulando uma interação entre o alçamento de quantificador (o item FC) e o lugar da sintaxe em que o operador de congelamento de implicaturas de Chierchia é aplicado, postulando uma proibição de aplicação do operador não-vozeado de Chierchia a domínios que contenham voiceP (essa poderia ser uma regra do português) ou, alternativamente, a indisponibilidade (universal) do operador não-vozeado de Chierchia para aplicação em pontos da derivação quando o alçamento de quantificador do item FC tiver ocorrido após o processamento da negação sentencial. Isso dá conta dos fatos de distribuição e apresentação de ‘qualquer’ + nome.

Para fazer jus aos fatos do português até aqui examinados, precisamos ainda apontar o motivo por que ‘qualquer um’ é incompatível com a negação sentencial em qualquer posição argumental, seja a de sujeito ou a de complemento. Postulamos anteriormente que o item FC ‘qualquer um’ é mais forte que o item FC ‘qualquer’ + nome. Essa afirmação não faria nenhum sentido se, como Dayal propôs, os itens FC tivessem força universal inerente, pois, obviamente, uma força universal não pode ser superior a outra força universal. Porém, a intuição (baseada na diferença empiricamente observada no comportamento dos dois itens FC do português) tem uma sustentação plausível se pensarmos que a semântica básica de itens FC não é uma força inerente, e sim, como advogado por Chierchia, a expansão de alternativas e a implicatura de antiexaustividade. Nessa linha de análise, por nós adotada, ‘qualquer um’ é resistente a operações de restrição de domínio, não sendo compatível com o operador de congelamento de implicaturas de Chierchia, que, quando aplicado a ‘qualquer’ + nome, encolhe o número de alternativas, contendo a expansão de domínio, e congela a implicatura. A que se deveria tal incompatibilidade? Bem, entre os dois itens FC do português, a diferença óbvia entre ‘qualquer um’ e ‘qualquer’ + nome, é a combinação com ‘um’ no primeiro, que também ocorre em outros quantificadores do português, como ‘cada um’. O distributivo ‘cada’ + nome tem uma restrição de distribuição: não é natural como complemento sentencial (comparemos “Cada criança trouxe um livro” a ?“Uma criança trouxe cada livro”), mas a versão que não admite o nome (‘cada livro’, ‘cada um’, \*‘cada um livro’) está sujeita a uma inaceitabilidade ainda mais aceitável no mesmo ambiente (“Você está vendo esses livros empilhados ali? \*Uma criança trouxe cada um”). Na posição de sujeito, ‘cada um’ é perfeito (“Você está vendo esses livros empilhados ali? Cada um foi trazido por um dos alunos.”) Por que o licenciamento de quantificadores combinados a um seria mais restrito que o dos mesmos quantificadores precedendo um nome? O que intuitivamente esse ‘um’ faz é uma retomada de indivíduos pertencentes a um domínio previamente introduzido no discurso (em outra sentença) na sentença em que estão presentes. No exemplo, “esses livros” e “cada um”, em “Você está vendo esses livros empilhados ali? Cada um foi trazido por um dos alunos.”, estão anaforicamente ligados, apresentando correferência. Essa operação de ligação “complexifica” a situação do quantificador composto com ‘um’, que vai ter mais restrições de licenciamento que a versão desse mesmo quantificador precedendo diretamente um nome. Vimos nos exemplos de ‘cada um’ a necessidade de estabelecer uma referência prévia no discurso, para que possa haver a retomada, como em (159e) (“Como são os cachorros? Qualquer um dorme e qualquer um corre.”). Hipotetizamos que essa ligação anafórica própria de ‘qualquer um’ interfira com a aplicação do operador silencioso de Chierchia, que produziria a de redução de alternativas e o congelamento da

implicatura; sem a aplicação do operador, não podemos derivar para “Livros? \*Maria não comprou qualquer um” as leituras disponíveis para “Maria não comprou qualquer livro”, que são equivalentes a (i) “Maria não comprou livro nenhum” e (ii) “Maria comprou um livro, mas ele não é ordinário, é especial”.

Vamos agora examinar o comportamento dos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ como adjunto adverbial e em posição de complemento de preposição. Não temos notícia de que isso já tenha sido feito na literatura, e esperamos trazer dados interessantes, que corroborem nossa análise.

### 3.2 ‘Qualquer’ como adjunto adverbial de tempo e modo e complemento de preposição

A seguir analisamos ‘qualquer’ em suas formas ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’ em combinação com preposições ‘com’ e ‘sem’. Tais preposições refletem a característica da sentença ser afirmativa ou negativa, respectivamente, sem que haja a necessidade da utilização de ‘não’ para isso. Observar o comportamento de ‘qualquer’ nesse contexto pode revelar fatos sobre seu licenciamento, por nos mostrar características subjacentes aos itens lexicais necessários ao licenciamento de ‘qualquer’.

173)

- a) ?Leila fez o bolo com qualquer farinha.
- b) Leila fez o bolo sem qualquer farinha.
- c) Leila faz bolos com qualquer farinha.

174)

- a) ?Luan saiu com qualquer documento.
- b) Luan saiu sem qualquer documento.

Na bateria de exemplos (173), o nome após ‘qualquer’ é massivo, o que dificulta a individuação do domínio para a construção das alternativas. Mas, assim como ocorre com o plural dos massivos (por exemplo, em “Eu tomei dois leites: o de amêndoa e o de coco”), também a construção de alternativas pode ser viabilizada pela divisão do domínio em tipos (por exemplo, em “Qualquer farinha dá certo nesta receita. Já fiz este bolo com farinha de trigo, com farinha de milho e com farinha de mandioca.”). Com nomes contáveis, a individuação

necessária para a formação de alternativas não deveria apresentar problemas, como vemos em “Qualquer documento é aceito” e em “Luan não trouxe qualquer documento com ele hoje”. No entanto, a sentença (173a) é degradada em português, assim como (174a). O problema da aceitabilidade não é, portanto, a natureza do nome, mas o problema está em ‘qualquer’ + nome ser complemento da preposição ‘com’. Nesses casos, o *subtriggering* recupera um pouco a gramaticalidade da sentença (por exemplo, em “Maria fez o bolo com qualquer farinha que encontrou no armário”, “Luan saiu com qualquer documento que provasse sua nacionalidade”). Nessas sentenças episódicas a leitura universal não estaria disponível para ‘qualquer’ + nome; ou seja, nesse contexto, a interpretação seria existencial. A sentença (173c) é interessante, pois mostra que ‘qualquer’ + nome pode se combinar à preposição ‘com’, sem *subtriggering*, quando a sentença é habitual. Em (173a), a sentença denota apenas um evento em que Leila fez um único bolo. Nesse caso, há a perda da epistemicidade (desconhecimento da identidade do referente), uma vez que o evento pode ser localizado espacotemporalmente e seu produto já existe ou existiu. A habitualidade de (173c) salva a gramaticalidade da sentença, porque, nesse caso, é possível construir um cenário em que Leila é uma confeitadeira de mão cheia, que consegue fazer bolos deliciosos mesmo sem os ingredientes ideais. Entendemos que Leila já assou vários bolos ao longo de sua vida e, durante o preparo de cada um deles, ela usou uma farinha diferente, a que estava à sua disposição. ‘Qualquer’ + nome combinado à preposição ‘com’ em sentenças habituais consegue veicular leitura universal. A universalidade provém não do fato de que Leila usou todas as farinhas para assar um bolo, mas sim de que ela pode usar todos os tipos de farinha em suas receitas.

As versões (b) das sentenças acima também são perfeitamente aceitáveis em português. O sintagma formado por ‘sem’ + ‘qualquer’ + nome é interpretado como ‘nenhum’, assim como nos casos de negação de sentenças episódicas. Assim, de (173b), entendemos que Leila fez um bolo e não utilizou farinha alguma durante a preparação. De (174b), entendemos que Luan, quando saiu de casa, não estava portando nenhum documento.

As sentenças em que o sintagma formado por ‘qualquer’ + nome é precedido pela preposição ‘sem’ se diferenciam das sentenças episódicas negativas, pois, neste caso, não há ambiguidade. A sentença (173b), por exemplo, não disponibiliza a leitura de que Leila fez não um bolo com uma farinha ordinária, mas sim com a farinha mais cara do mercado. A posição de complemento da preposição ‘sem’ parece criar um contexto favorável para a leitura que chamamos de polaridade negativa de ‘qualquer’ + nome, mas de algum modo bloqueia a leitura retórica, a de que o falante não usou sua livre escolha e apenas escolheu um objeto sem cuidado ou critério.

Falta ainda verificar como ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’ se comportam nesse aspecto.

175)

- a) Leila fez o bolo com uma farinha qualquer.
- b) ??Leila fez o bolo sem uma farinha qualquer.
- c) Leila faz bolos com uma farinha qualquer.

176)

- a) Luan saiu com um documento qualquer.
- b) ??Luan saiu sem um documento qualquer.

A forma ‘um’ + nome + ‘qualquer’ apresenta diferenças no licenciamento em relação à forma ‘qualquer’ + nome. A sentença (175a) é bem formada em português e expressa a ideia de que Leila utilizou farinha em sua receita. A marca ou qualidade da farinha não parece importar para o falante que usa essa sentença. O mesmo ocorre em (176a), que diz que Luan levou um de seus documentos ao sair de casa, mas não permite saber especificamente qual documento ele levou. Novamente, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ exige a presença de alternativas para que não haja a identificação do objeto em questão, o que pode levar à leitura de desprezo. No caso de (176a), o fato de o Luan ter levado sua carteira de identidade ou de trabalho quando saiu de casa pode ser indiferente caso ele só tenha ido para a padaria, por exemplo, e, por isso, não há efeito de desprezo. Já no caso, de (174a), a falta de informação sobre a identidade da farinha pode nos levar a inferir que o produto é de má qualidade, visto que assar bolos com ingredientes de qualidade deveria ser motivo de orgulho.

Quando ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é combinado à preposição ‘sem’, temos como resultado sentenças desviantes no português. Se aceitas, teríamos o seguinte panorama: entenderíamos de (175b) que Leila não usou uma farinha ordinária na preparação de seu bolo e entenderíamos de (176b) que Luan não levou um documento comum. O que os dados mostram é que a negação induzida pela preposição ‘sem’ atua sobre o significado adjetival de ‘qualquer’.

Por fim, temos ‘um’ + nome + ‘qualquer’ combinado à preposição ‘com’ em uma sentença habitual (175c). Diferentemente do que vimos na versão com ‘qualquer’ + nome, que expressava que diferentes bolos foram feitos com diferentes farinhas, a versão com ‘um’ + nome + ‘qualquer’ não exige que haja variação no tipo de farinha. A sentença (175c) seria feliz



em um contexto em que Leila comprou dez quilos de farinha e, com essa quantidade, ela assou diferentes bolos durante o mês.

Os dados mostram que ‘um’ + nome + ‘qualquer’ sempre faz referência a um indivíduo específico. Ou seja, assumindo que ‘um’ é um indefinido à la Heim, em ‘um’ + nome + ‘qualquer’ ‘um’ sempre tem força existencial. É necessário que haja alternativas (num contexto em que só há um pacote de farinha de um único tipo, todas as sentenças seriam infelizes), mas esse requerimento serve apenas para garantir o desconhecimento em relação à identidade do referente.

Para finalizar a parte de análise da combinação de ‘qualquer’ com as preposições ‘com’ e ‘sem’, passamos para os dados de ‘qualquer um’, que, como vimos anteriormente, pode parecer com ‘qualquer’ + nome em certos ambientes, mas possui suas particularidades.

177)

- a) Com qual farinha Leila fez o bolo? (Leila fez o bolo) Com qualquer uma.
- b) Sem qual farinha Leila fez o bolo? (Leila fez o bolo) Sem qualquer uma.

178)

- a) Com qual documento? (O Luan saiu de casa) Com qualquer um.
- b) Sem qual documento? (O Luan saiu de casa) Sem qualquer um.

Conforme esperado, visto os dados que já analisamos, ‘qualquer um’ apresenta condições de licenciamento diferentes em relação às demais formas de ‘qualquer’. Em (177a), ‘com qualquer uma’ veicula a ideia de que Leila assou seu bolo com alguma farinha, mas a marca ou qualidade da farinha é irrelevante. O mesmo ocorre com (178a): entendemos que Luan saiu de casa com algum documento, mas não sabemos qual ele levou. O uso de ‘qualquer um’ com a preposição ‘com’ nos leva a entender também que o falante imprimiu um tom ríspido em sua resposta. Essa informação de desprezo do falante pelo objeto em questão pode ser derivada do contraste entre a informação oferecida e a operação feita por ‘qualquer um’. Ao perguntar qual a farinha usada na receita ou o documento que Luan levou, o interlocutor deseja uma resposta específica. O uso de ‘qualquer um’, que, como dizemos, amplia maximamente o domínio sem que possa haver exceções, não tem a especificidade buscada pelo autor da pergunta, sendo pragmaticamente pouco informativa.

Na versão (b) das sentenças acima, há combinação de ‘qualquer um’ com a preposição ‘sem’. Essas sentenças podem parecer desviantes em português se não estiverem no contexto

adequado. Podemos pensar que Giovana quer comprar um bolo, mas é alérgica à farinha de trigo. Assim que entra na loja de Leila, ela pergunta se o bolo contém farinha de trigo. Leila responde que Giovana não precisa se preocupar, pois seus bolos não levam nunca farinha alguma, e, portanto, o bolo em questão foi feito sem qualquer uma. Nesse contexto, o uso de ‘qualquer um’ combinado a ‘sem’ (tal como em (177b)) soa mais natural. É necessário um contexto em que não se permita exceções para o licenciamento de ‘qualquer um’ em posição de complemento de preposições. Esses fatos estão de acordo com a ideia de que a ampliação de domínio desse item FC resiste a contenções.

Examinemos agora sentenças com os sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ em posição sintática de adjunto adverbial.

- 179) Qualquer hora/ dia/ momento a gente se esbarra/ se esbarrava quando eu morava em Londres/ \*se esbarrou.
- 180) De qualquer jeito a gente se vê/ se via enquanto eu morava em outro estado/ \*se viu.

Em (179) e (180), ‘qualquer’ + nome está ocupando a posição de adjunto da sentença, com interpretação temporal. Ambas as sentenças denotam um evento episódico, mas no futuro. Há a delimitação de que o evento ocorrerá em um dia específico no futuro, mas a escolha do dia permanece em aberto. ‘Qualquer’ + nome tem, portanto, infinitas horas/ dias/ momentos como alternativas para a realização do tal encontro. Nesse contexto, apesar de haver alternativas, apenas uma será escolhida. ‘Qualquer’ + nome tem um sabor existencial nesse contexto, dada a especificidade do momento de um episódio de encontro (mesmo ainda por acontecer). ‘Qualquer’ + nome, no entanto, não parece apresentar uma restrição gramatical de tempo que se limite ao futuro. A sentença (vide (179)) é agramatical quando usamos o pretérito perfeito, mas é natural quando usamos o presente ou o pretérito imperfeito. A sentença (179) no presente poderia ser usada em um contexto em que duas pessoas planejam se encontrar, mas a data do encontro não está determinada. Há um sabor modal de probabilidade. Isto é, os falantes não estão marcando um encontro, mas, dado o que sabem de suas rotinas, acreditam que se encontrarão. Já no pretérito imperfeito, a sentença descreve um hábito no passado. Nesse caso, entendemos que, por exemplo, enquanto moravam em Londres, os falantes fortuita e ocasionalmente se encontravam. Temos, portanto, episódios múltiplos, quantificação sobre a frequência de eventos, e não uma quantificação universal. Apenas quando a sentença denota um evento particular no passado (quando usamos o pretérito perfeito), temos agramaticalidade.

O exemplo (180) segue o mesmo padrão. ‘Qualquer’ + nome aceita a sentença no presente e no pretérito imperfeito, mas rejeita sentenças episódicas com o verbo no pretérito perfeito.

Em (180), ‘qualquer’ + nome funciona como adjunto adverbial de modo ou maneira. Nesse contexto, parece não haver restrição de combinação temporal novamente. Com o verbo no presente do indicativo, a sentença será verdadeira se as pessoas envolvidas no evento de encontro concretizarem esse evento (no futuro). No entanto, o modo como o encontro será realizado, está em aberto. ‘Qualquer’ + nome ganha nesse contexto o sabor de ‘inevitavelmente’. As alternativas para o encontro deixam suas condições em aberto. É possível que o encontro aconteça na fila do ônibus, ou remotamente ou em um café planejado com antecedência; o que há de significativo é o fato de a sentença assegurar a realização do encontro.

Os dados mostram que ‘qualquer’ + nome ativa alternativas, mas apenas uma será selecionada como o momento do encontro, ou, alternativamente, apenas um modo será escolhido para a realização do evento. Vemos, portanto, que ‘qualquer’ + nome pode aparecer em posição de adjunto adverbial de sentenças episódicas sem gerar agramaticalidade. Apesar de ativar alternativas, ‘qualquer’ + nome não consegue ser sinônimo de ‘todo’, pois suas alternativas são distribuídas por mundos possíveis, indo cada indivíduo do domínio nominal para um mundo possível distinto.

A seguir, verificamos como é o comportamento de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ na mesma condição.

181) (Em) Uma hora qualquer / um dia qualquer a gente se esbarra/ \*se esbarrava/ se esbarrou.

182) Ele se veste/ se vestia/ se vestiu de um jeito qualquer para as festas.

Em (181), ‘um’ + nome + ‘qualquer’ está ocupando a posição de adjunto adverbial da sentença, com interpretação de tempo. Com o verbo no presente do indicativo, a sentença indica que há um encontro entre os falantes que ainda não está marcado, mas será realizado no futuro; enquanto, com o pretérito perfeito, o encontro já aconteceu. A combinação de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ com o pretérito imperfeito resulta em uma sentença desviante do português. Considerando a habitualidade como uma sucessão de eventos episódicos no passado, para ser licenciado, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ deveria ser capaz de fazer referência a todos os episódios de uma vez. A forma de ‘qualquer’ em questão não parece capaz de alcançar essa operação. ‘Qualquer’ nesse contexto parece contribuir apenas com seu significado adjetival. Diferentemente do exemplo (179), não é possível parafrasear ‘um’ + nome + ‘qualquer’ como

“ocasionalmente” ou “inevitavelmente”. O uso de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ em (181) indica apenas que haverá um encontro, mas a data ou horário marcado não é relevante para o falante, por isso ele escolheu disparar o efeito de ignorância de identidade.

Já em (182), ‘um’ + nome + ‘qualquer’ funciona como adjunto adverbial de modo. Nesse contexto, a única leitura disponível é a de ‘qualquer’ enquanto adjetivo. Ou seja, entendemos que a pessoa em questão se veste/ se vestia/ se vestiu para as festas com pouco cuidado em relação à sua imagem. O *outfit* escolhido para a ocasião, foi comum, em vez de ser marcante. É importante destacar que, nesse contexto, perdemos a leitura de “ocasionalmente”/ “inevitavelmente”, que havia com ‘qualquer’ + nome. Se tivéssemos ‘qualquer’ + nome em (182), poderíamos utilizar essa sentença em um contexto em que uma pessoa é nudista, mas para a festa em questão ela teve que utilizar roupas (contra sua vontade). Sendo de bom grado ou de forma forçada, a pessoa inevitavelmente se vestiu para a festa. Essa interpretação não está disponível para ‘um’ + nome + ‘qualquer’.

Os dados de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ revelam que, essa configuração sintática, ‘qualquer’ não consegue veicular a leitura universal. Revelam ainda que sua contribuição para o significado sentencial é o *minimal domain widening*. A impossibilidade de veicular a leitura universal indica que ‘qualquer’ não ativa a implicatura de antiexaustividade neste contexto.

Vamos agora examinar ‘qualquer um’ em posição de adjunto adverbial:

- 183) (Em) Que dia/ hora você está/ estava livre (quando você vivia em Londres)? Qualquer um(a).
- 184) \*(Em) Que dia a gente se viu? Qualquer um.
- 185) De que maneira a gente pode se encontrar? \*De qualquer uma a gente vai se ver.
- 186) De que modo ele se veste? ?? (Ele se veste) De qualquer um.

O exemplo (183) mostra que, assim como ‘qualquer’ + nome’, ‘qualquer um’ não tem restrição temporal, pois pode ser combinado ao presente e ao pretérito imperfeito. Assim como ‘qualquer’ + nome, ‘qualquer um’ não se combina com o pretérito perfeito, como mostra (184). Esse padrão confirma que ‘qualquer um’ torna a sentença desviante se for introduzido em um contexto que não propicie a ativação de alternativas, como em sentenças que denotam um evento particular localizado no tempo e no espaço. Em (183), ‘qualquer um’ pode se combinar ao presente, informando que o falante possui total disponibilidade para um encontro. Entendemos nesse caso, que toda hora/ todo dia é oportuno; não há alternativas melhores ou piores. ‘Qualquer um’ também pode se combinar ao pretérito imperfeito para tratar de um

hábito passado. Nesse caso, podemos entender que, durante sua viagem para Londres, o falante não tinha atividades obrigatórias ou previamente agendadas para exercer. Por isso, durante todos os dias da semana, a pessoa estava livre. Essas paráfrases revelam uma diferença de ‘qualquer um’ em relação a ‘qualquer’ + nome. Como visto anteriormente, ‘qualquer’ + nome nesse contexto tem leitura existencial e parece avaliar a situação, pois pode ser substituído por advérbios como ‘inevitavelmente’. Isso não ocorre com ‘qualquer um’. Além disso, nessa condição, ‘qualquer’ + nome resulta em leitura existencial, enquanto ‘qualquer um’ tem a leitura universal como mais saliente. Em (185) e (186), ‘qualquer um’ funciona como adjunto adverbial de maneira e torna a sentença desviante no português. Se a sentença fosse aceitável, ‘qualquer’ deveria veicular leitura existencial, mas essa operação não parece poder ser realizada nesse contexto.

O exame dos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ em posição sintática de adjunto adverbial corrobora a descrição e a análise feita para sua atuação em posições argumentais. Primeiramente, vemos que ‘qualquer’ + nome e ‘um qualquer’ necessariamente disparam alternativas, mas ‘um’ + nome + ‘qualquer’ não. Como esperado para itens FC, na visão de Chierchia (2006), ‘qualquer’ + nome e ‘um qualquer’ não se dão bem com o pretérito perfeito, pois o aspecto perfectivo coloca o episódio como localizado em coordenadas de tempo e espaço específicas, o que é incompatível com a ampliação de domínio por meio de alternativas de itens FC. O futuro é o tempo verbal ideal para a propagação de alternativas relacionadas às coordenadas espaçotemporais de episódios. Leituras habituais (facilitadas pela conjugação do verbo no imperfeito do indicativo) permitem múltiplas coordenadas, e, assim, combinam com alternativas. O presente do indicativo é compatível com os itens FC em posição adverbial em leitura de localização do evento no futuro, pois o futuro tem a incerteza epistêmica associada aos itens FC.

O comportamento de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ se destaca (em (181), o pretérito perfeito é mais aceitável que o imperfeito), como é de esperar da classificação desse sintagma como um indefinido à la Heim complexo, que não pode funcionar como um item FC em português.

Passaremos agora a completar a verificação do comportamento dos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’, como a sua capacidade de expressar um tipo característico, uma classe de objetos ou uma espécie inteira.

### 3.3 Completando os contextos de licenciamento de ‘qualquer um’

A seguir analisamos ‘qualquer um’ em posição de sujeito e de complemento em sentenças genéricas e episódicas. Começamos com ‘qualquer um’ em posição de sujeito de sentenças genéricas.

- 187) Gato? Qualquer um mia.
- 188) Garrafa de Coca-Cola? Qualquer uma tem gargalo estreito.
- 189) Número par? Qualquer um é (necessariamente) divisível por dois.
- 190) Mamífero? Qualquer um é um animal.
- 191) Dinossauro? Qualquer um está extinto.
- 192) Rato? A coruja caça qualquer um.
- 193) Livro? Um estudante compra qualquer um.

Nos exemplos acima, todas as sentenças são bem formadas em português e ‘qualquer um’ tem força universal. A sentença (187) é bem formada e informa que todos os gatos miam. A sentença (188) informa que todas as garrafas de Coca-Cola têm tipicamente o gargalo estreito. A sentença (189) informa que todos os números classificados como par são todos divisíveis por dois. A sentença (189) informa que, independentemente do mamífero considerado, vale para ele que se trata de um animal. Por fim, a sentença (191) informa que, independentemente da subespécie de dinossauro considerada, vai valer para todas as subespécies de dinossauro que elas estão extintas. Em (192), ‘qualquer um’ veicula leitura universal: nenhum indivíduo do domínio dos ratos escapa de ser caçado por corujas. Observe-se que, neste parágrafo, estamos usando a expressão “leitura universal”, em oposição à “leitura existencial”, para conversar com a literatura, pois essas expressões consagradas são recorrentes nos trabalhos acadêmicos. Não obstante, por “leitura universal” estamos nos referindo à ampliação de domínios por meio de alternativas, com efeito epistêmico de não haver um referente específico, e por “leitura existencial”, queremos indicar que há referência específica a certo indivíduo. Em (192), dizer que ‘qualquer um’ veicula leitura universal é o mesmo que dizer que há ampliação de domínio. Imaginemos um contexto em que há uma casa velha e infestada de ratos, e o novo morador decide comprar uma coruja para se livrar dos ratos. Se um amigo desse morador desconfiasse da capacidade das corujas de caçar ratos, seria plausível que o morador utilizasse a sentença (192) para responder o seu amigo. Nesse caso, estaria indicando que a coruja caçaria todos os ratos, mesmo aqueles de que o novo morador não tem notícia, ou nem desconfia que estejam por ali. Em (193), temos a mesma situação. ‘Qualquer um’ novamente veicula leitura universal. Os dados mostram que, em predicados genéricos,

‘qualquer um’ tem o comportamento semelhante ao de ‘qualquer’ + nome, porque permite a leitura universal, ou seja, a ampliação de domínio por alternativas, o que, considerando a proposta de Chierchia (2006), indica que houve a implicatura de antiexaustividade também nesse contexto.

### 3.4 Retomando o capítulo

O comportamento semântico do conjunto de dados levantados nesta pesquisa (não só os dados provenientes da revisão da literatura, mas também os que trazemos como novidade) está resumido no quadro 4.

**Quadro 4** – Resumo do licenciamento de ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’<sup>49</sup>

Forma de ‘qualquer’/ Licenciamento	Sujeito de genéricas	Compl. de genéricas	Compl. de episódicas negativas	Adjunto adverbial de tempo/ modo	Compl. da prep. ‘com’	Compl. da prep. ‘sem’
‘Qualquer’ + nome	✓ <sup>50</sup> “Qualquer aluno joga futebol.”	✓ “Corujas caça qualquer rato”	✓ “Jade não comprou qualquer vestido.”	✓ “Qualquer hora a gente se esbarra.”	? “?Leila fez o bolo com qualquer farinha.”	✓ “Leila fez o bolo sem qualquer farinha.”
‘Um’ + nome + ‘qualquer’	✓ “Um aluno qualquer joga futebol.”	✓ “Corujas caçam um rato qualquer.”	✓ “Jade não comprou um vestido qualquer.”	✓ “(Em) Uma hora qualquer a gente se esbarra.”	✓ “Leila fez o bolo com uma farinha qualquer.”	? “?Leila fez o bolo sem uma farinha qualquer.”
‘Qualquer um’	✓ “Gato? Qualquer um mia.”	✓ “Rato? A coruja caça qualquer um.”	✓ “Vestido de noiva? Jade não comprou qualquer um.”	? “(Em) Que dia você está livre? Qualquer um(a).”	✓ “Com qual farinha Leila fez o bolo? (Leila fez o bolo) Com qualquer uma.”	✓ “Sem qual farinha Leila fez o bolo? (Leila fez o bolo) Sem qualquer uma.”

Fonte: Elaboração própria

<sup>49</sup> A posição de adjunto adverbial não foi incluída por razões de espaço, mas as três formas são aceitáveis aí.

<sup>50</sup> O símbolo ✓ indica a boa formação das sentenças; o símbolo ? indica que a sentença tem sua aceitabilidade penalizada; e o símbolo \* indica agramaticalidade.

**Quadro 5** - Resumo das leituras de ‘qualquer’ + nome, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ e ‘qualquer um’

Forma de ‘qualquer’/ Interpretação	Sujeito de genéricas	Complemento de genéricas	Complemento de sentenças episódicas negativas	Adjunto adverbial de tempo/modo	Prep. ‘com’	Prep. ‘sem’
‘Qualquer’ + nome	Expansão de domínio nominal	Leitura universal	Expansão de domínio nominal ou encolhimento de domínio de alternativas com cancelamento de implicatura de antiexaustividade	Leitura existencial	Leitura existencial	Expansão de domínio nominal
‘Um’ + nome + ‘qualquer’	Leitura existencial	Leitura existencial	Leitura existencial	Leitura existencial	Leitura existencial	Leitura existencial
‘Qualquer um’	Expansão de domínio nominal	Expansão de domínio nominal	Encolhimento de domínio de alternativas com cancelamento de implicatura de antiexaustividade	Expansão de domínio nominal	Expansão de domínio nominal	Existencial

Fonte: Elaboração própria

Examinamos neste capítulo dois conjuntos de fatos como base para se refletir sobre a semântica de ‘qualquer’: (i) o licenciamento e as leituras dos diversos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ como complemento verbal de sentenças negativas; (ii) o licenciamento e as leituras dos diversos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ em posição de complemento das preposições ‘com’ e ‘sem’ e como adjunto sentencial. Para finalizar, apresentamos um quadro completo, resumindo os fatos do licenciamento de e das interpretações de sintagmas contendo ‘qualquer’.

No início desta dissertação discutimos se ‘qualquer’ pode ter leitura de polaridade negativa. Apresentamos dados em que ‘qualquer’ + nome é interpretado tal como itens de polaridade negativa prototípicos do português: “João não comprou qualquer jornal” pode ser interpretada como “João não comprou jornal algum” ou “João não comprou um jornal sequer”. Com isso defendemos que um dos usos do item FC ‘qualquer’ + nome tem sinônimo de polaridade negativa. Essa sinonímia está restrita a contextos em que o item FC ‘qualquer’ + nome está em posição de complemento verbal de sentenças episódicas. Como essa leitura só ocorre em certos ambientes, a operação que resulta nessa interpretação foi analisada como um recurso extremo (*last resort*) para salvar a derivação da sentença, já que sentenças episódicas



requerem argumentos com referência específica, e itens FC são de outro tipo, epistêmicos e indefinidos por sua natureza de projetores de alternativas. Essa incompatibilidade de tipos semânticos é resolvida pela aplicação do operador de congelamento de implicaturas de Chierchia ao pedaço da estrutura que contém a negação sentencial após o alçamento do quantificador FC, fazendo com que não ocorra um encolhimento no domínio das alternativas, mas que elas incluam, para cada elemento do domínio nominal, a negação sentencial (João não comprou o jornal 1, João não comprou o jornal 2 etc.) Com essa estratégia, a interpretação final equivale a  $\forall \neg$ , que por sua vez é equivalente a  $\neg \exists$  em condições de verdade.

Há outra estratégia para resolver a incompatibilidade de tipos semânticos entre o item FC ‘qualquer’ + nome e o requerido por uma posição argumental de sentença episódica, que é aplicar o operador não vozeado de congelamento das implicaturas numa fase de processamento igual ou abaixo de VP, de modo que domínio de alternativas encolhe ao ponto de servir como argumento a um episódio, com leitura de um ou outro e efeito de ignorância sobre a identidade do referente. Propusemos que é o clash (a incompatibilidade) de tipos semânticos (sentença episódica requer argumentos específicos, itens FC promovem a expansão do domínio de alternativas) que licencia a inserção desse operador não-pronunciado na derivação. O ponto em que o operador é inserido na derivação varia, e o lugar da derivação em que entra esse operador, em correlação com o momento do alçamento do quantificador, é o responsável pelas duas leituras possíveis para ‘qualquer’ + nome em posição de argumento interno de sentenças episódicas.

Observamos que apenas na forma de ‘qualquer’ + nome que a leitura em questão está disponível. O item FC ‘qualquer um’ não pode ter seu domínio de alternativas encolhido em nenhum contexto. Explicamos isso postulando uma retomada anafórica de um domínio ou subdomínio já introduzido no discurso, em outra sentença, uma função realizada também por ‘um’ em ‘cada um’. Essa relação de correferência interfere na aplicação do operador de encolhimento do domínio. Como resultado do impedimento de ter seu domínio de alternativas reduzido, ‘qualquer um’ sempre faz expansão máxima do seu domínio de alternativas criando a ilusão de uma força universal inerente, nos termos de Dayal.

Já o comportamento de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ nos leva a considerar que esse não é um operador FC, mas um sintagma nominal com referência específica, em que ‘qualquer’ tem função de modificador, relacionando o referente ao processo FC (pela negação). Esse é um indefinido à la Heim, em conformidade com a proposta de Pires de Oliveira, um sintagma indefinido complexo. Com relação aos fatos ligados ao licenciamento dos sintagmas nominais contendo ‘qualquer’ em posição de complemento de preposições, observamos que o

licenciamento de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é praticamente complementar ao licenciamento dos itens FC ‘qualquer’ + nome e ‘qualquer um’, fato que reforça a análise de ‘um’ + nome + ‘qualquer’ como um indefinido complexo encabeçado por ‘um’, sem força quantificacional própria.

Verificou-se ainda um contraste muito grande no licenciamento dos itens FC como complemento da preposição ‘com’, que pressupõe a existência do referente do seu complemento (por exemplo, eu não posso tomar café sem açúcar se não existir açúcar algum na situação relevante) e o seu licenciamento como complemento da preposição ‘sem’, que afirma a ausência de seu complemento no domínio em questão (para que eu tome um café sem açúcar, é necessário que não haja nada de açúcar dentro do recipiente que contém o café que eu esteja tomando). A inaceitabilidade de itens FC em posição de complemento de ‘com’ vai nos remeter aos fatos do licenciamento de itens FC em sentenças apresentacionais. Apontar a existência de espécimes num certo contexto não é uma função pragmática compatível com a ampliação de domínio, portanto usar itens FC como complemento a preposição ‘com’ é infeliz, assim como é infeliz empregá-los em sentenças apresentacionais. No entanto, a posição de complemento da preposição ‘sem’ é compatível com a pragmática da expansão de domínio, desde que a expansão de domínio tenha escopo sobre a ausência de elementos do domínio nominal expresso pelo nome. Entendemos ‘sem’ + ‘qualquer’ + nome, nas sentenças em que o contexto justifique a ampliação de domínio, como em “Luan saiu sem qualquer documento”, como Luan não saiu com o documento 1, Luan não saiu com o documento 2, Luan não saiu com o documento 3 e assim por diante, até que o domínio seja esgotado. Temos então uma leitura em que, para cada um dos indivíduos que populam o domínio (dos documentos do Luan, no nosso exemplo), se aplica que Luan não saiu com ele. Essa é uma leitura próxima da de negação universal ( $\forall \neg$ ), equivalente logicamente à negação existencial ( $\neg \exists$ ). ‘Sem’ + ‘qualquer’ + nome se aproxima de um IPN (“Maria saiu sem qualquer documento” tem as mesmas condições de verdade de “Luan saiu sem documento algum”).

O item FC ‘qualquer’ + nome veicula leitura equivalente à da quantificação universal com ‘com’ e equivalente à leitura de polaridade negativa com ‘sem’. Tal característica combina com a implicatura de antiexaustividade proposta por Chierchia (2006).

Já ‘um’ + nome + ‘qualquer’ apresenta leitura existencial relacionada ao efeito epistêmico de ignorância de identidade. Foi visto que a posposição de ‘qualquer’ ao nome é entendida como uma negação de que o referente do nominal complexo seja um produto do exercício da livre escolha; assim, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ nos leva a entender que a qualidade do indivíduo em questão é baixa, já que, se tivesse havido o exercício da livre escolha, o

referente seria outro. ‘Qualquer’ em ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é um modificador nominal que recusa a livre escolha. Por conta dessa implicatura de desprezo, ‘um’ + nome + ‘qualquer’ é mais facilmente licenciado com a preposição ‘com’ do que com a preposição ‘sem’. Dizer “Maria foi vista com um sujeitinho qualquer” implica que eu saiba quem ele é, ou seja, que eu tenha condições de identificar o referente específico presente na cena, para poder expressar minha avaliação negativa a respeito dele (o falante de “Maria foi vista com um sujeitinho qualquer” considera a companhia em que ela foi vista um sujeitinho à-toa, sem destaque, sem importância). Dizer “Maria saiu sem um documento qualquer” não implica uma avaliação negativa do indivíduo ausente na cena (o documento que maria não tem consigo), mas sim a não-identificação desse referente, seja por o falante não desejar ou não precisar ser mais específico seja por não ter conhecimento de mundo suficiente para ser mais específico; daí “Maria saiu sem um documento qualquer” poder ser parafraseada por “Maria saiu sem um ou outro documento”. Vemos então que esse indefinido complexo à la Heim permite duas interpretações, uma contrariando a livre escolha, implicando que o referente não é a melhor alternativa, licenciada na posição de complemento de ‘com’, e outra interpretação, em que há minimamente duas alternativas para o referente, mantendo a epistemicidade de ‘qualquer’, ou seja, a impossibilidade de reduzir o domínio de alternativas até o ponto de se saber exatamente qual é o referente desse nominal.

Vimos também que em posição de adjunto adverbial os itens FC com ‘qualquer’ continuam exigindo alternativas. No entanto, a forma ‘um’ + nome + ‘qualquer’ tem exclusivamente a leitura de um referente específico que não foi produto do exercício da livre escolha, ou seja, de “um indivíduo que é comum”, ou que “não é o melhor”.

Nesta dissertação, além de tratar de ‘qualquer’ + nome e ‘um’ + nome + ‘qualquer’, que já tinham aparecido na escassa literatura sobre os itens FC do português, introduzimos a descrição e a análise da forma ‘qualquer um’, que, até onde sabemos, não tinha recebido atenção nos estudos anteriores. Observamos que, mesmo que seja semelhante a ‘qualquer’ + nome em alguns aspectos, por ser também um item FC, ‘qualquer um’ tem suas particularidades. O licenciamento de ‘qualquer um’ em posição de complemento de preposições, como ‘com’ e ‘sem’, necessita de ligação anafórica e não aceita encolhimento de domínio; por isso, ‘qualquer um’ como complemento de preposição produz um efeito de sentido em que o falante é interpretado como ríspido em sua resposta. Comentamos que isso pode estar relacionado ao fato de ‘qualquer um’ expandir maximamente seu domínio, inclusive até mais do que ‘qualquer’ + nome. Quando usado em um contexto que exige um indivíduo particular como resposta, há um *clash* semântico entre o que a instrução da sentença e a instrução que ‘qualquer um’ oferece

e temos como resultado o fato de o falante que usa ‘qualquer um’ ser entendido como ríspido e grosseiro.

A hipótese de que ‘qualquer um’ expande maximamente seu domínio como regra é reforçada pelos dados de ‘qualquer um’ em posição de adjunto sentencial. Nesse contexto, ‘qualquer um’ foi a única das formas de ‘qualquer’ capaz de veicular “leitura universal” como leitura default. Mesmo em posição de complemento verbal de sentenças episódicas, ‘qualquer um’ resiste aos mecanismos sintáticos e semânticos que encolhem o domínio de alternativas disparadas por um item FC. Os mecanismos que afetam ‘qualquer’ + nome, resolvendo a incompatibilidade de tipos entre esse sintagma argumental e uma sentença episódica, no mesmo ambiente não conseguem resolver a incompatibilidade de ‘cada um’.

Para finalizar o capítulo, analisamos ‘qualquer um’ nos contextos que as demais formas de ‘qualquer’ foram mais trabalhadas na literatura: nas posições de sujeito e de complemento de sentenças genéricas e episódicas. Em sentenças genéricas, tanto em posição de sujeito quanto de complemento, ‘qualquer um’ veicula “leitura universal” sem necessidade de recorrer a artifícios como o *subtriggering*. Já em sentenças episódicas, ‘qualquer um’ nunca veicula a “leitura existencial”, mas consegue veicular leitura universal desde que haja um contexto favorável à ativação de alternativas ou o *subtriggering*. De modo geral, podemos concluir que ‘qualquer um’ promove uma expansão de domínio sempre mais ampla, e seu domínio de alternativas é irreduzível; por isso, seu licenciamento requer contextos em que se possa acionar todas as suas alternativas.

## CONCLUSÃO

Este trabalho tinha o propósito de contribuir para a descrição de ‘qualquer’ em nível semântico. Partimos da hipótese de que o ambiente sintático interfere na leitura produzida por ‘qualquer’ para explorar os dados. A fim de compreender melhor a semântica de ‘qualquer’, levamos em consideração os fatores já descritos na literatura, como a diferença entre ‘qualquer’ + nome e ‘um’ + nome + ‘qualquer’, o seu licenciamento em sentenças genéricas e em episódicas, bem como mapeamos seu comportamento em posição de sujeito e de complemento sentencial. Os dados foram tratados teoricamente com o aparato da semântica formal.

Inicialmente, por meio da revisão da literatura, identificamos o padrão de comportamento característico de ‘qualquer’. Com base em Pires de Oliveira (2005), vimos que ‘qualquer’ + nome sistematicamente licencia a leitura universal, enquanto ‘um’ + nome + ‘qualquer’, a leitura existencial. Além disso, aproveitamos o debate levantado por Pires de

Oliveira (2005, 2011) sobre a variabilidade na força quantificacional de ‘qualquer’ para testá-lo quanto à indefinidade. Observamos que ‘um’ + nome + ‘qualquer’ funciona como um indefinido padrão, enquanto ‘qualquer’ + nome foi desviante em alguns testes em que indefinidos à la Heim se saíam bem. Argumentamos que o comportamento inesperado de ‘qualquer’ + nome enquanto um indefinido está relacionado a outros aspectos do seu significado, como à sua função semântica inerente de expansão de domínio. Durante os testes, introduzimos uma forma de ‘qualquer’ pouco explorada na literatura: ‘qualquer um’. Observamos que essa forma, apesar de próxima de ‘qualquer’ + nome, distancia-se desta por exigir domínios mais expandidos, e por isso, é mais resistente a acomodações em sentenças episódicas.

Começamos a seção 3 problematizando a análise de Pires de Oliveira (2011), quanto a ‘qualquer’ não ser um IPN. Mostramos que ‘qualquer’ + nome é ambíguo em português, entre uma leitura similar à de ‘nenhum’ e uma leitura similar à de ‘um especial’, sendo que as sentenças com a primeira compartilham as condições de verdade encontradas nas sentenças com itens de polaridade negativa padrão do português, como nome + ‘algum’ e ‘um’ + nome + ‘sequer’. Além disso, apresentamos dados de ‘qualquer’ em suas três formas com as preposições ‘com’ e ‘sem’ e em posição de adjunto sentencial, que são contextos pouco explorados. Para finalizar, completamos os contextos de licenciamento de ‘qualquer um’, contrastando seu licenciamento em posição de sujeito e de complemento em sentenças genéricas e episódicas.

Adotando a proposta de Chierchia (2006), explicamos por que o item FC do português ‘qualquer’ + nome recebe interpretações típicas de itens de polaridade negativa apenas em ambiente de sentença episódica, quando em posição de complemento verbal e quando está sob o escopo da negação, mas esse mesmo item FC, ‘qualquer’ + nome, pode receber interpretações retóricas tanto em sentenças episódicas afirmativas quanto em sentenças episódicas negativas, desde que esteja em posição sintática de argumento interno do verbo.

Com este trabalho, pudemos ampliar a cobertura empírica de dados disponíveis na literatura sobre a semântica de ‘qualquer’, ao considerar também a forma ‘qualquer um’ e os ambientes de adjunto adverbial e de complemento das preposições ‘com’ e ‘sem’, até então pouco citados na literatura em português. Com isso, pudemos ampliar a cobertura empírica de dados disponíveis na literatura sobre a semântica de ‘qualquer’. Esperamos que a descrição da semântica de ‘qualquer’ seja benéfica para futuros estudos sobre universais semânticos, mais especificamente aqueles envolvendo propostas de unificação dos itens FC através das línguas.

## REFERÊNCIAS

- Bach, Emmon; Jelinek, Eloise; Kratzer, Angelika; Partee, Barbara Hall. Introduction. *In: Bach, Emmon; Jelinek, Eloise; Kratzer, Angelika; Partee, Barbara Hall (eds.). Quantification in natural languages*. Vol. 54. Springer Science & Business Media, 2013. p. 1–11.
- Barwise, Jon; Cooper, Robin. Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, n. 2, p. 159–219, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00350139>.
- Carlson, Gregory Norman. A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and philosophy*, v. 1, n. 3, p. 413–457, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00353456>.
- Chierchia, Gennaro. Broaden your views: Implicatures of domain widening and the “logicality” of language. *Linguistic Inquiry*, v. 37, n. 4, p. 535-590, 2006.
- Chierchia, Gennaro. **Logic and Grammar: Polarity, Free Choice, and Intervention**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013. 480 p.
- Chierchia, Gennaro. Scalar implicatures, polarity phenomena and the syntax/pragmatics interface. *In: Belletti, Adriana. (ed.). Structures and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 39-103.
- Chomsky, Noam Avram. **O Programa Minimalista**. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. São Paulo: Editora UNESP, 2021. 600 p.
- Cunha, Celso; Cintra, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital Ltda, 2017. 800 p.
- Dayal, Veneeta. ‘Any’ as inherently modal. *Linguistics and Philosophy*, v. 21, n. 5, p. 433–476, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1005494000753>.
- Dayal, Veneeta. A viability constraint on alternatives for free choice. *In: Fălăuș, Anamaria (ed.). Alternatives in semantics*, Londres: Palgrave Macmillan London, 2012. p. 88–122. DOI: [https://doi.org/10.1057/9781137317247\\_4](https://doi.org/10.1057/9781137317247_4).
- Dayal, Veneeta. Free Relatives and "Ever": Identity and Free Choice Readings. *Semantics and Linguistic Theory*, v. 7, p. 99–116, 1997. DOI: <https://doi.org/10.3765/salt.v7i0.2787>.
- Dayal, Veneeta. Identifying (in)definiteness: A questionnaire. *In: Dayal, Veneeta. (org.). The open handbook of (in)definiteness: A hitchhiker’s guide to interpreting bare arguments*. No prelo.

Dayal, Veneeta. Licensing "any" in Non-Negative / Non-Modal Contexts. **Semantics and Linguistic Theory**, v. 5, p. 72–93, 1995. DOI: <https://doi.org/10.3765/salt.v5i0.2694>.

Dayal, Veneeta. The universal force of free choice any. **Linguistic Variation Yearbook**, v. 4, n. 1, p. 5–40, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1075/livy.4.02day>.

Degano, Marco; Aloni, Maria. Indefinites and free choice: When the past matters. **Natural language & linguistic theory**, n. 40, v. 2, p. 447–484, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-021-09518-x>.

Fábregas, Antonio. Determiners and quantifiers in Spanish: types, tests and theories. **Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics**, v. 7, n. 2, p. 1–113, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7557/1.7.2.4546>.

Ferreira, Marcelo Barra. **Semântica: uma introdução ao estudo formal do significado**. São Paulo: Editora Contexto, 2022. 320 p.

Guimarães, Márcio Renato. Sobre o comportamento semântico de “qualquer”. **Revista Letras**, v. 44, p. 59–66, 1995. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v44i0.19067>.

Heim, Irene. File Change Semantics and the Familiarity Theory of Definiteness. *In*: Bäuerle, Rainer; Schwarze, Christoph; von Stechow, Arnim (eds.). **Meaning, Use, and Interpretation of Language**, Berlin, Boston: De Gruyter, 1983. p. 164–189. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110852820.164>.

Heim, Irene. **The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases**. 1982. 263 f. Tese (Ph.D. em Linguística) – University of Massachusetts, Massachusetts, 2011.

Heim, Irene; Kratzer, Angelika. **Semantics in generative grammar**. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1998. 336 p.

Haspelmath, Martin. **Indefinite Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997. 384 p.

Kadmon, Nirit; Landman, Fred. Any. **Linguistics and philosophy**, v. 16, p. 353–422, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00985272>.

Kamp Hans. A theory of truth and semantic representation [1981]. *In*: Portner, Paul H.; Partee, Barbara Hall. (eds.). **Formal Semantics: The Essential Readings**, Oxford: Blackwell Publishing Ltd. p. 189-222, 2002.

Kratzer, Angelika. Stage-Level and Individual-Level Predicates. **University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 147–221, 1989.

Kratzer, Angelika. Stage-Level and Individual-Level Predicates. *In*: Carlson, Gregory Norman; Pelletier, Francis Jeffry (eds.). **The Generic Book**, p. 125–175, 1995.

Krifka, Manfred; Pelletier, Francis Jeffry; Carlson, Gregory Norman; ter Meulen, Alice; Link, Godehard; Chierchia, Gennaro. Genericity: An Introduction. *In*: Carlson, Gregory Norman; Pelletier, Francis Jeffry (eds.). **The Generic Book**, p. 1–124, 1995.

Ladusaw, William. On the notion affective in the analysis of negative-polarity items [1980]. *In*: Portner, Paul H.; Partee, Barbara Hall. (eds.). **Formal Semantics: The Essential Readings**, Oxford: Blackwell Publishing Ltd. p. 189-222, 2002.

LeGrand, Jean Ehrenkranz. **Or and Any: The semantics and syntax of two logical operators**. 1975. Tese (Ph.D. em Linguística) – University of Chicago, Chicago, 1975.

Lewis, David. Adverbs of Quantification [1975]. *In*: Portner, Paul H.; Partee, Barbara Hall. (eds.). **Formal Semantics: The Essential Readings**, Oxford: Blackwell Publishing Ltd. p. 178-188, 2002.

Rooth, Mats. On Lewis’s “Adverbs of Quantification”. *In*: McNally, Louise, Szabó, Zoltán Gendler (eds.). **A Reader's Guide to Classic Papers in Formal Semantics**. Studies in Linguistics and Philosophy, vol 100. Springer, p. 295–310. 2022. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-85308-2\\_16](https://doi.org/10.1007/978-3-030-85308-2_16).

McNally, Louise. Existential sentences. *In*: von Stechow, Klaus; Maienborn, Claudia; Portner, Paul (eds.). **Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning**. Vol. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 1829–1848. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110255072.1829>.

Milsark, Gary. **Existential sentences in English**. 1974. 260 f. Tese (Ph.D. em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1974.

Móia, Telmo. Aspectos da semântica do operador qualquer. **Cadernos de Semântica**, v. 5, p. 1–46, 1992.

Müller, Ana. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 39, 131-148, 2000. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v39i0.8636942>.

Partee, Barbara Hall. Compositionality. *In*: Partee, Barbara Hall; ter Meulen, Alice Geraldine Baltina; Wall, Robert Eugene. **Mathematical methods in linguistics**. Vol. 30. Springer Science & Business Media, p. 317– 338, 2012.

Partee, Barbara Hall. Compositionality. *In*: Partee, Barbara Hall. **Compositionality in formal semantics: Selected papers**. New Jersey: John Wiley & Sons, p. 153–181, 2008.



Partee, Barbara Hall. Opacity, coreference, and pronouns. **Synthese**, v. 21, p. 359–385, 1970. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00484805>.

Polakof, Ana Clara. The negation of cualquier NP. **Isogloss**, vol. 7, p. 1-24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/isogloss.113>.

Quadros Gomes, Ana Paula. **‘Todo’, ‘cada’ e ‘qualquer’: exigências sobre a denotação nominal e a verbal**. 2004. 405 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Quadros Gomes; Ana Paula; Sanchez Mendes, Luciana. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

Pires de Oliveira, Roberta. Qualquer e o conceito de livre-escolha. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 251–277, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000200005>.

Pires de Oliveira, Roberta. Refletindo sobre a escolha livre. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 52, n. 2, p. 197–212, 2010. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v52i2.8637189>.

Vendler, Zeno. Each and every, any and all. *In*: Vendler, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967. p. 70–96.

Vendler, Zeno. Each and Every, Any and All. **Mind**, v. 71, n. 282, p. 145–160, 1962

Visniec, Matéi. **A Palavra *Progresso* na Boca de Minha Mãe Soava Terrivelmente Falsa**. Tradução de Luiza Jatobá. 1º. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2015. 112 p.

von Heusinger, Klaus. Specificity. *In*: von Heusinger, Klaus; Maienborn, Claudia; Portner, Paul (eds.). **Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning**. Vol. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 1025–1058. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110255072.1025>.